

UMA NOITE DE PRAZER TRAZENDO
CONSEQUÊNCIAS IRREFREÁVEIS.

CONSEQUÊNCIAS DE UMA noite



FAMÍLIA DANGELO - LIVRO 2

GISA SR



UMA NOITE DE PRAZER TRAZENDO
CONSEQUÊNCIAS IRREFREÁVEIS.

CONSEQUÊNCIAS DE UMA noite



FAMÍLIA DANGELO - LIVRO 2

GISA SR

FAMÍLIA DANGELO - LIVRO 2

GISA SR



UMA NOITE DE PRAZER TRAZENDO
CONSEQUÊNCIAS IRREFREÁVEIS.

Copyright © 2020 Gisa RS

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos de imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Revisão: Wânia Araújo

Capa: Cenna Nunes

Diagramação Digital: Jack A. F.

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido pela lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Edição Digital | Criado no Brasil

1º Edição

Maio de 2020



SINOPSE

Uma noite de prazer, uma mulher mascarada e um homem apaixonado.

Nicolas, o caçula da família Dangelo, não está procurando um relacionamento, mas uma noite inesquecível de prazer acaba mudando isso. Uma mulher misteriosa desperta-lhe sentimentos incontroláveis e, como mágica, desaparece. Por meses, ele a procura, querendo ter mais um pouco daquilo que experimentaram juntos. O que ele não espera é que o amor esteja tão perto dele e que aquela noite trará consequências irreversíveis, das quais ele não pode fugir.



[Sinopse](#)

[Dedicatória](#)

[Sobre esta obra:](#)

[Prólogo](#)

[Amor... paixão... amor...](#)

[Entregando-se ao desejo](#)

[Cedendo ao inevitável](#)

[Um engano](#)

[A busca](#)

[Reconquistando amizades](#)

[Nada mudou](#)

[Uma noite devastada](#)

[Só nos resta sonhar](#)

[Surpresas virão](#)

[Consequências](#)

[O reencontro](#)

[A descoberta](#)

[Uma decisão](#)

[Uma decisão de peso](#)

[Um novo horizonte](#)
[Uma interrupção](#)
[Consciências do amor](#)
[Uma trégua](#)
[A mentira](#)
[Um sopro de ar](#)
[A conquista](#)
[A incerteza do amanhã](#)
[A entrega](#)
[O que vem depois?](#)
[Rosa ou azul? Talvez o arco-íris](#)
[Sentimentos](#)
[Decepção](#)
[A certeza do amor](#)
[Epílogo](#)
[Duas vidas](#)
[Agradecimentos:](#)
[Outras obras da autora:](#)
[Próximos lançamentos:](#)
[Biografia](#)
[Para conhecer mais trabalhos da autora](#)



DEDICATÓRIA

Dedico este livro a quem esteve ao meu lado, meus leitores que me impulsionam dia após dia a compor mais e mais capítulos. À minha família e a Deus, que é o responsável pelo meu levantar e pelo meu respirar, devo tudo a Ele!



SOBRE ESTA OBRA:

Não foi fácil... nunca é, mas destrinchar a personalidade de Nick e Antonella foi algo realmente desafiador. Dar vazão a sentimentos tão bonitos e conflitantes, além de falar de amor, meu sentimento favorito no mundo, foi mágico!

Foi doce a estrada até aqui e espero que essa linda história toque seu coração como fez com o meu enquanto a escrevia. Sentimentos lindos nasceram nesse livro, além de um tema difícil, que me trouxe dúvidas se deveria realmente abordá-lo.

Por fim o fiz e sou grata. Espero que gostem!



PRÓLOGO

AMOR... PAIXÃO... AMOR...

Espera-se que o amor seja encontrado de forma mágica, diferente e excitantemente distinta, que, ao olhar para aquela pessoa, digo, aquela pessoa, seu coração venha a bater à mil por hora, a boca seque, o frio na barriga se faça presente e as pernas bambeiem. É, todos concordam que são, de fato, sensações únicas, mas facilmente corrompidas.

Porém o amor é só isso? Não estás a confundir as coisas? Hoje, acredita-se que não podemos escolher por quem se apaixonar, mas que podemos, sim, escolher quem amar. Bom, quanto a isso eu não sei, mas pode ser que aquele amor que um dia irá fazer seu coração bombear sangue mais rápido e o polo Sul morar em seu estômago esteja ali, do seu lado, diariamente.

Talvez essa pessoa não lhe desperte paixão, mas, caro leitor... a paixão por vezes é tão curta e ilusória, até. E acredite, mais vale uma vida de amor, que poucos dias de paixão. Faça sua escolha, e lembre-se: pequenos gestos podem despertar paixões verdadeiras, intensas e duradouras. Olhe ao redor, apaixone-se a cada novo dia por uma mesma pessoa, tendo espelhado nela todo o seu amor.



CAPÍTULO 1

ENTREGANDO-SE AO DESEJO

Estava quente, a rua era um emaranhado de gente e Nicolas estava se perguntando o que diabos estava fazendo ali, por que aceitara aquele convite um tanto insano para aquela hora da noite? Outrora, quando era mais jovem, ele não reclamaria, já agora... Claro, estava perto do feriado do Ano Novo, ainda assim... Se fosse uma noite mais propícia, seria perfeito, mas não naquela noite, no auge dos seus quase 30 anos, aquela diversão já não lhe parecia tão boa assim.

Ainda mais olhando os últimos acontecimentos envolvendo sua família, a correria do trabalho, a carga que estava sobre seus ombros com a falta de Dean, o irmão mais velho, na presidência da empresa Dangelo.

— Venha, Nick. O iate está logo ali — Tony, seu amigo de infância, o chamou e ele saiu da *Dodge*, praguejando internamente, enfiando as chaves e o celular no bolso.

— Cara, o que eu tô fazendo aqui? Tenho mil e um projetos para analisar.

— Pare de reclamar, está deixando Dean e Anita te estragarem com essa de trabalho, trabalho e trabalho... Relaxe, teremos bebida, boa comida, mulheres... o que mais iríamos querer? E amanhã pode voltar para um dia pacato de trabalho.

— Tony... — Nick respirou fundo, lembrando o dia que tivera. — Eu tive um dia estressante. Dean praticamente não está indo à empresa por conta de Livia, aquilo lá está sobre os ombros de Anita e os meus. Eu estou morto, cara. Só quero aproveitar a penúltima noite do ano em casa, como estava fazendo antes de você praticamente arrombar minha porta.

Tony olhou-o por cima do ombro e sorriu, não dava a mínima.

— E vai descansar, meu amigo, quando enfiar teu pau em uma boceta quente e gostosa. Confie em mim, essa noite teremos coisa de primeira.

Anda, pare de reclamar como a minha irmã, seja gentil e comece a me agradecer por te buscar.

Nick revirou os olhos, mas não disse mais nada, apenas o seguiu. Tony era o tipo de amigo para todas as horas, divertido e sacana. Um homem de estatura média, no auge dos seus 29 anos, de cabelos loiros e sorriso despojado. Corpo musculoso, resultado de treinos constates como o bom fissurado que era em exercícios físicos, e um humor invejável.

Eles se conheciam havia anos, se formaram juntos e, hoje, Antony era um dos advogados da Dangelo, seu braço direito no setor e responsável pela parte administrativa, já Nicolas ficava a cargo da organização dos contratos, projetos e tudo que fosse mais meticuloso. Desde cedo, tinha sido escolhido pelo pai para aquele cargo, não que se imaginasse fazendo algo diferente como acontecera com o filho mais velho da família Dangelo, seu irmão Willian. A ovelha desgarrada que, pelas regras do pai, deveria ser o presidente da empresa.

Bom, William foi o único que não quis seguir pelo caminho do ramo empresarial, deixando Dean, o segundo filho mais velho, à frente da empresa, para seguir sua paixão: a ciência. E, de fato, Dean levava mais jeito com a coisa, tinha saído idêntico ao patriarca da família, com um tino excelente para os negócios, além de Anita, a terceira filha.

Nick olhou em volta, a festa aconteceria em um iate ancorado no porto, a música eletrônica alta já se ouvia e, mais uma vez, Nick recriminou-se, mas, já que estava na chuva, iria se molhar. Já tinha saído de casa, então iria aproveitar, pronto, estava decidido. Talvez Tony até tivesse razão, estava ficando ranzinza como Dean.

Logo estavam entrando no deck do grande e bem ornamentado iate, com uma decoração feita com máscaras em preto e dourado, sombria, deixando o local íntimo e sensual. Elevou as mangas da camisa preta de tecido fino que moldava seu dorso, acompanhando com o olhar a morena alta em um salto 15 que desfilou à sua frente, segurando uma taça de champagne rose na mão, usando apenas um minúsculo biquíni amarelo fluorescente e uma máscara. E uau...

Tony estava certo, ali à sua frente estava um banquete de sexo fácil, notou então que a festa tinha as máscaras como tema. E daquela vez ele chegou a rir consigo mesmo. Ficaria poucas horas, se faria presente, transaria com alguma das garotas contratadas pelo anfitrião e então iria embora, saciado, relaxado, e amanhã estaria pronto para mais um dia de trabalho, o último do ano.

Cumprimentou alguns conhecidos e ficou observando o ambiente, tão logo David, filho de um dos sócios de seu pai e o dono da festa, se aproximou com um sorriso largo e debochado para cumprimentá-lo e não poupou gentilezas. Aquele não era um de seus melhores amigos, mas sabia como receber alguém em suas festas.

— Escolha a que quiser, meu amigo. Todas aqui são profissionais do sexo.

Nick sorriu. Era comum nas festas que David organizava ter orgia explícita e aquela era uma daquelas ocasiões, mulheres, sexo e drogas. O mundo burguês tinha muito daquilo a oferecer e, quando mais jovem, Nick aproveitou tudo o que aquele mundo, seu mundo, oferecia muito bem, mas, ao que parecia, estava na hora de parar, já não via tanta graça ou excitação assim.

— Obrigado, David. Fiquei contente pelo convite — mentiu gentilmente, recebendo batidinhas em seu ombro e vendo-o sair em seguida para cumprimentar outros convidados.

O garçom passou ao seu lado e o serviu com um copo de uísque e Nick se recostou no parapeito, admirando cada belo exemplar ali disposto. Recriminou-se pela palavra usada, mas sentia-se em uma loja, pronto para escolher alguma peça de roupa, só que ao invés daquilo, eram corpos femininos na vitrine, prontos para lhe dar prazer. Parecia errado, mas, bem, era o trabalho das garotas e estavam pagando por isso. Era errado? Dependia do ponto de vista.

Nicolas ficou a observar, enquanto garotas mascaradas, embaladas em pequenos biquínis coloridos iam de lá para cá, praticamente nuas. Algumas já estavam acompanhadas.

Colocou uma mão no bolso e tomou sua bebida, tentando escolher qual seria a sua acompanhante da noite. Olhou a morena que o fitava, encostada na parede oposta, ela riu de forma sensual ao perceber seu olhar avaliador, predatório, e ele gostava daquele jogo.

E qual mulher ali não o queria? Um homem alto, de corpo magro, delgado, cabelos negros e olhos de um azul-celeste, quase um anjo, se não julgassem seus gostos e perversões. Talvez um anjo caído? A imagem da perfeição e ele sabia daquilo, Nicolas era ciente do poder que tinha com as mulheres, de como o bebiam com o olhar. Avaliou cada parte do corpo exposto da mulher mais à frente, mudando seu foco em seguida, era muito magra e ele tinha preferência por mulheres mais voluptuosas.

Frustrou a morena de pernas alongadas e apreciou o lugar por mais alguns minutos, mas nada ali parecia realmente mexer com ele, ou melhor, ninguém. Agora ele próprio estava frustrado, procurou Tony com o olhar, decidido a ir embora, e o encontrou não muito distante, agarrado a uma loira com seios invejáveis.

Perguntou o que havia de errado consigo, em um dia comum, ele estaria se sentindo com sorte por ter um banquete sexual à sua disposição. Negou com a cabeça, não era possível, ou até era, se julgasse o estresse que sua família vinha passando, o peso que estava carregando com a Anita.

Aprumou o corpo, estava claro que aquela noite não era para ele. Talvez estivesse mudando, quem sabe apenas sexo já não fosse tão chamativo assim. Depois de assistir ao relacionamento do irmão mais velho, de ver como o amor mudava alguém, acalentava, tinha começado a achar que apenas sexo era vazio demais, cansativo até.

Na última semana, ao ver a felicidade de Dean por ter Lívia de volta, tinha começado a se indagar se não era hora de ter algo sólido, de experimentar o amor de alguém.

Nicolas jamais se relacionava com alguém por mais que duas noites, mas aparentemente o que vinha depois começava a incomodá-lo de uns tempos para cá, principalmente, o vazio que sentia após o sexo e não importava mais se tinha sido bom ou excepcional. E se deu conta de que

invejava, por exemplo, a relação que o irmão Dean tinha construído com Livia. Fora, de fato, um relacionamento perfeito. Fora... tinha alguma certeza de que voltaria a ser, ambos mereciam viver aquele amor que o destino tinha interrompido.

Deixou o copo sobre o parapeito e virou-se, não olhando ao redor quando, e a passos largos, se pôs a sair dali.

Quase derrubou algo, ou melhor alguém, ao bater em um corpo quente. Segurou os braços finos com ambas as mãos, impedindo que a moça em questão fosse ao chão, mas algo caiu, ele mal olhou o que era e a moça arfou, um pequeno gemido deixando seus lábios quando ele a segurou firme pela cintura e ela o olhou. Seus olhos se encontraram e ele viu quando a moça os arregalou como pratos, sentiu medo de que caísse aos seus pés, parecia surpresa, abaixando a cabeça em seguida.

— Des... desculpe, senhor...

— Dangelo — ele completou.

— Desculpe, senhor Dangelo. Não o vi.

Nick sorriu, gostando do que viu no fundo daqueles olhos por um breve momento, mais ainda gostando do cheiro que ela exalava, vendo grande parte de seu rosto coberto por uma máscara negra que aguçou sua curiosidade, deixando a mulher de pele clara ainda mais sensual. O que exalava dela era algo suave, misturado ao cheiro de mulher, e então percebeu que poucas ali não estavam usando máscaras.

— Eu que devo pedir desculpas, não olhei ao me virar — disse, talvez notando só então que a mulher não vestia um biquíni, mas sim uma calça preta de couro colada ao seu corpo e um corselete de renda preto tomara que caia, que ressaltava suas curvas e os seios pequenos e empinados. Nicolas sentiu vontade de descobrir o que estava por baixo daquela roupa toda.

O que estava fazendo? Tinha acabado de deixar claro sua não preferência por mulheres magras e agora estava aparentemente interessado por uma mulher magricela e de aparência jovem, talvez porque, de fato, o que lhe chamou a atenção nela foram o olhar e o cheiro, algo inusitado para ele.

— O senhor pode me soltar agora — ela disse, mas ele não o fez.

Ao contrário, Nick sorriu e estreitou ainda mais o aperto com um braço em sua cintura, subindo uma mão suavemente pelo braço dela, sentindo a maciez da pele e parando em seu rosto. Viu com excitação quando os pelos do pescoço da garota se arrepiaram e aproximou seu rosto de sua jugular, soprando a pele macia, chegando perto da sua orelha.

— Sabe o que gostei em você? — Ela negou com um aceno. — Toda essa sua roupa, me deu uma vontade insana de arrancá-la de você.

Ouviu quando a mulher arfou em resposta e, se ela não estivesse de máscara, a teria visto corar também.

— Senhor... — disse, mordeu o lábio inferior e aquilo foi uma perdição para ele.

Ele tocou os lábios da jovem e então subiu o dedo pela jugular pulsante, o sangue quente correndo nas veias dela, enquanto Nick sentia o seu se concentrar em um único lugar: no meio das suas pernas.

— Eu já estava indo embora, mas agora, sentindo seu cheiro, estou inclinado a ficar. Isso se disser que irá me deixar sentir o cheiro doce da sua boceta também. Diga.

— Não... — A voz não saiu nada segura, pois naquele momento a mulher não estava. Seu sexo estava pulsando, uma umidade diferente se formava em seu ventre e sua vontade era dizer sim.

Mas como poderia fazer aquilo? Ela olhou ao redor, envergonhada, vendo uma jovem ruiva se sentar sobre o colo de um dos homens, enquanto ele segurava os seios fartos nas mãos. Nick queria fazer aquilo ali? Ali mesmo com ela? A excitação a tomou, o proibido sendo tão doce, mas tão constrangedor ao mesmo tempo... e ele pareceu perceber, estranhando a resposta.

— Ah, entendi, não quer aqui? Por isso não está se expondo tanto? — perguntou, ao pé do ouvido dela, fazendo todos os seus pelos se eriçarem. Estava excitada e queria aquilo, queria que fosse com ele e deixou a resposta sair em sussurro.

— Sim.

Ele sorriu, sedutor, puxando-a e colocando-a em frente ao seu corpo, abraçando-a e fazendo-a andar para o interior do iate não muito cheio.

— Senhor Dangelo, eu...

Ela não terminou a frase, Nick a empurrou contra a parede do corredor e tomou seus lábios com perversão. O beijo foi profundo, sedento, louco, e ela nunca tinha sentindo aquela sensação. Deus do céu... Sentiu quando a perna dele invadiu o meio das suas, afastando-as.

A moça retribuiu aquele beijo com excitação, em um primeiro momento timidamente até que deixou-se ir e abriu a boca carnuda, entregando-se de vez.

O beijo foi doce e Nick gemeu ao sentir o gosto perfeito, a forma como ela se encaixava no seu corpo. Ela era deliciosa, um verdadeiro pecado e ele se queimaria naquela noite.

— Diga-me, nunca fez assim? — disse, puxando uma respiração, afundando o rosto no pescoço leitoso, e explicou: — Em público?

Primeiro a mulher em seus braços gemeu, sentindo a perna dele roçar seu sexo sobre o tecido da calça, aquilo era delicioso.

— Não, nunca fiz... — A voz aveludada não passava de um sussurro.

— Tem vergonha? Ora, nessa vida que quer levar não há espaço para isso — disse e procurou os olhos femininos.

Por instantes, a linguagem corporal dela mudou, ficou tensa, e em seguida ela sorriu, diferente, dona de si, olhando ao redor.

— Quer me mostrar então como pode ser bom? Como a adrenalina excita?

— Ah, garota. Você brincou com fogo agora!





CAPÍTULO 2

CEDENDO AO INEVITÁVEL

A mulher sentiu Nick a apertar mais contra seu corpo, descendo suas mãos pelas curvas, segurando a bunda magra e redonda, trazendo-a para ele, beijando sua boca com pressa e erguendo-a, lançando suas costas contra a parede e mergulhando sua língua na boca feminina.

A mulher deixou escapar um pequeno gritinho e não sabia ao certo o que sentia. Ali, era Nicolas Dangelo, um dos herdeiros de um império, e estava agora em seus braços. Quando iria imaginar algo assim? Aquele homem era quase um fruto proibido, já ela... Bem, o que aquilo importava agora? Poderia simplesmente esquecer tudo ao seu redor e se entregar àquele desejo que estava dominando todo o seu corpo.

Agora, aquele homem a queria, fora a primeira vez que a tinha visto de verdade e ela daria tudo de si apenas naquela noite, sem se importar com o que viria depois, na verdade, não haveria um depois. A Gata Borracheira teria uma noite de Cinderela e só...

Bem, talvez estar na cama com Nick não fosse bem o sonho da Cinderela, nem aquela festa regada a orgia era seu tão sonhado baile, mas ali, com aquela máscara, ela poderia ser o que quisesse, quem quisesse e, naquele momento, só queria estar nos braços daquele homem.

Escutaram um barulho, pareciam passos, e sentiu a mão dele entrar em seus cabelos, segurando-os com certa força enquanto a outra buscou seu sexo sobre a calça colada. Ele levou os lábios ao seu ouvido e sussurrou:

— Está com medo? Medo de que nos vejam? A putinha gosta de privacidade? — perguntou, arrastando a boca molhada por seu pescoço.

A garota gemeu, excitada e ao mesmo tempo envergonhada, temendo que alguém os visse naquela cena de depravação, mas aquilo a empolgava, não podia negar.

Mas quando, de fato, alguém parecia estar próximo, Nick a desgrudou

da parede, pegando-a em seu colo, empurrando a porta ao lado e adentrando em um quarto com ela atrelada ao seu colo. Estava a cada minuto mais excitado, o sexo dela esfregava-se ao seu e a mulher parecia não notar que estava deixando-o louco.

Nick a queria e não sabia dizer se o que estava embriagando-o era o cheiro delicioso, o olhar ou o fato de não poder vê-la completamente, aquilo criava um mistério. Tinha pressa, colocou-a sobre a mesinha de canto perto da porta e a olhou, levando a mão ao seu rosto para tirar a máscara negra, mas a garota virou-se e segurou sua mão, os olhos arregalados.

— Não. — Foi incisiva ao se negar a revelar o rosto e Nick sorriu, deixando a mão cair sobre sua perna.

— Okay, então me diga ao menos como a chamarei... — pediu, solícito, um meio sorriso estampando sua face.

— Sem rostos, sem nomes, sem sentimentos... E, se ainda assim quiser um nome, me chame de Viúva Negra, é meu disfarce essa noite!

Nicolas ampliou o sorriso, gostando daquele jogo.

— Então esse é o seu disfarce? Gostei, gostei muito, mas uma hora terá que me dizer seu verdadeiro nome, Viúva... — Sua mão foi ao pescoço delicado, descendo vagorosamente pela lateral, seus olhos não deixando os dela, seus dedos encontrando o limite do busto coberto pelo espartilho e, com um sorriso cheio de malícia, Nick desabotoou o primeiro fecho.

— Diga para mim como gosta.

Ela fechou os olhos, deliciada com seu toque, deitando a cabeça de lado.

— Forte, como acho que sabe fazer, estou em suas mãos, hoje sou sua.

E ali ele pensou que aquela mulher com um olhar sedutor sabia como enredar um homem. O mistério, a pele iluminada, o corpo magro e bonito, o cheiro... toda aquela mistura estava levando-o ao limite do desejo, da sedução. Nick abaixou parte da peça, expondo os mamilos e agarrou um de seus seios, descendo a boca sobre ele, faminto, cheio de desejo.

A mulher arfou, levando a mão aos cabelos castanhos e lisos, deixando um gemido escapar por entre seus lábios.

Ela se viu querendo mais, extasiada com um simples toque, imaginando o que sentiria quando ele a tivesse por completo. Sentia a boca macia engolindo seu seio com fome, fazendo o movimento rápido com os lábios, colocando a pressão certa e fazendo-a gemer como se já estivesse penetrando-a. Era delicioso e pressionou sua pélvis um pouco mais contra ele, tentando trazer alívio ao seu sexo, que latejava, sendo encharcado de prazer.

Iria mesmo entregar-se para Nicolas... Quando, em seu verdadeiro mundo, teria aquela chance? Era errado de muitas as formas, mas ela pouco se importava, aproveitaria cada momento como estava fazendo, ao puxá-lo para si, exigindo mais.

Nick não deixou seu olhar quando se afastou, levando suas mãos para a lateral da calça, abrindo o zíper até o meio da perna e tirando-a. Agachou-se, abrindo suas pernas de supetão, arreganhando-as para ele e viu os olhos dela se ampliarem ao tentar fechar as pernas por impulso, perdendo qualquer noção quando Nick levou o rosto até o meio de suas pernas, puxando uma respiração profunda e sentindo o cheiro mais íntimo da sua Viúva.

Ela estava molhada, molhada por ele, e aquilo, junto ao cheiro de mulher que ela exalava, levou o resto da sua sanidade. Nick sorriu ao ver a pele entre suas coxas se arrepiar ao seu toque e, com os olhos azuis cravados nos dela, pincelou a língua por cima da peça negra de renda, perfeita, pequena, tampando o sexo molhado.

Logo deu-se conta de que causar nela, ainda que fossem pequenas sensações, o excitava ao extremo a ponto de conseguir gozar apenas esfregando-se nela, como se fosse um adolescente virgem. Levou as mãos à renda fina da lateral da calcinha, puxando-a e fazendo-a arfar ao mergulhar a língua na intimidade rosada, sugando com força.

— Ni-co-las... — sussurrou e ele não parou, adorando seu sabor.

Cravou os olhos nela e enfiou os dedos em sua intimidade, encontrando o sexo escorregadio e molhado pedindo por mais. Ele a olhou e ali tinha

olhos famintos fitando-o de volta com um brilho diferente, os seios nus subindo e descendo rápido, seios perfeitos. Sem aviso, ele a puxou de cima da mesa, colocando-a de pé e virou-a abruptamente, estapeando sua bunda.

— Ah...

— Vamos, coloque as mãos na mesa e empine esse rabo gostoso para mim.

Ela o fez, esperando a penetração, até chegou a sentir certa decepção ao imaginar que as preliminares estavam acabando tão rápido, e o procurou por sobre o ombro.

Nick fechou os olhos por instantes, segurando seu pau ainda dentro da calça, que babava para tê-la e viu-a olhar para ele, mordendo o lábio inferior. Colocou as mãos nas laterais da bunda bonita e as abriu para ele, mergulhando o rosto entre elas e sugando novamente sua carne.

— Deus do céu... — ela exclamou, extasiada, dando-se conta de que tinha falado em voz alta quando ele a respondeu:

— Não, não é Deus aqui, safada...

Era um pervertido, um pervertido delicioso e ela estava começando a se perder nas sensações que ele estava lhe causando.

— Por favor, não pare agora, não pare... — suplicou e ele adorou o que lhe provocou, passando a língua por seu ânus, descendo novamente para seu sexo e brincando com seu clitóris.

— Isso, assim... vai...

Sorrindo, ele deixou a língua áspera mais leve, macia, e sugou o clitóris inchado, voltando a lamber com pressa, em círculos. Foi o fim para a Viúva, ou fosse talvez apenas o começo daquela noite de prazer.

— Eu vou, eu vou...

— Isso, vai, goze na minha boca...

E ela se agarrou à mesa, os nós dos dedos ficando brancos enquanto gritava sem pudor algum, chamando por ele, extasiada, até suas pernas

estarem tremendo e não mais aguentarem seu próprio peso.

Nick a sustentou, abraçando sua cintura e segurou seus cabelos, trazendo-a para junto dele, beijando-a com desespero. Queria que ela sentisse seu próprio sabor, o mesmo que estava fazendo seu pau inchar e pulsar dentro da calça, ainda assim, queria brincar mais com ela, lhe dar mais e mais prazer.

Ele a arrastou consigo até a cama redonda ali perto e jogou-a sobre ela, vendo os cabelos curtos e loiros se espalharem sobre o lençol branco, uma imagem que mexeu com ele e se viu curioso além do possível para ver o rosto atrás da máscara.

— Tão relaxada... mas não estou nem perto de terminar com você. — disse, fazendo-a abrir os olhos e fitá-lo. Ele não soube precisar a cor deles.

Nicolas começou a se despir, parado próximo à cama, jogando a camisa no chão ao som de *Dusk Till Dawn*, perfeita para abafar gemidos de prazer. Não demorou a jogar a calça junto da outra peça, vendo a mulher levantar parte do corpo, usando os cotovelos para se segurar, olhando-o com gula e curiosidade.

A cueca azul marcava o membro ereto e ele sorriu ao passar a mão aberta por seu abdômen, chegando ao membro e tocando-o.

— Quer vê-lo? Tocar? — perguntou, excitado, acima da música, o membro completamente ereto.

— Quero e quero você dentro de mim.

Ele também queria aquilo e enfiou os polegares no cóis da cueca, tirando-a e expondo a ereção.

A boca dela salivou, o membro dele era o que uma mulher chamaria de perfeito. Não era grande demais, não, mas era grosso, muito grosso e rodeado por veias, com a cabeça polpuda rosada. E ela teve vontade de provar a gota transparente que transbordou da ponta.

— Quer provar? — perguntou, masturbando-se vagarosamente, passando o polegar pela ponta, espalhando a gota de sua excitação, e ela

apenas meneou a cabeça, vendo-o fazer o movimento de vai e vem em seu pau.

Ela queria e muito. Viu-o ir até onde tinha jogado sua calça junto da calcinha, pegar a peça de renda e voltar para perto dela.

— Venha aqui, ajoelhe-se e me chupe, me mostre o que pode fazer. — Aquele tom não era o timbre usado para um pedido, não, ele estava dando uma ordem e foi impossível para a mulher continuar na cama.

Ela se levantou, ficou de pé, de frente para ele e, com malícia, uma que talvez nem mesmo ela esperava, levou as mãos ao fecho do espartilho, terminando de tirá-lo e jogando-o ao seus pés, sem deixar um segundo sequer os olhos de Nicolas, que a olhava como uma fera faminta, deliciado com o que via.

— Provocadora...

E ela apenas sorriu em resposta, gostando do fato de se sentir à vontade com ele. É claro que se sentiria, naquele quarto, naquela noite, não era ela.

— Me dê suas mãos.

— Como?

— Ambas as mãos em frente ao corpo, unidas.

A mulher riu, mas obedeceu e o viu amarrar seus pulsos com a calcinha em sua mão, olhando-a com perversão.

Agora nua e com as mãos literalmente atadas, ela se ajoelhou à sua frente, com um sorriso nos lábios. Levou ambas as mãos unidas ao membro excitado e o tocou, substituindo a mão de Nick pela sua, movimentando sua mão de forma lenta. Sorriu antes de vagarosamente aproximar sua boca do membro de Nick e passar a ponta da língua na cabeça rosada, limpando o resquício transparente de sua excitação, provando, como se estivesse degustando. Parou e passou a língua nos lábios, pegando cada parte do seu gosto, para depois abocanhar o pau grosso, fazendo certo esforço para engoli-lo por completo.

Nicolas gemeu, tirando as mãos dela e segurando ele mesmo a base do

seu pau. Ela adorou o som rouco que deixou sua garganta, dando mais intensidade ao que estava fazendo, enquanto ele se masturbava, instigando-a a engoli-lo inteiro, chupando-o com força, sugando com gana.

Nick se segurou para não gozar com cada movimento que assistia, a boca quente que o sugava e lambia era uma perdição e ele não demoraria muito, se ela continuasse a chupá-lo tão gostoso. A infeliz sabia como manusear a língua e estava enlouquecendo-o. Segurou-lhe a nuca e puxou seu pau da boca suculenta, fazendo-a olhar para ele.

— Se continuar, irei gozar na sua boca.

— E isso é ruim? — perguntou, com um sorrisinho no canto da boca, provocando-o.

— Não, mas primeiro vou comer essa boceta deliciosa e depois vou gozar na sua boca, isso será na segunda vez.

Ora, então teria uma segunda vez?, ela se perguntou e sorriu internamente. Não, não teria, mas o deixaria acreditar naquilo.

— Vá, deite-se na cama — disse e se afastou dela, indo até o canto e pegando no bolso da calça um preservativo.

A mulher fez o que ele pediu e esperou com as mãos amarradas, olhando cada movimento dele ao colocar o preservativo em seu membro. Admirando o corpo dele, o rosto másculo, o maxilar travado, os olhos azuis escurecidos e um pequeno sorriso na boca bem desenhada.

Nick se aproximou dela, sentada na cama, e segurou seus cabelos, beijando sua boca e mordendo seus lábios. O beijo era intenso, cheio de desejo como ambos estavam sentindo. Geceram juntos quando ele a deitou na cama devagar, descendo a boca por seu queixo e pescoço, encontrando os seios e abocanhando um, fazendo-a gemer e se contorcer com o simples sugar, enquanto se via um tanto impotente, amarrada. Ele adorava isso.

Segurou o bico do seio entre os dentes, segurando o outro com a mão, beliscando-o, deixando seu corpo em chamas. O corpo quente se contorcia embaixo do seu e aquilo o deixava maluco. Sexo sempre era relaxante para Nick, mas com ela estava sendo algo diferente, o jeito como o tocava, o

olhava, não era como alguém estranho.

— Você é perfeita, garota.

Ela sorriu, matreira, adorando cada segundo daquela noite, guardando-os para si.

— Como pode saber? Estou de máscara...

— Não é apenas a aparência que torna alguém perfeito — disse e viu os olhos dela se arregalarem por baixo da máscara, não esperava aquela resposta.

Ela sentiu o membro grosso roçar sua entrada e achou que sentiria dor ao ser penetrada, talvez pela espessura. Devagar, Nick introduziu seu pênis com cuidado, sabia que seu gozo a tinha preparado bem, a deixado escorregadia e, aos poucos, se enterrou por completo dentro dela, vendo-a morder os lábios, fechar os olhos e gemer, deliciada. Era a visão mais erótica que já tivera.

Nicolas a admirou, o rosto coberto, a sensualidade do momento, em especial os olhos, que apesar da sombra que não o deixava precisar bem a cor, eram a única coisa que poderia apreciar, além da boca carnuda e vermelha. Levou a mão ao seu queixo e fez com que ela o olhasse.

— Sua boceta é a mais gostosa que já provei até hoje.

Ela sorriu em reposta, sabia que era mentira, deveria dizer aquilo a todas, mulheres gostavam de ser enganadas. Talvez a carência fizesse aquilo. E agarrando o lençol branco da cama com força acima da sua cabeça, puxou-o, sentindo cada centímetro do membro dele dentro de si.

Virando o rosto para o lado, ela expôs para Nick uma marquinha em formato de coração atrás da orelha. Ele se viu a cada minuto mais curioso por ver o conjunto da obra completo, dar um rosto a quem estava atrás da máscara.

— Seu nome, quero seu nome...

Ela apenas gemeu em resposta e Nick estocou com força.

— Diga.

— Não!

Ele sorriu, saiu de dentro dela e a virou na cama, deixando-a de bruços. Levantou um pouco seu quadril e colocou um travesseiro para apoiá-lo, deixando a bunda apetitosa empinada na sua direção. Voltou a estocar com força, fazendo-a gritar e estalando um tapa em sua bunda.

— Gosta disso? — perguntou, entredentes, segurando seus cabelos e levantando minimamente seu rosto.

— Hum, gosto... me dê, me dê mais.

Ele apenas sorriu e foi mais fundo, estocando firme na boceta molhada. O cheiro e o barulho de sexo ecoavam pelo quarto, deixando-o mais excitado, sentindo um prazer único.

— Mais, me dê mais, Dangelo.

Ela era mesmo perfeita.

— Putinha insaciável. Fique de quatro!

Ela obedeceu, sem que tirasse o membro dele de dentro. Nick estocou uma, duas, três vezes, levando a mão ao clitóris sensível, massageando-o e fazendo o prazer ser profundo para ela. Logo firmou seu corpo e segurou em ambos os braços, acima do cotovelo, amparando-a.

— Deixe que eu te seguro.

Ela relaxou e deixou que ele a segurasse, sentindo-o ir mais fundo, tirando dela e de si mesmo um prazer insano.

— Nick, eu não vou aguentar...

— Não quero que aguarde, quero te ver gritar de prazer novamente, goze que eu te acompanho — disse, em êxtase, sentindo a boceta apertar seu membro em espasmos deliciosos.

Ela gritou, enlouquecida, e ele a seguiu, entregando-se ao prazer, gemidos e sussurros perdendo-se naquelas quatro paredes. E a noite só estava

começando. Só a deixaria sair daquele quarto quando conseguisse extrair tudo dela e de si mesmo, até mesmo um nome e um rosto.

Ele a soltou e a deixou cair sobre o colchão, trêmula pelo orgasmo, tirando dela o membro semiereto com a camisinha não muito cheia e melada do gozo dela.

Jogou-se ao seu lado, sentindo o cheiro que tanto tinha adorado e se deliciou, cansado e relaxado após o sexo, ouvindo-a bocejar ao seu lado.

— Com sono?

— Um pouquinho...

Ele sorriu consigo mesmo, uma mulher da noite com sono àquela hora... Bem, também estava, não podia culpá-la.

— Descanse um pouco, temos a noite toda pela frente.

Não, não tinham, Nick só não sabia daquilo ainda. Ele a viu relaxar, procurando seus olhos e a acompanhou no sono pós-orgasmo.



CAPÍTULO 3

UM ENGANO

Poucos minutos, um cochilo apenas e Nick estava acordado, abrindo os olhos rapidamente e perguntando-se onde estava o corpo quente que esteve deitado ao seu lado. Sentou-se na cama, o membro semiereto por pensar no que voltariam a fazer, o cheiro dela presente em todo o lugar. Ela tinha sido perfeita em cada toque, cada gemido...

— Viúva? — Sorriu ao chamá-la assim, sentia-se ridículo. — Onde se meteu? Tenho algo aqui para você...

Levantou-se, foi até o banheiro no outro extremo do quarto e não demorou a se dar conta de que estava sozinho. Completamente sozinho.

— Ela deve ter ido pegar alguma coisa para beber — pensou alto, mas algo lhe dizia que não era bem assim e a insatisfação começou a tomá-lo.

Sentou-se na cama, levantou-se, voltou a sentar e praguejou não apenas uma, mas várias vezes. Decidiu, por fim, a contragosto, ir em busca dela. Vestiu sua calça, a camisa, não se deu ao trabalho de calçar os sapatos e marchou em busca da mulher que deixou seu cheiro impregnado no corpo dele.

Quando a encontrasse...

Por um único instante de insanidade, se pegou sentindo ciúmes. Sim, aquilo mesmo, ciúmes. Ciúmes ao se imaginar adentrando o deck do iate e encontrando-a com outro, ou outros. Balançou a cabeça, tinha ficado doido? Só podia ser aquilo, que tipo de pensamento insano era aquele? Ciúmes... que piada!

Entrou no lugar vendo alguns corpos suados em uma dança sensual e erótica, alguns em uma orgia descarada ali mesmo, em frente a todos, e buscou, em meio a eles, sua Viúva. Mas não a encontrou, nada da mulher de cabelo loiro.

Encostou-se no batente do bar e esperou, olhando atordoado para todo o lugar, mas nada do corpo quente que há pouco estava levando-o à loucura. Viu então Tony e se desprendeu depressa do bar, indo até onde o amigo estava com uma loira linda, encaixada em seu colo, enquanto ele a acariciava.

— Tony, viu a mulher que estava há pouco comigo? — perguntou e em resposta Tony sorriu cinicamente.

— Há pouco? Já faz horas que não te vejo. — A embriaguez era clara na voz do amigo.

— Mas antes, viu por aqui a mulher que estava comigo? Ela usava máscara negra, calça e espartilho preto...

Tony negou e a mulher que estava em seu colo se levantou e foi até ele, passando a mão por seu tórax.

— Ah, gatinho... ninguém aqui está vestido, como pode ver. E por que procurar por ela se eu estou aqui? Que tal irmos os três para o quarto? — disse, sugestiva.

Em outros dias, quem sabe, mas não naquela noite, pois ele tinha um alvo claro em mente. Nick tirou as mãos da mulher do seu peito com delicadeza e apenas sorriu, negando o convite obsceno. Afastou-se e ficou um pouco mais por ali, olhando ao redor, mas nada encontrou, não o que procurava, ou melhor, quem. Voltou para o interior do iate e entrou com rapidez no quarto, mas antes cogitou ir de porta em porta em busca dela. Sorriu de si mesmo. Ora, era apenas uma boceta... certo?

E se convencendo daquilo, pegou o restante de suas coisas e saiu da marina a passos largos. Se ela tinha ido em busca de outro, então ele não teve importância. Ele a teve e foi bom, tocou cada parte daquele corpo e estava relaxado agora, ou deveria estar. Entrou no carro meio contrariado e foi para casa, tomaria um banho, se livraria do cheiro dela e teria uma boa noite de sono. Sim, era o que faria.

Mas não, não, foi aquilo que aconteceu. De fato, Nicolas chegou à casa, tirou a roupa, tomou banho, deitou em sua cama, agora dormir... Não, aquilo ele não fez, pois o que tivera com a mulher misteriosa horas atrás não deixava

a sua mente e se sentia extremamente contrariado por acordar sozinho na cama e excitado.

Já pela manhã, sem sono e cansado de ficar na cama, se levantou e, ao sair do quarto usando a calça do pijama, foi direto para a cozinha, sentindo o cheiro de café recém-feito. Encontrou Antonella em frente à pia, de costas para ele, vestida em seu usual uniforme preto e folgado. Sorriu ao vê-la ali.

— Já com o café pronto, Tonton? — perguntou e ela se virou para ele. Sempre o saudava com um sorriso no rosto, mas daquela vez estava franzindo a testa.

— Sim. Acordou cedo, senhor Dangelo, e, por favor, pare com esse apelido ridículo. — A mulher sorriu, vermelha, tentando lembrar há quanto tempo ele não usava aquele apelido.

— Acordei, ou melhor, nem dormir, para ser sincero.

Antonella era uma mulher jovem, 27, 28 anos? Ele não sabia dizer, apenas que tinha convivido com ela parte de sua vida, pois a mãe dela sempre trabalhou para a família Dangelo, na verdade, trabalhava até hoje e Antonella também chegou a trabalhar na casa da família antes de vir trabalhar para ele.

Quando ele saiu de casa e decidiu ocupar um espaço só seu, sua mãe insistiu que precisaria de alguém para cuidar do seu apartamento e alimentação, mesmo que ele dissesse que precisaria de alguém duas vezes por semana, no máximo. Conseguiu até enrolá-la por um tempo, mas, como previu, não demorou para Antonella estar trabalhando para ele e ocupando um dos quartos da casa alguns dias na semana. Ao lembrar daquilo, uma curiosidade acendeu.

— Tem namorado, Tonton? — provocou-a novamente.

A mulher virou-se para ele, olhos arregalados, sem ação, surpresa pela pergunta. Nos poucos meses em que estava trabalhando para ele, Nick havia tentado trocar uma ou duas palavras, mas não tinham progredido muito.

— Senhor?

— Namorado, tem namorado? — Ela apenas o fitou por alguns

instantes, parecendo estudar seu rosto. — O que foi, menina? Por que o susto?

— Nada, e não, não, tenho, senhor. Por quê?

— Nada, só agora me veio que tem algumas noites que não dorme aqui.

— Ah, sim. Isso é por conta da faculdade. Curso engenharia e quando saio mais tarde, é perigoso voltar sozinha.

Nick surpreendeu-se.

— Ah, sim. Engenharia? E está em que período?

— No último, quase lá. Já teria terminado se não tivesse trancado meses atrás, o que agora está me atrapalhando para encontrar um estágio.

— Ah... e quando não dorme aqui, onde fica?

— Vou para casa da minha mãe. Da sua mãe, no caso. Fica mais perto da faculdade.

— Hum... — disse, pensativo. — Mas não entendi uma coisa, se está procurando estágio, Antonella, já tentou a Dangelo?

Ela o olhou e Nick viu os olhos dela brilharem, só não sabia dizer o que estava no fundo das íris verdes.

— Seria um sonho, mas, bem, eu acho que não.

— Está louca, garota? Como não?

— Eu não quero. Não por ser eu. Quero conquistar algo por mim, senhor. Não por ser... a filha da empregada da família.

Nick ficou calado, apenas analisando-a e talvez, pela primeira vez, notou realmente Antonella depois de anos. O tempo havia passado e ela tinha se tornado uma moça bonita, apesar do uniforme folgado, seu rosto tinha uma beleza quase exótica, de encher os olhos.

— Me diga, tem um currículo aí?

— Sim, sempre tenho.

— Me dê. Irei levar para a Dangelo.

— Não, senhor... não precisa.

Ele parou a torrada a caminho da boca e a olhou.

— Está dizendo não para mim?

Antonella estava atônita, abriu a boca, fechou, gaguejou e nada saía. Ele quis rir.

— Não diga não. Vou levar, entregar para o RH e pedir para verem suas credenciais. Não irei dizer nada, nem exigir que a contratem. Se seu currículo for bom, irá ser contratada por mérito seu. Está bem assim? E será apenas um estágio, se continuará ou não, aí é com você.

Antonella torceu o pano em suas mãos e mordeu o lábio, pareceu pensar, e Nick se perguntou se ela estava louca, não tinha o que pensar.

— Tudo bem, vou pegar. Posso servir seu café, agora?

— Pode e deve, por favor.

Antonella sorriu e ele notou quando seu olhar passou por seu peito nu, mudando seu foco em seguida. Nick pensou que talvez não fosse uma pessoa tão boa assim quanto pensava. Nos meses que ela trabalhava ali, fora os anos na mansão quando praticamente cresceram juntos, era a primeira vez que se interessava por algo que Antonella fazia, além de cuidar das coisas dele. Quando parou de se importar? Eram companheiros de brincadeiras quando pequenos, andavam juntos até a adolescência.

Ele a viu colocar a mesa do café e se serviu em seguida. Olhou-a e a fez parar:

— Antonella, me faça companhia. Sente-se aí — disse de supetão e a mulher arregalou os olhos já grandes, negando com a cabeça.

— De jeito nenhum, senhor. Tenho muito a fazer.

— Sente-se e pare de me chamar de senhor. Quando éramos crianças era Nick e vai continuar sendo. Ande, sente-se. — Ela não o fez e nem o faria, ele notou. — É uma ordem — proferiu, por fim.

Antonella pareceu horrorizada, os olhos indo da cadeira para ele, enquanto Nicolas abria um sorriso sorrateiro.

— Ande, garota. Sente!

— Sen... — começou, mas parou quando o sorriso sumiu no rosto masculino. — Nicolas, não é apropriado.

— Bem, eu digo que é e, pelo amor de Deus, é só se sentar e me fazer companhia, minha mãe não está aqui para reclamar.

Sem jeito e olhando para o avental em seu corpo, Antonella se sentou o mais distante que pôde dele.

— Sirva-se. Sem protestos.

— Não estou com fome.

— Então tome café... — disse, arqueando uma sobrancelha. Antonella bem sabia que ele podia ser insuportável quando queria.

Ela o fez, pegando apenas café, meio a contragosto. Estava contrariada e Nick achou engraçado. Olhou mais atentamente para o rosto dela, olhos grandes, verde-escuro, rosto angular, bonito e pele clara, um nariz empinadinho, perfeito, e corpo aparentemente magro, a julgar pelo modo como o uniforme ficava folgado.

— O que foi? — perguntou, ao pegá-lo olhando para ela.

— Diga-me, Tonton — disse, era assim que ele a chamava quando eram crianças e ela odiava. — O que faz na sua folga?

— O senhor deve estar meio mal hoje. Bateu com a cabeça? Estou ficando preocupada — falou, arrependendo-se do feito em seguida.

Nick gargalhou.

— Por que isso?

— Bom... — começou, sem jeito. — Eu trabalho aqui há dois meses, nunca trocou mais que duas palavras comigo e, agora... bem, não me leve a mal, Nicolas, é só que está me deixando constrangida.

— Constrangida?

— Sim, constrangida.

— Éramos amigos de infância.

— Sim, o senhor disse bem, éramos. Crescemos e agora sou sua secretária do lar, é isso. Não é apropriado me sentar à mesa e o senhor sabe disso.

— Te desagrada eu te tratar assim?

— Não, não me desagrada... acho até atencioso da sua parte.

— Então?

— Está sendo impertinente agora.

Nick gargalhou novamente e viu os olhos dela se apertarem em desgosto. Estava se segurando e ali lembrou o quanto a garota era geniosa quando pequena, como adorava mandar nas brincadeiras, o que nunca dava muito certo, já que ele também gostava. Viviam mais brigando do que, de fato, brincando.

— Tudo bem, se não quer conversar... tome seu café calada, então, e depois traga seu currículo.

— Isso é uma ordem?

Garota impertinente, estavam indo tão bem...

— É, Antonella. É, sim. Coma, me faça companhia e será assim todos os dias. Tomará café comigo — ele a provocou, divertindo-se até que ela abriu a boca para protestar. Sem se importar, Nick abaixou o olhar e apenas proferiu: — É uma ordem!

Ele era maluco?, pensou ela. De onde tinha tirado aquilo?

E Nicolas estava adorando a situação, adorando o desconforto cintilando no olhar dela, a afronta. Tinha se esquecido daquilo, do quanto adorava provocá-la. E se perguntou como pôde? Sorriu consigo mesmo e, puxando uma respiração, se deu conta de que o cheiro da mulher misteriosa

ainda estava nele, mesmo após o banho.

Inferno!



CAPÍTULO 4

A BUSCA

Naquela manhã, após provocar Antonella ao fazê-la tomar café com ele, Nick foi para a empresa, perguntando-se estranhamente o porquê da distância que tinha nascido entre ambos. Eram, de fato, amigos. Lembrava-se até mesmo de um tipo de paixonite que achou que sentia pela garota quando era mais jovem, com os hormônios à flor da pele, mas ela não fazia parte do seu padrão de namoradinhas, não se encaixava em nada, menos ainda em seu meio social.

Meio social...

Um dos principais motivos que o afastaram de Antonella. Ela era a filha da empregada, aquilo nunca foi um empecilho para ele, não aquilo, mas as circunstâncias os afastaram. A menina cresceu e, mesmo estando ali, morando nos fundos da mansão, ele já não a via com tanta frequência, a mãe dela fazia questão de mantê-la afastada dele, talvez por ver como o filho dos patrões começava a olhar para sua filha.

Logo o tempo passou, aquela paixonite foi esquecida por ele, apesar de se pegar algumas vezes atrás das árvores, tentando vê-la de alguma forma. Ele riu consigo mesmo enquanto subia o elevador da empresa, imaginando o quanto era ridículo.

Após se propor a esquecer aquela paixonite infantil, não demorou para Antonella começar a trabalhar na mansão e assim a distância entre os dois ficou ainda maior, mesmo estando debaixo do mesmo teto. Hoje, nem ao menos sabia que faculdade ela fazia e perderam totalmente a intimidade de amigos, de crianças que, apesar de turrões, se entendiam bem e aquele sentimento fez algo apertar em seu peito.

Entrou em sua sala e à sua espera estava Anita, vestida em um terninho preto, sentada em sua cadeira, balançando o pé, com uma cara nada boa.

— Ora, onde estava?

— Bom dia para você também, Anne, dormiu bem?

— Vá para o inferno! Quando vai carregar nas costas o cargo que leva? Pelo amor de Deus, Nicolas, esqueceu da droga da reunião com os investidores?

Ele a olhou, fechando os olhos em seguida.

— Droga!

— É, é mesmo uma droga. Nick, Dean passou dois meses tentando marcar essa reunião, pelo amor de Deus!

— Me desculpe, Anne, perdi completamente a hora. Na verdade, não me lembrava da reunião.

Ela suspirou, voltou a se sentar e ele pôs sua pasta sobre a mesa de vidro. Anita era uma mulher alta, magra, imponente e elegante. Tinha uma beleza que chamariam de exótica, seus olhos tinham uma tonalidade diferente, como as águas do mar caribenho, um azul esverdeado, emoldurados por sobancelhas bem arqueadas.

Seu rosto era quadrado, simétrico, a boca em formato de coração tinha lábios espessos e vermelhos, e o nariz era fino, empinado. Seu corpo era curvilíneo, uma cintura fina, com quadris médios e seios fartos. Uma mulher que chamaria atenção aonde quer que fosse, mas que era conhecida pelo coração de gelo e agora sua raiva estava direcionada ao irmão mais novo.

— Me desculpe...

— Desculpas não adiantam, Nicolas.

— Eu sei, sei disso. A reunião...

— Aconteceu, claro. Eu não podia deixar que eles saíssem daqui com uma impressão péssima de nós. Mas são a droga dos russos, que veem uma mulher como uma merda qualquer. Que acham que, por termos vagina, não temos cérebro e talvez o fato de eu ter conduzido a reunião não tenha feito diferença, no fim das contas. Precisávamos de Dean ou de você lá.

— Você é a vice-presidente.

— Acha que não sei disso, eu sei... mas precisei disso aqui... — Ela fez um gesto como se estivesse limpando a testa — para que a reunião acontecesse. Me olharam com...

— E isso importa?

— Não, claro que não, mas o contrato é importante, milionário. Se perdermos...

— Não será sua culpa. Sei que você deu o seu melhor, melhor que eu e talvez até melhor que o tão temido Dean Dangelo. Não será sua vagina que nos fará perder o contrato. — E com aquilo Nick conseguiu arrancar dela um sorriso, pequeno, mas era um sorriso. Sentou-se à sua frente, olhando-a. — Fique tranquila.

— Você não tem jeito, Nick. Já tomou café? — ela perguntou, tentando recuperar a carranca, mas sentado à sua frente estava o único irmão capaz de lhe fazer sorrir nos piores momentos.

— Já e você?

— Não, saí cedo. Vou pedir algo, quer também?

— Só café preto. Teve notícias de Livia?

— Sim, ela está progredindo bem, mas a memória ainda não voltou. — O silêncio tomou conta da sala, assim como a preocupação de ambos com o irmão. — Dean está se apagando, Nick.

Ele sabia, todos ali sabiam e Nick soltou um suspiro cansado.

— Eu sei. Dean deveria deixar a menina vê-la. Livia é mãe e, mesmo que não saiba, suas lembranças estão lá, guardadas.

— Não seja tolo, Nick.

Livia era a cunhada de ambos, mulher de Dean, o segundo irmão mais velho. Os herdeiros Dangelo eram quatro. William, o primogênito e único filho a não querer laços com a empresa, seguindo a carreira de cientista, algo que amava. O segundo era Dean, o presidente das indústrias Dangelo, com o qual o destino tinha sido cruel ao colocar sua esposa em coma após um

acidente. Ainda assim, Dean nunca desistiu do seu amor.

Anita era a terceira filha e vice-presidente da empresa, ao lado de Dean, era uma mulher firme, imponente, que leva nas veias o sobrenome família. Já Nicolas, o caçula de quatro irmãos, era um tanto diferente de todos.

— Eu falo sério.

Ambos ficaram calados e ela se levantou, indo para o sofá de descanso disposto ali, pedindo seu café da manhã, enquanto Nicolas ia para sua cadeira, abrindo seu *notebook* e tirando alguns documentos da gaveta ao lado.

— Anne, sabia que Antonella faz engenharia? Na verdade, está quase terminando...

— Quem? — perguntou ela, displicente.

— Antonella, a filha da Maria.

— Ah, acho que mamãe comentou algo certa vez, Má deve estar orgulhosa, é a única filha. Ela trabalha com você, não é?

— Sim, trabalha há uns dois meses, acho... Está procurando estágio, acho que aqui pode ser um bom começo — ele tentou e Anita sorriu. — O que foi?

— Conheço você, Nicolas, por que o interesse em ajudar a moça agora?

— Não posso ajudar alguém que era minha amiga de infância? Sem falar de Maria, que foi nossa babá e até hoje trabalha na mansão.

— Hum... é só isso?

— Sim, é.

— Sei... se você diz... tudo bem então e eu concordo, pode ser um excelente começo. Mande o currículo para o RH com uma indicação nossa.

— Sim, farei isso.

— Bom, vou tomar café da manhã na minha sala e te deixar trabalhar.
— Anita se levantou e o olhou antes de se pôr a andar. — E Nick?

— Oi.

— Cuidado, moças assim querem fisgar um bom partido. Não seja tolo.

— Pelo amor de Deus, Anne.

— Depois não diga que não avisei. Mantenha seu pau na cueca.

— Eu não ouvi isso, eu não ouvi isso — disse, rindo.

— Antes que eu me esqueça... — disse, parando na porta. — Você irá a festa de Ano Novo dos Tenório?

— Droga, tinha me esquecido completamente.

A festa de que Anita estava falando era um baile beneficente que a família Tenório dava todos os anos, em conjunto com a família Dangelo.

— Esse ano acho que não irei...

— Por que não?

— Não tenho acompanhante.

— Não seja ridículo, suas acompanhantes eram apenas para uma noite e eu também não tenho, mas vou...

— Ninguém liga, Anita, já que vai para todas as festas sozinha.

— Que horror...

— Pode ir com Will.

— Não, ele já me dispensou, disse que não irá. Bom, vou indo. Se mudar de ideia, me avise, faremos um belo par.

Anita saiu da sala, deixando-o sozinho, rindo do que ela dissera. Nick se recostou na cadeira, olhando a parede à frente, e sua mente o levou para a noite anterior novamente, em especial o momento em que, depois de um cochilo rápido, acordou sozinho no quarto com uma ereção dolorosa.

Infeliz perspicaz, pensou ele. O que queria? Que a garota de programa estivesse lá esperando-o? Bom, ele não tinha que pagar, sendo assim, ela não

tinha o que esperar. Talvez o que fora tão bom para ele não tivesse sido para ela, afinal. Fora só mais do que tinha todos os dias, mais um trabalho.

Ora, foi somente uma transa, como já tivera muitas outras. O problema é que aquela parecia tê-lo marcado demais e não sabia dizer o porquê. Sabia apenas que, só de lembrar suas mãos percorrendo o corpo delgado, sensual, aquilo lhe causava uma ereção dolorosa dentro das calças. Uma grande merda para aquele momento.

Passou a mão na frente da calça social, tentando acalmar seu membro. Só queria ter tido mais dela, acabar com o desejo que ela colocou nele desde o primeiro momento em que a viu e ali tentou imaginar um rosto para aquele corpo que o tinha deixado maluco.

Podia até mesmo sentir o cheiro doce dela, era fácil até e queria saber como tirá-la da cabeça, mas não teve sucesso. Talvez trabalhar ajudasse. Pensou em como deixou a irmã em apuros naquela manhã, o quanto fora irresponsável ao sair na noite passada. Antes devesse ter ficado em casa, seria melhor.

Ah, para!

Tudo bem, fora péssimo esquecer a reunião, mas era ridículo aquele preconceito medíocre que poderiam ter com sua irmã. Um conjunto inútil de anciões russos, além do mais, apesar de estar com raiva da pequena que o abandonou e estava o deixando cheio de tesão, não trocaria a noite que tiveram por nada. Foi bom enquanto durou e tinha logo que esquecer, tirar a mulher da cabeça, em nada aquilo o ajudaria. Era apenas uma garota de programa.

Com aquele pensamento, tentou fazer a única coisa que lhe restava após entregar o currículo de Antonella à sua secretária: colocar a cabeça no lugar e trabalhar. Mas antes um pensamento lhe ocorreu e voltou a ligar para ela. Antonella saberia o que era ser impertinente agora...

— Edith, seria difícil conseguir um vestido de festa para essa noite?

— Senhor?

— Não sei... talvez um modelo de tamanho P, acho... diga que é para o

baile beneficente anual dos Tenório, saberão o que indicar, talvez um modelo longo. Não sei... mas que seja lindo. Mande entregar no meu apartamento com a seguinte mensagem: *Hoje está intimada a ir comigo a um baile. Não quero morrer de tédio sozinho, será às 20h, esteja pronta!* E entregue para Antonella. Ela estará lá.

— Sim, senhor... é só isso?

— Não, veja também aquele salão em que Anita costuma ir, peça atendimento a domicílio, essas coisas que mulheres fazem para festas. Cabelo, maquiagem...

— Manicure e pedicure... — a mulher completou.

— Isso, você é maravilhosa, Edith. E agora é só.

E naquele instante não pensou nas consequências de aparecer em um baile com a filha da empregada, apenas agiu sem pensar, nem sabia ao certo por que fez aquilo, ou talvez quisesse dissipar seus pensamentos da noite passada, tentando substituir a mulher mascarada tolamente.



Já próximo ao horário do baile, Nick desligou seu *notebook*, colocando-o em uma bolsa e levando-o. Como no dia seguinte seria feriado, levaria trabalho para casa. Saiu e foi para a garagem do prédio, deixando a empresa em minutos. Conferiu o horário no *Rolex* em seu pulso a caminho de casa, chegariam atrasados ao baile.

Abriu a porta do apartamento apressado e encontrou Antonella sentada no sofá, com um vestido de um rosa-bebê clarinho esticado sobre o móvel. A mulher estava sentada, olhando para o vestido, com as mãos juntas em seu colo, já maquiada e com o cabelo preso no alto da cabeça, em um coque chique com algumas pontas soltas.

— Uau... você está... perfeita e olha que só está de roupão.

Ao ouvir a voz dele, ela se levantou apressadamente.

— Nick... eu acho que devemos conversar.

— O que dirá? Podemos conversar quando voltarmos, o que acha? Já estamos atrasados — disse, colocando a pasta sobre a poltrona e folgando a gravata azul-marinho.

— Não acha que isso é um pouco demais?

— Não, não acho... e quem liga? Com certeza, eu não. Vou tomar um banho e colocar um *smoking*. Já volto.

— Eu sei que nunca ligou para essas coisas, mas, Nick, sua família vai estar lá e...

— Vai, assim como outras famílias anciãs da alta sociedade, o que deixará essa festa muito chata. Você me fará companhia e ajudará o tempo a passar mais rápido, não se preocupe, não vai demorar.

Viu-a negar com a cabeça.

— Por que está fazendo isso?

Percebeu então que o gênio dela não tinha mudado muito desde criança e se aproximou, tocando seus ombros.

— Sabe, quando me disse essa manhã que cursava engenharia, sem querer, me fez pensar. Éramos amigos, Antonella, acho que até tive uma paixãoite por você... — Ele riu ao vê-la arregalar os olhos. — Eu gostava da nossa amizade, Antonella, e vi que ter de volta essa proximidade, pode, quem sabe... nos tornar bons amigos outra vez.

Disse e ambos ficaram em silêncio por alguns instantes.

— Deve estar carente de amigos... — disse e o fez rir, acompanhando-o.

— Talvez... mas não menospreze minha amizade. Agora, vista-se que vou me arrumar. Não demoro e sem mais delongas. Como eu disse, estamos atrasados.

— Nick...

— Sem mais, Ella.

— Ao menos não está mais me chamando de Tonton...

— Viu só? Tivemos progressos.





CAPÍTULO 5

RECONQUISTANDO AMIZADES

Nicolas parou em frente ao espelho, colocando as abotoadoras, e não deixou de perguntar se estava fazendo o certo. Talvez a tivesse convidado para não ficar sozinho em casa, pensando na mulher misteriosa como tivera feito durante todo o dia. E se fosse mesmo aquilo, não era certo, porém ter uma amizade que ele sabia ser totalmente sem interesse lhe faria bem. Estava, de fato, achando-se uma péssima pessoa, talvez um péssimo amigo pelo menos desde aquela manhã, ao perceber que deixou de conhecer a garota que cresceu com ele.

Saiu do quarto abotoando o *smoking*, descendo as escadas e procurando-a pela sala, que se encontrava vazia. Bom, não deveria demorar. Foi até a janela alta de vidro e ficou olhando a vista lá fora, aquela noite seria longa. Ouviu o barulho de saltos no assoalho, se virou e, apesar de tê-la visto antes, já com o cabelo e a maquiagem prontos, não estava preparado para o seu visual.

O vestido tinha um caimento perfeito em seu corpo, que, apesar de magro, como imaginou que seria, tinha ficado maravilhoso com a peça. Era um modelo de alças médias, decote canoa, comprimento longo, colado ao corpo na parte superior, com um detalhe na gola, deixando-o com um pequeno caimento sobre os seios, e uma saia sereia modesta.

Ele a olhou de forma a admirá-la, passando pelas sandálias prateadas, suas pernas, quadril, busto e, por fim, o rosto, que estava corado com seu escrutínio, tendo um pequeno sorriso sem graça.

— Estou pronta.

— É... eu posso ver e uau... você está linda.

Ele seguiu cada movimento dela enquanto Antonella descia as escadas e, por milésimos de segundos, apenas a admirou. Sem poder se controlar, a desejou ao vislumbrar a boca perfeita em formato de coração, com um batom vermelho que a deixou *sexy* de forma única, além de um corpo lindo que o

usual uniforme escondia.

— Obrigada, eu acho...

— Não precisa agradecer, está mesmo maravilhosa. Vamos?

E só então desgrudou o olhar desejoso dela, recriminando-se por tal ato. O que estava fazendo? Ela era sua amiga de infância, uma que queria reconquistar, e desejá-la em sua cama não iria ajudar em nada!

— Claro.

Ele se aproximou ao pé da escada, estendendo-lhe o braço, que ela segurou, encontrando seu olhar ao admirá-lo, e seguiram juntos para a garagem.

— O salão do baile é no novo hotel que a família Tenório inaugurou essa semana na Times.

— Ah, eu vi. É perfeito... inclusive, achei a estrutura e o *designer* de um bom gosto impecável. Fiquei impressionada com a arquitetura também — disse com paixão e o viu sorrir.

— A Dangelo foi a responsável pela construção.

— Sério? O engenheiro...

— Isso mesmo. Trabalha conosco, caso seja contratada, irá trabalhar diretamente com ele, o que para você será ótimo.

— Ai, meu Deus! É sério?

— Sim, sério... — disse, olhando-a de relance, e adorou o sorriso que ela abriu, o rosto desacreditado. — E olha só ele aí...

— É lindo...

— Sim, uma obra incrível.

— E parece que tem muita gente para o baile.

— Sim, esse é o baile anual em que conseguimos mais arrecadações em toda a cidade.

— Imagino — disse, sentindo certo frio se alojar em seu estômago.

Nick estacionou, saindo do carro e entregando-o ao manobrista, indo até a porta dela e abrindo-a.

— *Mademoiselle...* — brincou e ela sorriu, aceitando o braço que lhe era estendido. Estava sendo uma noite incomum para ela, nunca imaginara algo assim.

— Muito gentil, meu lorde... — disse, ao fazer uma leve reverência que o fez rir.

— Acabo de me lembrar por que gostava de você quando éramos crianças.

— E por que era?

— Você sempre embarcava em qualquer brincadeira, nos divertíamos muito juntos.

— Sim, nos divertíamos. Acho que somos os responsáveis por sua mãe desistir de pintar os cabelos e aceitá-los grisalhos.

Nicolas gargalhou, conduzindo-a para o hotel.

— Sim, com certeza somos.

Esperaram um casal entrar e entregaram seu convite, entrando no hotel e sendo guiados para o salão de festas. Ele se sentia orgulhoso por tê-la ao seu lado, sendo a atração ao adentrarem o salão de festas.

— Nicolas, estão todos olhando.

— Com certeza não é para mim... Eu disse que estava linda e ali está nossa mesa — disse, guiando-a por entre algumas mesas, cumprimentando algumas pessoas pelo caminho.

— Deus, seus pais...

— Não seja boba. Venha. — Segurou a mão dela, sentindo-a fria. — Você está com a mão trêmula — constatou o óbvio.

— Eu sei... nunca fui a um baile da alta sociedade, Nicolas.

— Fique calma, são gente como qualquer um, apenas com mais dinheiro e nariz em pé. Um defeito, acredite.

— Sabe que fala da sua família, certo?

— Principalmente, a minha família — disse, aproximando-se da mesa onde estavam seus pais e Anita, que o olhava com um meio-sorriso no rosto. — Mamãe, papai — cumprimentou quando, enfim, os alcançou.

— Nick, achei que não... — Sua mãe parou de falar quando se levantou e olhou diretamente para Antonella. A senhora era uma mulher elegante, bonita no auge dos seus 65 anos. Cabelos grisalhos custos, rosto oval e olhos de um azul-claro, parecidos com os de Anita. Um nariz fino, aquilino e pescoço alongado. Elegantemente vestida em um modelo preto de tecido brilhante e comprimento abaixo dos joelhos. — Antonella... querida, você está...

— Deslumbrante — o senhor Dangelo, que driblava melhor sua surpresa que a esposa, emendou. Um senhor gentil, apesar de duro em muitos momentos da vida, mas amolecido após a aposentadoria. Alto, olhos de um azul-celeste límpido, os quais Nicolas havia herdado. — Vamos, sentem-se conosco, logo começarão os infundáveis discursos.

— São sempre empolgantes! — exclamou Anita, com um olhar impaciente, sentada do outro lado da mesa.

— Creio que Dean não virá esse ano — sondou ele.

— Não, passará com Cecilia.

Nick percebia o olhar avaliativo da mãe para Antonella, que abaixou o olhar. Talvez tivesses sido uma má ideia. Colocou a mão espalmada em suas costas, guiando-a para o lado, puxando a cadeira para sua acompanhante, como um cavalheiro, e sentando-se entre ela e Anita, após acomodá-la.

— Cuidado, Nick, ou mamãe irá comê-la com o olhar.

— Pare, Anne, pelo amor de Deus!

A irmã riu com sarcasmo e ele olhou para Antonella, que tentava focar sua atenção em algo que não fosse seus pais.

— Aceita beber alguma coisa?

— Não, no momento não. Água já está ótimo...

— A decoração este ano está esplêndida, não acham? — Sua mãe tentou quebrar o silêncio de forma educada.

— Para mim está como nos outros anos, mamãe. Com intervenção do dourado esse ano, acho... não é Anne?

— Sim, além de alguns detalhes que a mente masculina não é capaz de ver. Me desculpe, Nick...

— E vamos convir, filho, seu gosto sempre foi duvidoso para decoração, querido. Se não fosse por mim, não sei o que seria do seu apartamento.

— Provavelmente teria apenas uma cama no quarto, mãe, e algumas roupas no *closet*. Se não fosse a senhora, ele teria comprado um *flat* — respondeu Anita, fazendo alguns rirem à mesa.

— Ei, você mora em um *flat*.

— Moro... mas, ao contrário do que você faria, eu transformei aquele lugar em um belo *flat*.

Nicolas revirou os olhos para a irmã e sua mãe emendou:

— Diga, Antonella, é difícil trabalhar para o meu filho?

A moça corou, mas ao menos a mãe de Nicolas a estava incluindo na conversa, apesar de um pequeno desconforto transpassá-la ao perceber a menção ao fato de ela trabalhar para ele.

— Não, apesar de ele ser um pouco bagunceiro, mas até que seu filho me surpreende algumas vezes ao arrumar a própria cama. — Ela riu ao falar, olhando para a própria perna, quando a mão dele veio parar perto do seu joelho.

— Sabem que estou aqui, certo?

— Com certeza sabemos, Nicolas, e não nos importamos — provocou Anita.

Aquela breve conversa ajudou a quebrar o gelo que Antonella estava sentindo desde que chegara e logo começaram os demorados discursos que o pai de Nick tinha citado, seguidos do leilão e a comemoração ao baterem mais um recorde em doações naquele ano e, por fim, o jantar. Quando a sobremesa foi servida, Nick se viu sendo chamado para longe de Antonella, tendo que a deixar com a irmã, a mãe e algumas damas.

— Eu não me demoro.

— Estou me sentindo como se estivesse sendo entregue aos tubarões.

— Não se preocupe, apesar de parecermos, sabe que nossa família não é esnobe.

Sim, ela sabia e ficou por ali, calada ao lado de Anita, vendo a mãe dele conversar com a anfitriã da festa e mais duas senhoras que não fazia ideia de quem eram.

— E essa moça belíssima é sua nora, Miranda? Enfim o jovem Nicolas decidiu se aquietar?

Antonella a encarou com espanto, corada, olhando para Miranda, mãe de Nick, e depois para Anne, que a fitou com certa ternura.

— Antonella é como da família, a conhecemos desde criança. É filha de Maria, já a vii em alguma das suas visitas à minha casa, Stela. Maria trabalha para nossa família desde que eu estava grávida de Dean.

— Oh, então a moça é sua empregada?

E Antonella sentiu o desprezo na voz da mulher, assim como no olhar, e entendeu o que separou aquela amizade de criança que Nicolas falada.

— Não minha, de Nick. Uma futura engenheira, está no último ano. Não é, querida? — tentou Miranda.

Antonella a olhou com surpresa, jamais imaginou que a mãe de Nick

soubesse que ela cursava engenharia, mas, com o orgulho que a mãe sentia dela, não era difícil imaginar que Maria tinha contado a todos.

— E irá trabalhar na Dangelo em breve, mamãe.

— Não acredito! Parabéns, Antonella. Fico realmente feliz...

— Ah, por enquanto é só uma expectativa — disse, envergonhada.

— Que logo se realizará, não seja modesta, Antonella. Tem ótimas indicações — emendou Anita.

— Tem sorte, mocinha — a esnobe senhora lhe disse. — Não é todos que tratam a filha da empregada como se fosse da família, acho que nunca vi isso, para ser sincera. Considero uma classe mal-agradecida até.

O clima mudou após aquele comentário infeliz e a moça sentiu-se encolher, enquanto Anita pareceu crescer ao seu lado, colocando a mão em seu ombro.

— Isso são pessoas que se acham superiores por terem dinheiro e *status*. O que seria o seu caso, senhora Tenório, não o da minha família, como pode ver. Vamos ao banheiro comigo, Antonella? Com licença, senhoras — disse Anita, com um sorriso falso no rosto, estendendo a mão para Antonella.

— Claro, eu a acompanho. Com licença.

— Filhos, não controlamos a língua deles, me desculpe. — Ambas ouviram Miranda dizer um falso pedido de desculpas pela fala de Anita antes de se afastarem.

— Não sei como mamãe a suporta, minha paciência não é a mesma.

— Eu disse ao seu irmão que não era uma boa ideia.

— Besteira. Odeio essas pessoas, todas elas. São o motivo de eu não ter amigos. Pessoas do nosso meio, por vezes, são fúteis e infelizes — disse, ao adentrar o banheiro feminino, que estava vazio a não ser por uma cabine ocupada.

— Obrigada pelo que disse, eu estava ficando sem graça...

— Não se preocupe, basta tratá-los com a mesma antipatia. Esse baile é só mais uma grande mentira anual, Antonella. Pessoas interessadas em fazer novos negócios vêm aqui com a desculpa de fazer doações. No fim, querem alianças, começar o ano com o pé direito. Poucos vêm aqui realmente pelos necessitados. Bom, ao menos fazem algo... — disse, terminando de passar batom. — Não vai usar o banheiro? Nada? — perguntou, ao se virar e ver Antonella como uma estátua olhando para ela.

— Não, só queria mesmo sair de lá.

— Eu a entendo, mas agora vamos, é hora de voltar para as cobras.

Antonella riu e, quando saíram do banheiro, Nick estava encostado na parede do lado de fora, esperando-a.

— Algum problema, Antonella?

— Nenhum, a não ser... a corriqueira vontade de me enterrar ali dentro até isso acabar.

— Você não existe, Anne.

— Eu discordaria, aqui está sua linda acompanhante, irei voltar para o baile agora ou ir embora, estou decidindo. A segunda opção me parece muito melhor.

Nicolas riu e Anita passou por ele, deixando-os sozinhos.

— Tudo bem mesmo?

— Claro. Será que não podemos ir embora também?

— Muito esperta — disse, olhando-a por tempo demais — Mas, sim, podemos ir, só que antes... vamos dançar ao menos uma música juntos e dar mais motivos para falarem.

— Sou uma péssima dançarina.

— Lembro bem disso, tem sorte de que sou um pé de valsa.

— Modesto também...

— Sempre.

Ele pegou sua mão e a conduziu para o salão, segurando-a para uma dança lenta, guiando-a, sentindo-se confortável com a aproximação. Estava certo, com sua companhia a noite fora mais suportável.

— Obrigado por ter vindo, melhorou essa noite para mim.

Ela apenas sorriu, encostando o rosto em seu peito, deixando-se ser conduzida por ele. E aquele, aquele, sim, parecia ser um sonho da Cinderela, mas ali, naquela noite, era diferente, pois ela não tinha hora para ir embora, apesar de saber que no dia seguinte voltaria a ser a Gata Borralheira.



CAPÍTULO 6

NADA MUDOU

Antonella estava calada enquanto Nick guiava o carro pelas ruas pouco movimentadas e o silêncio era reconfortante, ele sentia que uma amizade voltava a surgir.

— Se divertiu?

Ela o olhou, colocando atrás da orelha uma mecha que caía do coque no alto da cabeça

— Sim, foi algo incomum. Foi legal!

— E me desculpe pelo o incômodo da tão terrível anfitriã, foi um comentário infeliz. Minha mãe me contou — explicou.

— Não se preocupe, sua irmã foi maravilhosa, sua mãe também.

— Elas sempre são e obrigada, Ella. Acaba de ganhar o direito de me fazer parar de te chamar de Tonton.

Antonella gargalhou, elevando uma perna sobre o banco, ficando realmente à vontade, levando as mãos ao cabelo e começando a desprendê-lo, enquanto ele aproveitava o momento de distração para olhá-la melhor.

— Pelo que me agradece?

— Por vir, por ser legal comigo, mesmo eu não merecendo.

— Sério? Não merece?

— Não, fui um péssimo amigo... tem de concordar comigo.

Ela abaixou o olhar, ficando em silêncio por minutos.

— Não foi péssimo sozinho, Nicolas. Não foi apenas culpa sua, fui proibida de falar ou brincar com você quando tinha 12, quase 13 anos. Mamãe dizia que era bom parar por ora, que já estávamos grandes o bastante e não havia motivos para continuarmos sendo amigos. Que estava na hora de

te tratar como filho dos patrões.

— Ella...

— Não teve culpa, não sozinho. Ah, mas olhe para nós, temos um bom recomeço.

— Podemos recuperar o tempo perdido.

— Talvez, apesar de que perdemos os melhores anos um do outro. Algumas vezes, senti falta de um amigo.

— Bom, agora tem a mim...

— É, tenho — disse e ele tocou sua mão, trazendo-a para seus lábios, deixando um beijo suave no dorso.

— E um conselho: quando for sair com alguém e estiver com o cabelo preso, deixe para desprendê-lo em casa.

Antonella o olhou e ele começou a gargalhar enquanto ela olhava para o pequeno espelho no interior do carro e via que seu cabelo estava terrível.

— É, é melhor...



Dez dias. Dez dias havia se passado e sua rotina se adequava ao ano que estava começando. Foi uma semana regada a bastante trabalho, mas nem aquilo conseguiu tirar, de fato, a mulher misteriosa do seu sistema. E, por mais que quisesse, era difícil se controlar, tinha se entregado ao trabalho naqueles dias, tentando esquecer, saindo tarde da empresa, saindo por outras duas vezes com Tony, tentando tirar aquela noite da cabeça.

E entre aquilo, tinha as manhãs com Antonella, que usava para espairar, com ela sempre conseguia rir. Ele a obrigara mesmo lhe fazer companhia no café da manhã, era a única hora do dia em que conseguia esquecer, se tornava um homem totalmente despreocupado, claro, além de suas poucas horas com Cecilia, sua sobrinha. Com ela, parecia voltar a ser

criança.

Naquele dia, já à noite, após ter mergulhado em planilhas e contratos, se deu conta do horário e se recostou na sua cadeira, fechando a tela do *notebook* e descansando a mente. Àquela hora, era provável que só ele estivesse ali, ou talvez Anita. A irmã sempre era a última sair. E então voltou à noite passada em que, pela primeira vez, deu um rosto para a mulher por trás da máscara, era Antonella. Delicada, perfeita e submissa a ele, completamente nua.

O que o fez acordar com uma ereção dolorosa, além da culpa por imaginar exatamente ela. Não podia fazer aquilo, não era justo, estava gostando da amizade que começavam a ter.

Desde cedo tinha tido uma ideia que achou ser muito estúpida, mas que agora já não parecia tão idiota e, sendo leviano, pegou o celular, não mais se segurando e ligando para a única pessoa que poderia realmente lhe dar respostas.

— Dangelo? Que surpresa, não esperava sua ligação.

— Oi, David. Como está?

— Bem... — Viu que David estranhou sua ligação, não era mesmo algo comum. — Está tudo bem, Nick?

— Claro que sim. Mas estava aqui no escritório após uma semana de cão e pensei em relaxar depois daqui. Gostei da sua festa, em especial de uma das garotas que estava lá.

— Oh, é isso?

— Sim, gostaria do número da agência.

— Eu sabia que nossa pequena diversão entraria para a história — disse, rindo ao telefone. — Vou lhe passar o contato, sim, e dormirá mais que relaxado essa noite, meu amigo.

— Pode mandar via *WhatsApp*?

— Claro, Dangelo.

— Ótimo, fico na espera. Foi bom falar com você, David, obrigado.

— Igualmente.

Ele desligou o celular, ficou esperando a mensagem chegar e começou a bater o pé no chão com impaciência.

Olhou a hora e, apesar de tarde, bem... era uma agência com garotas de programa, a hora não importava. Então, assim que recebeu o contato, fez a ligação, sendo atendido por uma voz macia, agradável e convidativa, que o fez se apresentar, e resolveu ir direto ao ponto.

— Sim, foi uma festa particular e gostei de uma garota em especial, gostaria de contratá-la hoje.

— Me diga o nome, senhor.

— Hum, bem, ela usava apenas uma fantasia e se apresentou para mim como Viúva Negra. Isso ajuda?

A mulher do outro lado tentou, mas não segurou o pequeno riso na voz ao dizer:

— Me desculpe, senhor, mas não usamos esse tipo de disfarce.

Ele ficou mudo na linha. Como não usavam?

— Bom, ela se destacava por estar usando uma calça e um espartilho preto, diferente das outras garotas. Era de estatura média, magra, tinha cabelos loiros e curtos. Também usava uma máscara negra.

— O senhor irá concordar que isso é muito vago, mas adianto que as ordens que recebemos para aquela festa foram para que todas as meninas, sem exceção, estivessem de biquíni e máscaras, não com roupa ou fantasia. Mas posso mandar uma de nossas garotas com o mesmo perfil que lhe agradou na noite em questão.

— Não... eu — Parou, que estupidez era aquela? — Sim, ótimo. — Ora, uma mulher gostosa poderia fazê-lo esquecer a noite que tivera com aquela mulher e quem sabe não daria sorte de ser ela.

Estava sem entender seu receio, ainda assim, deu o endereço no qual

esperaria a mulher. Naquela noite, Antonella disse que não estaria em casa, algo relacionado ao estudo, não dormiria em casa, sendo assim...

Desligou tudo em sua sala e saiu, o dia tinha acabado, iria para casa e teria uma noite esplêndida de sexo sujo e fácil. Chegou a sorrir com a ideia, não admitindo pensar mais na pequena traidora, ou apenas estava se enganando, no fundo esperava que fosse ela.

Chegou à casa, tomou um banho, comeu qualquer besteira e esperou enquanto tomava seu uísque olhando pela janela da sala, a noite estava perfeita. A campainha tocou e ele se levantou, pensando no que encontraria atrás da porta. Ele abriu e perdeu alguns segundos avaliando a mulher, não tinha um rosto para comparar, mas foi fácil ver que não era ela pelo corpo mais cheio, com curvas acentuadas. Mas a mulher de cabelos loiros e curtos, parada na porta, usando um tubinho azul, o agradava.

Ela sorriu, sedutora, e ele retribuiu, sem meia-conversa, puxando-a para si, enxergando a luxúria nos olhos dela. Grudou sua boca na dela e a jogou contra a parede próxima, imprensando-a com seu corpo e afundando suas mãos nos cabelos macios. Era diferente do que realmente queria e o cheiro não era o mesmo, ainda assim era ela quem estava ali e a pedido seu.

Inferno, teria que ser ela, nem que tivesse que fechar os olhos e imaginar o rosto que dera a sua Viúva. Sentiu-a puxar o tecido de sua camisa e quebrou brevemente o contato entre os lábios de ambos, apenas para que se livrasse da peça. Sorriu e voltou a beijá-la, mordendo o lábio inferior e fazendo-a gemer. Sentindo tesão ao dar prazer, enfiou as mãos grandes no meio das pernas dela, chegando ao sexo coberto por um fino tecido.

Algo o fez parar, um barulho, e quebrou o contato, olhando por cima do ombro e encontrando uma Antonella sem ação alguma parada na porta, olhando a cena.

— Meu Deus! Nick... senhor, eu...

Ele se desgrudou de sua acompanhante de imediato, passando a mão nos cabelos. Um descuido, mas não deveria se preocupar com aquilo.

— Não é nada, Antonella, estamos indo para o quarto, eu achei que não

voltaria hoje.

E onde ele estava com a cabeça? Para que trazer uma acompanhante de luxo para casa se poderiam ter ido a um motel? Estava perdendo o juízo, só poderia ser. Nunca tinha trazido mulher alguma para sua casa com o intuito de nunca ir além, sem muita intimidade, apenas sexo.

— Acabei mais cedo, eu... — Ela não o olhava, percebeu, e segurava a alça da bolsa com certa força.

— Não tem problema, fique tranquila. Vamos, vamos para o meu quarto — disse para a mulher que segurava sua mão e que parecia não entender o que estava acontecendo. Pegou a camisa no chão e a puxou em direção às escadas.

— É sua irmã? — A mulher não conteve a pergunta.

— Não. — Ele soltou um pequeno bufo. — É minha empregada.

— Oh!

As palavras ressoaram nos ouvidos de Antonella e, naquele exato momento, percebeu algo, não deveria, mas a tristeza a consumiu.



CAPÍTULO 7

UMA NOITE DEVASTADA

Na manhã seguinte, Nick levantou-se cedo e a casa ainda estava silenciosa quando saiu para correr. Precisava respirar, pensar, pois a noite passada tinha sido um erro de várias maneiras. Correu o máximo que pôde pelas ruas ainda vazias, até seus pulmões não aguentarem mais, suas pernas doerem e, por fim, totalmente fôlego e sem conseguir apagar da mente o que acontecera, ele voltou para casa. Percebeu que a corrida não aplacara o vazio que começara a sentir, a pior parte era não saber explicar de onde vinha aquele vazio.

Ao entrar no apartamento, sentiu o cheiro conhecido de café recém-feito e foi direto para o quarto, tomar um banho, olhando em direção ao cômodo, vendo Antonella de costas. Entrou no quarto, olhou para a cama intocada e negou com a cabeça, foi uma catástrofe.

Tomou um banho rápido, vestiu a roupa usual de trabalho e voltou para a cozinha ainda abotoando as mangas da camisa branca e encontrando Antonella pondo a mesa do café. Chegou a dar um pequeno sorriso ao vê-la, tinha que falar com ela sobre ontem.

— Bom dia, Ella. Dormiu bem?

— Bom dia. Sim, dormi, senhor.

E com aquela simples frase, Nick sentiu que na voz macia não tinha mais o timbre risonho dos últimos dias. Para completar, lá vinha ela de novo com o *senhor*.

— Que bom. A propósito, eu dormir pouco — tentou e a viu olhar para ele por cima do ombro.

— Eu imagino.

Ele estava se sentindo um estranho naquela manhã, em especial com ela. Olhou-a enquanto a via terminar de pôr a mesa, mas Antonella não

voltou a olhá-lo sequer uma vez. Apenas terminou o que tinha a fazer e pegou algo sobre a pia, saindo em seguida, rumo à porta lateral da área de serviço, sendo parada no meio do caminho quando ele indagou:

— Aonde vai? Não vai se sentar comigo?

— Hoje não, tenho muito o que fazer — disse, incisiva.

— Certo... gostaria de falar que sobre ontem... — começou e se viu no dever de esclarecer o óbvio, mas ela nem ao menos o deixou terminar.

— Não precisa, você é o meu patrão, não me deve satisfações de quem traz para sua casa. Eu que peço desculpas por ter ficado como uma barata tonta sem saber para onde correr, sem falar que nem era para estar aqui ontem à noite. Não me deve desculpas, sou apenas sua empregada, o senhor mesmo disse.

Seus olhos se abriram brevemente com a surpresa do que dissera e Antonella não esperou resposta, deixando-o sozinho.

— Mas que merda! — praguejou, jogando o garfo sobre a omelete que ela acabara de preparar e tentando se lembrar do que disse quando sua acompanhante indagou sobre ela e aquela foi exatamente a sua resposta, que Antonella era apenas sua empregada.

E bem, aquela era a verdade, apesar de querer ter uma amizade com ela novamente. O que ela queria que dissesse? Mulheres... fato era que não tinha mais fome.

Levantou-se e pegou o paletó, saindo para a empresa, perguntando-se o que estava pensando ontem. Nunca trouxera ninguém ao seu apartamento, por que logo uma garota de programa? Ele deveria estar fora de si na noite passada.

A verdade é que na noite passada nada acontecera. Nick não conseguiu ir além e não foi por não sentir tesão, foi por sentir que aquela situação era errada, algo novo, era verdade. Mas, após alguns beijos e o começo de um sexo oral inacabado, ele não conseguiu mais ir adiante, pagou sua acompanhante, se despediu e passou a noite sentado na poltrona da sala, olhando a noite iluminada lá fora. Dissera a Antonella que dormira pouco, a

verdade é que não dormira.

Para completar, a mulher misteriosa não saía de seus pensamentos, era como se ele tivesse trazido o cheiro dela consigo, marcado em sua pele e só sentia mais raiva e frustração. Até mesmo nos minutos de cochilo que conseguiu tirar, lá estava ela, perfeita, com um sorriso sensual no rosto a provocá-lo em sonhos. Ainda assim, não conseguia dar a ela um rosto.

Chegou à empresa ainda cedo, enfiou a cara no trabalho, tentando se concentrar em algo que não fosse o fiasco da noite passada. Talvez Anita estivesse certa, ele não levava nada, absolutamente nada, a sério. Achava que sim, mas fazia dias que algo o incomodava e não sabia ao certo o que era, tinha tudo, se sentia até mesmo mal com aquele sentimento de que lhe faltava alguma coisa tendo tanto enquanto outros tinham tão pouco...

Enfiou a cara no trabalho e, no fim da tarde, decidiu ir ao hospital visitar Dean e sua cunhada. Estava sentindo falta do irmão. Em frente ao local, ao estacionar, viu uma mulher passar na calçada, magra, pequena, pele clara e cabelos loiros, curtos. Desceu do carro como um louco, sem nem se dar conta do que estava fazendo. Estava sendo ridículo e o pior: não se importava com aquilo.

Correu até a mulher e puxou seu braço ao alcançá-la, fazendo-a olhar para ele assustada, e ele se viu soltando-a vagorosamente. Não era ela...

— Me desculpe, me desculpe. Achei que fosse outra pessoa...

— Não pode sair por aí fazendo isso, enlouqueceu? — retrucou, a contragosto, um tom acima do usual, arrumando uma mecha do cabelo curto.

— Me desculpe, mais uma vez, me desculpe. — E dizendo aquilo deixou a mulher falando algo que não entendeu e adentrou o hospital.

Identificou-se na recepção e foi em direção ao elevador, ainda aéreo, perguntando-se o que estava fazendo, como pôde deixar alguém mexer com ele daquela forma, alguém que passou por sua vida tão rápido, evaporando como fumaça.

Chegou ao corredor onde ficava o quarto da cunhada e encontrou o irmão sentado em uma cadeira no corredor, cabisbaixo, em uma postura

quase derrotada.

— Dean... — chamou e o irmão o olhou.

E percebeu que Anita estava certa, o irmão mais velho estava se apagando. As olheiras arroxeadas ao redor dos olhos verdes gritavam noites insones, a barba por fazer demonstrava um desleixo que não era comum a ele. O homem alto e de corpo forte agora estava mais magro, o rosto quadrado com bochechas fundas, aparentando ser bem mais velho do que realmente era.

— Nick, o que faz aqui?

— Boa noite para você também. Não perguntarei como está, sua imagem diz muito sobre isso. Mas, respondendo sua pergunta, vim te ver.

Dean sorriu, um sorriso verdadeiro, fraterno. Aquele garoto tinha um poder sobre os irmãos mais velhos, o de fazê-los rir nos piores momentos.

— Além do mais, há dias não o vejo, estava preocupado e precisava conversar com alguém.

— Claro, me desculpe por minha falta de educação e obrigado por vir — disse, apontando para o lugar vazio ao seu lado e franzindo o cenho para o que o irmão disse. — Precisa conversar sobre o quê?

Nick fez o que o irmão pediu e ficou em silêncio por alguns instantes, Dean sempre ia direto ao que lhe importava, tinha aquilo em comum com Anita. Na verdade, acreditava que Anne era Dean de saia e os dois tinham puxado tudo do pai, sem rodeios, sem conversa fiada. Era difícil enrolar os três.

— Como soube? — Foi direto e Dean não entendeu a que se referia e como poderia? O próprio Nick não se entendia. — Como soube que a amava? Falo de Livia — explicou e um sorriso de canto apareceu no rosto de Dean, um brilho diferente no olhar.

— Seria impossível não a amar, Nick. Não sei quando ou como eu soube, não sei mesmo. Acho que aconteceu desde o primeiro instante que a vi, que ela sorriu para mim, não consegui mais esquecê-la, depois daí... Mas

por que a pergunta?

— Me sinto ridículo com o que vou dizer, acredite... mas tenho te invejado nos últimos dias. Não essa situação que está passando, mas por saber o que é amar uma mulher. Olha o que construiu, podemos dizer que você foi o único que tem o que mamãe e papai sempre tiveram. Willian não foi bem sucedido no casamento, um fiasco com a puta da ...

— Nicolas... — Dean o cortou.

— Okay, okay, indo adiante, Anita... bem, no caso dela ninguém a suportaria, sejamos sinceros — disse e ambos riram.

— Ela vestiria as calças no casamento.

— Exato e tem eu... com quase 30 anos, ainda considerado um *playboy* irresponsável por minha própria família e com uma baita crise existencial no momento. — Com aquilo, Nick fez Dean gargalhar ao seu lado, olhando-o como se ele fosse um ET.

— Pelo amor de Deus, quem é ela?

— Quem é ela o quê?

— Quem foi a santa que fez você ver tudo isso?

— Ah, pare. Não tem ninguém... só me dei conta, de repente, que o que me divertia antes não faz mais tanto sentido assim e que talvez seja hora de construir algo para a posteridade, algo menos vazio.

— É sério? Está falando do quê? Casamento, filhos? Surtou?

— Droga, Dean, não complique as coisas, cara. Só estou dizendo que falta algo.

— Mas não necessariamente esse algo é uma família, Nick. Pode ser só um *Rolex* novo... — brincou, mas o irmão não o olhou com muita graça.

— Tá, teve uma mulher. Transei com ela e depois a infeliz sumiu, não sei quem é e ela não saí da minha cabeça. Satisfeito?

— Muito — disse, rindo. — Pare com isso Nicolas, vá para casa,

descanse, tome um bom banho, coma uma boa comida, beba um bom vinho e, antes de tudo isso, convide a mulher para te acompanhar, pronto. Assim saberá seus sentimentos, se essa confusão aí não é fruto do que sente por ela.

— Você é surdo? Qual a parte do *ela sumiu* que você não entendeu?

— Como assim sumiu?

— Eu não sei o nome, onde mora, onde trabalha... nem seu rosto eu sei qual é, cara. Ela evaporou...

— Está me deixando confuso...

— Droga... o que precisa saber é que há uns 11 dias ela não sai da minha cabeça e já estou farto disso — disse, negando com a cabeça e enterrando-a entre as mãos.

— Hum... alguém te pegou pelas bolas. Mas, espere. Como assim não sabe o rosto? Estava bêbado?

— Não, claro que não. Foi antes do Ano Novo, ela estava com uma máscara...

— Ah, agora eu entendi. — E Dean começava a achar que o irmão estava louco.

— Pare, cara. Não é para rir.

— É, é para rir, sim. Vá para casa descansar, Nick, logo isso passa. Não é paixão, meu irmão, nem amor... é só curiosidade, vontade de ter o que não pode, já que não sabe onde encontrá-la. Faça o que lhe disse e tenha uma boa noite de sono. Logo essa lembrança e a vontade irão embora. Foi só uma foda, pelo o que entendi. Ou teve algo mais?

Nick suspirou e se recostou a cadeira.

— Não, nada mais. E Livia? — Tentou mudar de assunto, Dean tinha razão, era loucura.

— Na mesma... na mesma — disse e suspirou, passando a mão pelos cabelos castanho-escuros.

— Eu sinto muito, Dean.

— Tudo bem, ao menos ela está aqui. Bom, estou indo para casa tomar um banho. Vamos?

— Claro, farei o que me aconselhou. Espero muito que fique tudo bem, amanhã irei ver Cecilia.

— Ela ficará feliz e obrigado por vir.

— Disponha... — Riu e saiu do hospital.

Não, a conversa não aliviou seus pensamentos confusos, mas não tinha muito o que fazer. Iria passar e Dean estava certo, amor, ter alguém não era o problema. O problema era ele e ainda tinha Antonella.



CAPÍTULO 8

SÓ NOS RESTA SONHAR

Os dias, apesar de monótonos, passaram rápidos. A mulher misteriosa ainda estava nos pensamentos de Nicolas, em especial à noite, quando se via sozinho em seu apartamento e, apesar de procurá-la como alguém procura uma agulha em um palheiro, não tivera nenhum sinal. Era como se ela nunca tivesse existido. Chegara a se perguntar bobamente se não havia sido um sonho, mas, não, não tinha sido e, conforme os dias passavam, ele ia tentando deixar aquela noite no esquecimento.

Tentou também se aproximar mais de Antonella naqueles dias, mas aparentemente uma muralha tal qual a da China tinha sido levantada desde a noite em que ela o pegara em uma situação constrangedora com uma garota de programa. Perguntava-se o porquê daquilo, não era para tanto, ao menos achava que não, mas, ainda assim, sempre que podia, tomava um pouco do tempo dela. Sentia-se estranhamente sozinho, uma sensação de vazio sendo criada, principalmente, à noite, quando estava completamente sozinho, já que, nos últimos dias, Antonella não estava mais dormindo no apartamento.

Quando perguntou a ela o porquê, Antonella saiu pela tangente, sem uma resposta satisfatória, mas sabia que tinha a ver com o que tinha visto dias atrás.

Estacionou o carro na garagem do prédio e subiu para o apartamento, estava exausto, louco para tomar um banho e relaxar. Talvez ler alguma coisa o distraísse naquela noite chuvosa, um bom vinho...

Entrou em casa e estranhou o fato de a luz da cozinha estar acesa, deixou sua pasta sobre o sofá de tom azul-marinho e foi até lá. Chegando à porta, algo aqueceu seu interior ao ver Antonella encostada no mármore da bancada, de cabeça baixa, usando um vestido simples azul-claro, justo na parte de cima do corpo, a saia levemente rodada, deixando suas pernas à mostra.

— Antonella, tudo bem? — disse, baixo. Ela o olhou e sorriu, um

sorriso lindo, aberto, trazendo uma felicidade que parecia vir da alma. — Pelo seu sorriso, parece que está.

— Sim, estou maravilhosamente bem e adivinhe por quê? — perguntou, sem conseguir esconder o sorriso em sua voz.

— Não faço ideia.

— Consegui o estágio na Dangelo, começarei semana que vem. — Nick a olhou e caminhou em sua direção, deixando o paletó sobre uma das cadeiras e puxando-a para um abraço quando se aproximou o bastante.

De fato, ele havia levado o currículo dela para a empresa e pedido à sua secretária que entregasse ao RH. Mas, apesar Anita ter lhe falado para fazer uma indicação, ele lembrou do pedido de Antonella, achou bonito a vontade dela de conseguir subir por si só e lhe prometeu que, se ela fosse trabalhar na empresa, não seria através da intervenção e assim o fez.

— Parabéns, Ella. Eu sabia que iria conseguir — disse, próximo demais da pele da moça, fazendo-a se arrepiar brevemente, desvencilhando-se.

— Disseram que fui muito bem. Ah, Nick... eu estou tão feliz.

Nick também estava realmente feliz por ela e a puxou novamente, dando-lhe um abraço que durou mais que o comum. Ela voltou a se afastar primeiro, pigarreando e levando uma mecha do cabelo marsala para trás da orelha, disfarçando o efeito que ele causava nela.

— Eu... bem, eu queria comemorar e fiz o jantar. Espero que não se importe, se estou conseguindo essa conquista hoje, é por sua causa. Gostaria de dividir esse momento com você — disse e o viu olhar para ela com uma cara de bobo, sem responder nada. — Fiz mal? Me desculpe, é que...

— Antonella — disse, tocando seus ombros. — Não, de jeito nenhum, não me importo mesmo, pelo contrário, estou lisonjeado que queira dividir esse momento comigo e o cheiro da comida está ótimo, fez minha barriga roncar — disse com carinho e tocou seu rosto com o polegar, desistindo de qualquer descanso ou leitura, por ora. — Quero ressaltar sua conquista, pois, como prometi a você, eu não pedi que a contratassem, apenas que analisassem o currículo. Se estará lá, fazendo parte da empresa, é mérito

exclusivo seu. Parabéns.

— Obrigada... obrigada de verdade e fiz um fricassê como forma especial de agradecimento, sei que gosta.

— Acaba de me fazer um homem muito feliz, Ella. Vou escolher um vinho para nos acompanhar, volto logo.

— Obrigada.

Nick saiu com um sorriso nos lábios, era fácil sorrir com ela, aquela amizade lhe fez falta, uma pena só ter se dado conta daquilo agora e era bom vê-la sorrir para ele novamente. Foi à pequena adega, escolheu um vinho branco para a ocasião e voltou minutos depois, descalço e com as mangas da camisa levantadas, sentindo-se leve.

— Aqui está, perfeito para a ocasião.

Antonella apenas assentiu, estava sentindo como se flutuasse em nuvens, uma conquista única para a mulher de uma família de classe baixa, sem muitas expectativas. Demorou a realmente chegar ao fim da sua faculdade, foram muitos degraus, alguns empecilhos até realmente chegar aonde estava hoje, claro, começaria agora outra etapa e seria igualmente satisfatória a vitória.

Serviu-se, fez o mesmo para Nicolas e, em silêncio, puseram-se a comer. Vez ou outra, ela o olhava de esguelha ao sentir o olhar masculino sobre seu corpo.

Nick percebeu o óbvio, Antonella se tornara uma mulher bonita, um rosto angelical e ao mesmo tempo sensual. Que diabos estava fazendo agora? Tinha enlouquecido?

— Por que pintou os cabelos? — Surpreendeu-a ao perguntar, mas estava curioso, lembrava-se dos cabelos louro-escuros, também bonitos. — Não que isso não tenha a deixado ainda mais bonita, mas também era linda loira.

Ela sorriu, o rosto criando um tom vermelho com o interesse repentino dele.

— Queria mudar, acabei gostando e ficando mais que o esperado — disse, dando de ombros, colocando uma garfada de fricassê na boca e desviando o olhar.

— Combina com você, acentua o tom de neve da sua pele — disse e ela mudou o olhar. Ele a tinha deixado envergonhada, então decidiu mudar de assunto. — Agora diga-me: quais os seus planos futuros? Deixe-me saber o que se passa aí, nessa cabecinha.

— Estudar, trabalhar... Ah, e por falar em trabalho, Nick...

— Não se preocupe. Acertaremos tudo na segunda, seus direitos e tudo o mais. Não é mais uma empregada doméstica — disse e um pequeno de silêncio se seguiu.

— Eu não tenho palavras para agradecer.

— E nem precisa. Diga-me, pretende voltar para a casa de seus pais ou terá um lugar só seu? Total independência... — Estava realmente curioso e notou que sentiria falta dela.

— Uma colega de turma me chamou para rachar o aluguel com ela, a parte boa é que o *apê* fica perto da faculdade e da empresa. Então acho que irei aceitar, ficará barato para nós duas. Não quero voltar para casa dos meus pais, está na hora de me desprender. Na verdade, acho que já passou da hora.

— E sua mãe já sabe disso? — perguntou e a viu rir, nervosa.

— Ainda não, sabe como é a minha mãe, acho que perde apenas para a sua. Primeiro, irei me mudar, depois conto a ela.

— Ora... uma Antonella medrosa... Onde está a garota que aprontava todas?

— Ela cresceu... — disse e sorriu, lembrando-se do que faziam juntos quando crianças. Não sabiam como a mansão ainda estava de pé.

Nicolas era o caçula e, quando nasceu, os irmãos já não queriam brincar com ele, era apenas o irmão mais novo e pentelho e ter Antonella, que era quase da sua idade, facilitava as coisas.

— É, convenhamos que sua mãe mete medo. Fomos responsáveis por alguns cabelos brancos dela.

— Fomos, e ainda sou, segundo ela.

— Pare... sempre foi a menina dos olhos dela. Creio que esse é o motivo de tanto cuidado, afinal, ela sabe que já tem quase 28 anos?

Antonella sorriu.

— Deveria saber... — disse, levantando-se e pegando seu prato e o de Nick para colocá-los sobre a pia.

— Ei, não precisa lavar. Não trabalha mais para mim, esqueceu?

— Ora, claro que sim. Ainda não pedi minha demissão.

— Sendo assim, está demitida. Fez o jantar, deixe que lavo a louça.

— Sério? — perguntou, zombeteira.

— Não zombe de mim, Tonton.

— Não me chame assim, Cabeça.

— Ora, uma Antonella atrevida.

— Não retribuí antes porque era meu patrão...

Ele riu, na verdade, gargalhou.

— Garota atrevida.

— Resmungão.

— Então faremos melhor. Eu lavo e você seca. O que acha?

— Fechado!

Um silêncio confortável tomou o lugar enquanto ela lavava as poucas louças dentro da pia e ele acompanhava cada movimento, com o pano em mãos, enxugando e guardando o que ia sendo lavado.

— Já se perguntou qual é a sua missão no mundo? — disse e ela parou,

olhando-o.

— Ora... que pensamento profundo, Dangelo. — Ela riu, mas, ao olhá-lo, percebeu que não era uma pergunta qualquer e deixou o riso morrer aos poucos, puxando uma forte respiração e soltando o ar em seguida.

— É que... sabe, ultimamente, tenho me perguntado isso.

— Não seja bobo, Nick. Tem uma carreira, apesar de jovem. É um bom filho, um bom irmão, um tio maravilhoso, além de ser a alegria daquela família.

— Ora, não me diga que vim para ser o bobo da corte da minha casa.

Ela riu alto, terminando de lavar a louça.

— Talvez sim... tem um coração bom, Nick, em um mundo como o nosso, isso é uma dádiva.

Ele suspirou e Antonella tocou-lhe o ombro.

— Obrigada, Nick. Sei que já agradei, mas obrigada novamente. Fez muito por mim e jamais irei esquecer — falou, beijando seu rosto brevemente e o sentiu segurá-la antes que ela se desvencilhasse, buscando seu rosto.

— Por que se afastou esses dias, Antonella?

Viu-a abrir e fechar a boca, sem muito a dizer, e apenas esperou.

— Bom, achei que seria melhor... Só isso. Bom, acho que vou me deitar.

Nicolas estava hipnotizado pelos olhos verdes da moça e parou de respirar por instantes quando o cheiro dela invadiu suas narinas.

— Esse perfume...

— Eu tenho que dormir.

— Não, espere — disse, segurando-a e aproximando-se mais, seu corpo colando-se ao dela, enquanto ele vagarosamente levava o nariz ao seu pescoço.

Nicolas foi levado para semanas antes e não se segurou, beijando a pele exposta do pescoço feminino cheiroso, não parando e levando os beijos em direção à bochecha dela, sentindo-a se entregar àquela carícia gostosa. Nick estava inebriado, tocou seu rosto e a olhou, perdendo-se naquele perfume, no momento, nas lembranças e descendo seus lábios sobre os dela.

De início, ele apenas sentiu os lábios grossos, vermelhos, testando seu sabor, a textura, e em seguida pediu passagem, afundando sua boca na dela, encontrando sua língua e sugando-a para si. O beijo começou calmo e, aos poucos, foi tomando intensidade quando a apertou mais em seus braços, podendo sentir seu corpo, esquecendo que era Antonella que lhe dava aquelas sensações.

Era como se aqueles lábios fossem feitos para ele e Nick não queria parar, não até a razão chegar até ele. Parou o beijo sem pressa, encostando a testa na dela e, quando abriu os olhos, ela permaneceu imóvel, com os olhos fechados, até que as íris verdes foram abertas e sua atenção foi para ele.

O que estava fazendo?

— Antonella, me desculpe, me desculpe... O perfume, os momentos, eu... me deixei levar — tentou dizer, mas ela não olhou mais para ele, se desvencilhou de seu aperto, levando a mão à franja e colocando-a atrás da orelha, sem jeito.

— Eu... vou me deitar, Nick. Boa noite.

Ele percebeu que o que ouviu em sua voz foi decepção e não era para ser assim. Droga!

Viu-a sair da cozinha, aparentemente decepcionada, e ficou por segundos parado onde estava, a mão na cintura, imaginando o que acabara de fazer. Então percebeu que aquela noite não deveria terminar daquela forma e não iria.

Saiu do seu lugar, indo atrás dela, e a mulher pareceu sentir sua presença, andando com rapidez até as escadas, mas parou abruptamente, levando uma mão ao corrimão, parecendo se segurar.

— Ella, eu preciso dizer... — Ele parou de falar quando ela se virou

parcialmente, percebendo o quanto a moça estava pálida, os nós dos seus dedos ficando brancos ao segurar o corrimão de madeira. — Antonella?

— Eu... você, tem dois de você...

E antes que Nicolas pudesse evitar, viu Antonella amolecer bem à sua frente, indo ao chão, desmaiada...



CAPÍTULO 9

SURPRESAS VIRÃO

Nicolas chegou ao hospital junto de Antonella, que veio em uma ambulância, mas não o deixaram entrar enquanto a examinavam, o que lhe deixou preocupado, andando de um lado para o outro na sala de espera. Disseram que seria algo simples e rápido, então por que não o deixaram entrar?

Minutos, que se transformaram em horas, pareciam uma verdadeira eternidade. Nicolas queria respostas, mas nada era dito a ele, mesmo mentindo que era da família. Uma coisa era certa, ninguém desmaiava assim do nada, nem demorava tanto a acordar. Tentou a todo custo acordá-la e, quando começou a se desesperar, chamou a ambulância, pois já não sabia o que fazer. E naquele momento estava para fazer uma cena quando o médico entrou na sala de espera, à procura dele.

— Bom dia, você é o senhor Dangelo?

— Sim, sou eu. O que Antonella tem, doutor?

— Vamos, venha comigo. Deve querer vê-la e logo ela irá acordar — ele o chamou, indo em direção ao corredor, e Nicolas o seguiu.

— Mas é algo grave? Porque ninguém desmaia assim... e até agora não tive nenhuma notícia do que está acontecendo com ela. — Parou de falar quando a porta do quarto foi aberta pelo médico, expondo Antonella deitada na maca, parecendo estar em um sono profundo.

Entrou no quarto e se aproximou dela, tocando sua mão. Sua pele estava pálida, parecia tão vulnerável ali, deitada na maca. Nick se aproximou e tocou o rosto dela, sentindo uma aflição inesperada.

— Bom, sua namorada teve um desmaio pela falta de glicose em seu sangue e por causa da anemia — falou e Nick não o desmentiu, se dissesse que não era nada dela, o médico não lhe diria o que ela tinha. Sem falar que não tinha avisado à mãe dela, não sem saber direito o que estava

acontecendo, não queria preocupá-la — O que gera certa fragilidade na situação em que ela se encontra.

Nicolas, que até então olhava o rosto pálido de Antonella, parou e voltou sua atenção para o médico.

— Desculpe, mas de que condição estamos falando?

— Pelo o que vi, sua namorada tem um histórico anêmico, o que não é incomum na correria em que vivemos hoje em dia e por isso acabamos nos alimentando mal... contudo creio que a partir de agora terá que cuidar melhor da alimentação dela e do bebê.

Bebê, ele dissera bebê? Nick abriu a boca em estado de choque e ouviu um gemido feminino.

— Hum... bebê? O que aconteceu? — Antonella chamou a atenção de ambos, apertando os olhos, tentando enxergar com clareza, parecia confusa.

— Sim, o bebê — o médico tornou a dizer com um sorriso no rosto. — Você desmaiou mais cedo por conta do seu caso de anemia profunda, que se deve ao fato de estar grávida de seis semanas, Antonella. — O médico esperou que um dos dois dissesse algo, mas obteve o silêncio como resposta. — Ora, pela cara de ambos, ainda não sabiam, o que me deixa feliz ao saber que seu descuido com a alimentação não é falta de cuidado com a criança, sendo assim, parabéns aos dois. Falta receber o resultado de apenas dois exames, enquanto isso, ficará em observação.

Nick estava perplexo e viu o rosto de Antonella empalidecer ainda mais e seus olhos se arregalarem como pratos, enchendo-se de lágrimas.

— Não pode ser... — sussurrou, deixando uma lágrima escorrer por sua face, olhando para Nick, sem conseguir segurar seu olhar no dele. — Não pode ser...

— Antonella — disse e se voltou para o médico. — O senhor pode nos dar licença? — Nicolas pediu ao médico, que acenou, saindo em seguida, entendendo o que acontecia ali. — Antonella... acalme-se.

— Não, não, não. Não pode ser... eu, eu. Não, Nick, não tem como.

Isso é um erro...

— Primeiro, preciso que fique calma, Ella.

— Ouviu o que ele disse? Eu estou grávida.

— Sim, eu ouvi. Uma vez perguntei se você tinha namorado e na ocasião me disse que não tinha... então talvez não tenha como estar grávida, a não ser que você tenha transado esses dias com alguém. Foi isso? Porque, se sim, então é bem possível que esteja grávida — disse, com certo sarcasmo, sem saber ao certo o que falar. Quando terminou, a viu colocar o rosto entre as mãos e soluçar.

— Não pode ser... — dizia entre o choro, repetidamente.

Nicolas levou a mão aos cabelos castanhos, bagunçando-os. Aquela situação era inusitada e se perguntava o que poderia fazer para que ela se acalmasse, o que deveria dizer. Fez o que seu coração pedia, caminhou até a maca e a puxou para um abraço reconfortante, que ela relutou em aceitar por alguns instantes, mas agarrou-se à sua camisa logo em seguida, afundando o rosto em seu peito e chorando alto, em verdadeiro desespero.

— Ella, acalme-se por favor. Está conseguindo me deixar nervoso — pediu, sem saber o que fazer, além de afagar seus cabelos.

— Você não entende, Nick. Eu... ele disse que estou grávida, entende? Grávida! Eu não posso estar grávida, não posso.

— Por que não?

Ela o olhou, em pânico, voltando a afundar o rosto em seu peito, sem dizer mais nada e, bom, apesar de ser aquela pessoa que sempre tinha um comentário para os piores momentos, naquele instante ele não sabia mesmo o que dizer a ela e alguns segundos de silêncio se seguiram.

— Ella... quem é o pai? — Algo passava pela sua cabeça.

Aquele desespero todo não podia ser só pela gravidez, claro, era um susto, mas ela era uma mulher adulta e, se o pai fosse alguém em quem ela confiou para se entregar, então não haveria tantos problemas assim. A menos que o pai não pudesse assumir ou algo do tipo e aquilo o preocupou, além de

um sentimento protetor que não poderia explicar surgir dentro dele.

— Antonella, quanto ao beijo...

— Pare, Nick. Por favor, só pare.

— Estou tentando ajudar, estou aqui com você. Olhe para mim, por favor — disse e segurou o rosto dela entre as mãos.

— Nick, eu preciso ficar sozinha. Obrigada por me trazer, mas me deixe sozinha agora, por favor...

— Ella, não vou te deixar sozinha aqui.

— Por favor. Eu preciso, preciso pensar no que fazer. Eu estou perdida, só preciso pensar. Deus...

— Entendo, eu entendo. Mas acho que quem deveria estar aqui com você recebendo essa notícia era o pai dessa criança. Não acha que precisa ligar, pedir para que venha ficar com você, te amparar? — disse, mas algo dentro dele o contradizia, algo que ele não queria entender.

Antonella ouviu o que ele disse e sorriu, sarcástica.

— O mundo não é perfeito como pensa.

— O que quer dizer com isso? — perguntou e teve o silêncio como resposta. — Sabe quem é o pai do seu bebê?

— Meu bebê. Nem ao menos sei se quero ter esse bebê ou se devo, Nick — disse, deixando Nicolas, por instantes, assustado com o que poderia estar passando pela cabeça de Antonella em um momento de desespero como aquele.

— O quê? O que está dizendo? Está se ouvindo?

— Pare, Nicolas, por favor. Eu não sei de nada no momento, só me deixe sozinha por alguns minutos, só isso.

Ele a olhou e sentiu pena, talvez por conhecê-la havia tanto tempo estivesse com aquela preocupação exagerada, faria igual se fosse com sua irmã, por exemplo. E claro que ele não iria embora e a viu se distanciar, se

deitar e esconder o rosto, virando para o lado.

— Tudo bem, talvez não seja o momento, me desculpe. Eu a deixarei sozinha como tanto quer, mas estarei logo ali fora, caso precise de algo.

— Eu não irei.

— Não importa, não irei embora — disse e foi em direção à saída, parando na porta. — Eu não chamei sua mãe e acredito que não quer que eu chame.

— Não, melhor não.

E com aquilo ele saiu e Antonella deixou as lágrimas voltarem a cair. Nicolas não sabia a confusão que estava dentro dela, uma que nem mesmo ela conseguia arrumar. Estava tudo indo tão bem, estava prestes a terminar a faculdade que demorou o dobro do tempo para cursar, tinha enfim conseguindo um estágio e agora... agora estava grávida. Não, não poderia ter aquela criança, não agora, e ainda tinha sua família. Estava perdida.



CAPÍTULO 10

CONSEQUÊNCIAS

Antonella recebeu alta após mais uma visita do médico e algumas recomendações. Estava abatida, perdida quando deixou o quarto, sentindo-se sem direção, ao passar pela recepção, levantou o olhar e viu Nicolas, encostado no balcão à sua espera. Ela parou, olhando-o, e ele tentou um sorriso afetuoso, que ela não retribuiu, sentindo seus olhos mais uma vez se encherem de lágrimas. Desde ontem não fazia outra coisa senão chorar, estava uma confusão.

A verdade é que, em seu íntimo, por mais que achasse aquilo errado, sabia o que deveria fazer. Não tinha espaço em sua vida para uma criança, ainda mais naquelas circunstâncias.

— O que faz aqui? — Não quis ser rude, mas soou assim.

— Eu disse que não iria embora, disse que estaria aqui, te esperando. Fui em casa e voltei há pouco. Vamos?

Ele se importava, era claro que se importava, estava ali com ela, esperando por ela. E olhando-o, foi fácil se lembrar do beijo, do seu sabor, de como a olhou e de como a afastou em seguida, desculpando-se, e algo doeu em seu peito, junto de toda confusão que sentia.

Na verdade, Antonella foi apaixonada por Nicolas Dangelo durante toda sua vida e aquele beijo foi algo com que sonhou por toda sua adolescência. Achou que aquele sentimento tinha passado, achou mesmo até ir trabalhar para ele. Mas não, trabalhar para Nick não foi o problema, pois, no início, ele mal a olhava, eram duas ou três palavras por dia, nada mais, até ele resolver ser amigável, charmoso, solícito, atencioso, cheiroso, perfeito.

E aquele baile? O vestido... ela achou mesmo que seria algo mais, porém foi idiota. Pensou que talvez, depois de anos, ela tinha chamado mesmo sua atenção.

Claro que aquilo mudou quando o pegou com uma mulher, seminu, aos

beijos na sala. Ainda assim era tarde, porque aquela paixão da adolescência nunca passou realmente, pelo contrário, ela parecia ter voltado com ainda mais força, sendo frustrada na noite passada, ao olhar seu rosto culpado após um beijo em que se entregou completamente. Foi ridículo como se deixou levar por uma paixonite, para em seguida descobrir que estava... grávida. Como o destino poderia lhe pregar tantas peças?

Olhou-o e lá estava ele, perfeito com aquele cabelo lindo, bem arrumado, nada fora do lugar, e aquele sorriso, o mesmo sorriso que fazia sua calcinha molhar. Era uma droga, tudo ali era.

— Sim, vamos — disse e passou por ele, que a seguiu, colocando uma mão espalmada em suas costas, o que a fez se retrair minimamente, mas não recuou.

Seguiram até o carro e Nicolas foi gentil ao abrir a porta para ela, deixando-a acomodada e dando a volta, pondo-se em seu lugar. Não sabia bem como agir, o silêncio era constrangedor, enquanto ela se mantinha olhando a rua lá fora, em um dia parado de domingo.

— Antonella...

— Agora não, Nick.

Ele suspirou, porém nada mais foi dito. Chegaram ao prédio em poucos minutos e, ao estacionar, ele foi o primeiro a descer do carro, esperou-a sair e seguiram juntos para o elevador.

— Meus pais marcaram um almoço hoje na mansão, estou indo para lá. Quer ir comigo e ver seus pais?

— Não, melhor não. Sei que geralmente não deveria estar aqui aos domingos, mas é que hoje...

— Pare, por favor, nem diga algo assim. Claro que pode ficar o tempo que quiser, não imagino como deve estar sendo difícil, como está confusa com tudo. Gostaria de poder ajudar de alguma forma.

— Já fez muito, Nick. Obrigada.

— Não precisa agradecer e eu sei que pode parecer que estou tentando

interferir na sua vida, mas... o que pretende fazer? Ontem tinha outros planos, é claro, falamos deles, inclusive, mas agora terá um filho em sua vida.

— Não, não terei.

— Como disse? — perguntou, ao adentrarem o apartamento.

— Eu não posso ter essa criança no momento, Nick — disse, sem olhar para ele.

— Está pensando em dá-la para adoção? — perguntou, torcendo para que ela não dissesse o que estava passando por sua cabeça.

— Não... não estou. Eu...

— Antonella, é do seu filho que estamos falando.

— Dizem que com um mês eles não sentem nada, não é? — disse, a voz falhando com o choro subindo-lhe pela garganta. — É tão pequeno e não vai sentir.

Nicolas estava atônito, parado ainda perto da porta, olhando-a. Queria não ter ouvido aquilo. Forçou-se a se mover, caminhando até ela, e segurou seu rosto entre as mãos, impelindo-a a olhá-lo.

— Você está confusa, Ella. Isso é normal, eu entendo, mas não é você, pense bem em tudo isso, tire um tempo para pensar com calma. — Ela negou com a cabeça e ele viu uma lágrima correr pela face clara.

— Eu não posso, Nick. Fiz tantos planos, minha vida vai realmente começar agora, não vê? Como iria encaixar um filho em minha vida, um filho que eu teria que criar sozinha...

— Como sozinha? Tem o pai da criança! — disse, mas ela não o olhou. — Quer dizer, tem, não é?

— Ah, Nick... ah, Nicolas.

E ele sentiu pena dela, puxando-a para um abraço, sentindo seu corpo tremer junto ao seu. Sentiu pena, o coração apertar com o que ela estava passando e talvez, mesmo que não quisesse admitir, sentia ciúmes. Queria ajudar de alguma forma, pois em seu íntimo algo gritava, dizendo que iria se

arrepende. Algo assim poderia acabar com ela no futuro, a culpa fazia aquilo com as pessoas e que preço ela estaria disposta a pagar para seguir em frente com seus planos?

— Vai se atrasar para o almoço com sua família. Eu vou ficar bem, Nick.

— Eu não vou mais, vou cuidar de você.

— Não, claro que não — disse e se afastou, limpando seu rosto. — É o almoço de família, sua mãe seria capaz de vir aqui buscá-lo e, pelo que minha mãe me disse, William voltará a Londres logo, então vá, não se prenda por mim. Ficarei bem, irei tomar um banho e me deitar um pouco, não consegui dormir no hospital.

— Como está se sentindo?

— Estou bem, de verdade, e agradeço sua preocupação.

— Tem certeza?

— Sim, claro que sim.

— Tudo bem, só me prometa que não fará nada por impulso, sem pensar direito. Prometa que irá medir tudo.

— Sim, eu prometo. Obrigada, Nick.

Ele ficou olhando-a por alguns instantes, perguntando-se qual caminho ela seguiria. Aproximou-se, beijou sua testa e ficou em dúvida por alguns instantes, pensando se realmente a deixaria sozinha, deixando transparecer a preocupação que estava sentindo por ela.

— Tudo bem, mas antes irei providenciar algo para você comer.

— Não precisa...

— Sem discussões, ordens médicas.



Nicolas acionou o portão da mansão uma hora depois e estacionou próximo ao *Porsche* de seu pai, na garagem. Assim que desceu, uma voz infantil e contente soou atrás dele.

— Tio Nick!

Ao se virar, pôde ver uma cabecinha com cabelinhos negros encaracolados correndo em sua direção e a pegou para um abraço apertado, recebendo um sorriso aberto, lindo, assim como ela, sua única sobrinha, filha de Dean.

— Ei, que saudade eu estava sentindo de você!

— Eu também, titio. Já tem uns dias que não vem brincar comigo e aqui é chato sem o senhor, mas é segredo, não conta *pro* tio Will.

Nick sorriu com o segredo que a sobrinha lhe contava.

— Pode deixar, será um segredo só nosso — disse, beijando-lhe os cabelos e colocando-a no chão.

— A vovó já está te esperando, disse que o senhor sempre chega atrasado, ela está *zangadona*.

Era tão fácil sorrir com a sobrinha, aquela menina era mesmo a luz dos seus olhos, a luz daquela família. Sorriu, segurando sua mão, entrando na sala da casa e encontrando a família logo ali, todos sentados e conversando. Anita tinha cara de tédio, Willian tinha o celular na mão, com certeza falando com alguém do laboratório de pesquisa, como sempre, e seu pai estava sentado ao lado de sua mãe no sofá.

— Até que enfim, Nicolas, achei que não viria mais.

— Boa tarde a todos e, mamãe, não seja exagerada. E o almoço já está na mesa?

— Olhe os modos, menino!

Ele riu, faceiro, aproximando-se da mãe e deixando um beijo em seu rosto, fazendo o mesmo com Anita, em seguida.

— Hoje não posso demorar muito, mãe, só isso. Tenho algo para estudar.

Ele roubou a atenção de Anita com o que disse, a irmã levantou a sobrancelha bem delineada, olhando-o com sarcasmo, pois, se ele tinha algo para estudar, não era com relação à empresa. Aquilo ela sabia.

— Como vai, pai?

— Bem, garoto, vou bem. Tinha uma garotinha aqui que estava perto do desespero te esperando. — E antes que o velho Dangelo fechasse a boca, Cecilia voltou à sala, trazendo a caixa de um quebra-cabeça, um dos presentes que ganhou no Natal.

— Deixei para abrir com o senhor, tio Nick, já que papai não pode. — Nick riu.

— Dean não vem almoçar conosco hoje?

— Não, hoje não, filho.

— Ele está com a mamãe no hospital, tio Nick. Eu pedi pra ir, mas ele disse que ainda não posso. Ela não lembra de mim... acho que é por isso, mas eu queria tanto, tanto, ver a mamãe.

E Nicolas sentiu pena de toda a situação. Imaginava a frustração infantil que ela deveria estar sentindo com tudo aquilo, como sua cabecinha deveria estar preocupada e começava a pensar em algo que pudesse ajudar.

— Cecilia, o jogo terá que esperar um pouco, minha querida, agora vamos almoçar.

Apesar do bico de desgosto, a menina obedeceu, voltando a guardar algumas peças que havia tirado de dentro da caixa. Todos se dirigiram à sala de jantar e Anita se aproximou do irmão, beliscando suas costelas.

— Ai, cacete! — proferiu e recebeu um olhar de repreensão da mãe e um riso de Will.

— O que está aprontando, Nick? Sei que não há processo algum para estudar. Seria perfeito se, do nada, decidisse ser mais responsável com os

assuntos da empresa, mas, cá entre nós, não faz seu feitiço estudar estratégias antecipadamente.

— Você me pegou... mas não cabe a mim falar sobre isso, não é algo meu. Vou apenas ajudar uma amiga, apenas isso.

— Uma amiga?

— Isso, uma amiga. Agora me deixe, garota, e vamos comer.

Ela assentiu, não desistiu de saber depois o que estava impedindo-o de passar a tarde na mansão com Cecilia, pois Nick não abria mão daquilo por nada e algo lhe dizia que aquela amiga era Antonella.

— Como está indo com os russos, Anita? A reunião foi há um mês, ainda não deram notícias?

— Na verdade, mais de um mês, pai. E creio que nós perdemos esse contrato.

— Mas por quê? A Dangelo é o que eles querem, além de termos um nome de peso no mercado empreiteiro. Fizemos uma excelente proposta, pelo que papai me disse — ponderou William.

— Sim, fizemos, mas infelizmente Dean não pôde comparecer, vocês sabem, e fiz a apresentação sozinha. Sabe como são os russos, principalmente as famílias tradicionais, como a Dangelo estava em mãos femininas, aquilo pesou e Nick não estava na maldita reunião — disse, por fim, e Nicolas sabia que ela ainda estava magoada por aquele episódio. Odiava perder o que quer que fosse.

— Por que não? — Will questionou e Nicolas olhou feio para ele.

— Isso importa? — o patriarca perguntou, a voz irritada ganhando a atenção de todos. — Também somos uma família tradicional, mas nem por isso uma mulher é menos capaz do que um homem. Se não quiseram porque era você, minha garota, são eles que estão perdendo. Todos aqui sabemos o quanto você é capaz, então que vão à...

— Richard! — Miranda o repreendeu. — Por favor, deixem os negócios para depois. Vamos comer em paz.

O patriarca tinha se empolgado em sua raiva. Ninguém mexia com seus filhos, especialmente, com sua menina. Anita era a filha de seus olhos, seu maior orgulho naquela empresa, com um tino sem igual para os negócios, e vê-la sendo subjugada por ser mulher o deixava fora de si.

— Me desculpe, minha querida.

Anita sentiu uma onda de prazer dentro dela, sentia orgulho de si mesma ao vislumbrar a admiração que o pai tinha por ela.

— Obrigada, papai.

Puseram-se a comer sem falar de negócios, como a mãe pediu, enquanto Nicolas olhava constantemente para o relógio.

— Tio. — Cecilia chamou sua atenção, sentada ao seu lado.

— Oi, princesinha.

— O senhor vai esperar eu dormir o meu soninho *pra* gente brincar? — Os olhinhos verdes se assemelhavam aos do *Gato de Botas*, seu coração apertou por negar um pedido dela, nunca negava um pedido como aquele, mas era necessário.

— Infelizmente, hoje eu não posso, minha princesa. Mas prometo voltar à noite, o que acha?

— Promete?

— Prometo.

— Tá bom, vou esperar o senhor.



Nicolas mal esperou o almoço acabar para voltar para casa. Estava com o coração apertado, as palavras de Antonella pairando sobre sua cabeça e sentiu medo de que ela pudesse fazer algo impensado, medo por ela.

Adentrou seu apartamento, que permanecia silencioso, e foi ao quarto dela a passos largos, queria saber como ela estava.

Nem chegou a bater, entreabriu a porta devagar e suspirou aliviado ao vê-la deitada na cama, de roupão e de costas para ele, dormindo. Os cabelos vermelhos escuros amarrados no topo da cabeça, deixando a nuca desnuda, as pernas nuas, uma sobre a outra, instintivamente com a mão sobre o ventre. Ele chegou a sorrir.

Nick encostou-se no móvel ali perto, olhando pela primeira vez para os detalhes do quarto, com decoração simples, mas alegre, cheia de cores. Ela tinha dado um belo *upgrade* no local. Sorriu, era a cara dela. Aproximou-se da cama, olhando o rosto sereno ao dormir, a cor tinha voltado às bochechas rosadas, dando-lhe vida novamente.

Passou seu olhar por todo o seu corpo, parando em suas pernas expostas, claras, bonitas, e pensou no beijo, o mesmo perfume, a forma como se encaixou nele. Recriminou-se ao pensar que estava admirando-a enquanto ela estava ali, indefesa, e sentiu-se mal por aquilo. Perverso sacana.

Voltou a olhar o rosto bonito e algo chamou sua atenção, fazendo-o aguçar o olhar. Era uma marca de nascença rosada, perto da orelha com um formato que lembrava algo, ou melhor, alguém que ele vinha tentando esquecer. O homem arregalou os olhos, o ar faltou aos seus pulmões e sua cabeça por um instante pareceu girar. Daquela vez, foi ele quem repetiu em sua cabeça, descreditado:

Não pode ser.

Foi então que se lembrou do cheiro, um que só sentiu duas vezes e uma delas foi na noite anterior, ao abraçá-la, sentindo o mesmo perfume que o inebriou e o fez tomá-la em seus braços e beijá-la. Não, não, podiam ser a mesma pessoa, mas a visão era clara, assim como a marca em sua pele.

Balançou a cabeça e buscou os detalhes, mais detalhes. A mulher era loira, certo? Loira e com cabelos curtos... a não ser que...

Mas algo dizia que sim, que ela era a mulher misteriosa daquela noite. Riu, nervoso, não podia ser. Buscou aquela mulher e o tempo todo ela

estivera embaixo de seu teto? Trouxe uma garota de programa, rezando para que fosse ela, enquanto Antonella esteve embaixo do seu nariz. Só podia ser algum tipo de brincadeira.

E então uma peça do quebra-cabeça lhe deu a certeza, quando viu sobre a cama uma máscara de renda preta, com parte dela escondida embaixo do travesseiro. O homem foi levado por algo que não reconhecia quando tocou o tecido de renda, pegando-o em suas mãos, paralisado por instantes, o olhar fixo na peça em sua mão.

— Hum... Nick, já chegou?

Ele ainda demorou a olhá-la, sentindo a decepção tomar conta do seu corpo, ela sempre esteve ali e, quando o fez, deixou que seu olhar transbordasse seu desapontamento.

— O que significa isso, Antonella?



CAPÍTULO 11

O REENCONTRO

A mulher estava muda ao olhar Nicolas, estendendo a máscara negra na direção dela, o sangue sumindo do seu rosto, pedindo a Deus internamente que aquilo fosse um sonho, sentando-se na cama com pressa, esbaforida, tendo a impressão de que seu coração vinha à boca.

— Nicolas... onde... como...

— Não foi difícil, já que não estava escondida. Quando iria me contar?
— disse e em seu peito retumbava um misto de traição e decepção.

Antonella nada disse, não sabia o que falar, estava vendo seu segredo exposto bem à sua frente, um que ela jamais diria a ninguém. Apenas o olhou, não sabia o que dizer, pois desde ontem as coisas apenas pioravam com o passar das horas.

— Contar o quê? Não tenho nada para contar, Nicolas, não sei do que está falando. — Tentou negar o óbvio e o viu rir, colocando suas pernas para fora da cama, a fim de levantar-se. Sentia-se vulnerável.

— Primeiro foi o perfume, eu achei estranho o fato de que, por mais que eu tentasse me livrar daquele cheiro, ele sempre estava em toda parte da minha casa. Achei que estava maluco, mas não...

— Nick...

— Espere, me deixe terminar. Mas ontem, ontem foi além, porque o perfume estava em você, Antonella. Droga, em você e eu me deixei levar, uma coincidência, talvez... foi o que eu disse a mim mesmo. E hoje, até mesmo quando vi a marca de nascença atrás da sua orelha, apesar de algo aqui no fundo gritar que era você, eu não quis acreditar. Mas agora não dá para negar, dá?

Ela ficou calada, sem saber o que dizer. Estava confusa, desarmada, exposta.

— Por que sumiu? Com quantos ficou naquela noite?

— O que... o que está insinuando?

— Eu não estou insinuando, estou afirmando. Vamos, diga...

— Eu não tenho que te dizer nada. Nada. Continue conjecturando aí na sua cabeça, ache o que quiser achar. Eu não me importo, minha vida não interessa a você — disse, levantando-se da cama e indo até o canto, pegando uma mala e jogando sobre a cama.

— O que está fazendo?

— Indo embora.

— Indo embora? E vai para onde?

— Isso não te interessa. Me dê licença, preciso me vestir.

— Você é inacreditável. Como pode ser tão fria e egoísta? Eu te procurei, te procurei por semanas, você não saiu da minha cabeça e agora, agora, vai embora?

Com aquilo, ele fez Antonella rir.

— Pare, Nick. Só pare. Porque, sabe, não parecia me procurar uma semana depois daquela noite, pelo contrário, parecia estar se divertindo bastante, não é?

— Não seja ridícula.

— Ah, estou sendo? Jura? Saia, deixe de falar meias-verdades, ou tentar insinuar coisas. Podemos nos arrepender depois.

— Eu me arrependo apenas de ter me enganado com você... — disse, estava decepcionado, mil e uma conjecturas passando por sua mente.

Antonella abriu a boca para respondê-lo, mas era tarde. Nick saiu do quarto sem lhe dar chance e a mulher teve vontade de gritar, de extravasar o que sentia em seu coração. O pior era que agora ele estava achando que ela era garota de programa e quem poderia culpá-lo?

Foi um tormento aqueles dias que se seguiram à noite que estiveram juntos, estar tão perto dele depois de ter se entregado ardentemente, depois que ele tocou cada parte de seu corpo de forma apaixonada e saber que não poderia mais tê-lo.

Foi apenas uma noite, mas foi a sua noite de Cinderela, que de repente estava se transformando em um terrível pesadelo. Para piorar, ele começou a querer estreitar laços, voltar a amizade, aquilo foi o seu fim, pois, agora, agora, aquela paixão de adolescente tinha voltado com força.

— Meu Deus, o que eu fiz? — sussurrou para o nada, sentindo um arrependimento incomum a tomar.

Já tinha uma resposta para aquela pergunta e talvez fosse bom que ele pensasse que era mesmo uma prostituta, assim não precisaria dizer que ele era o pai da criança em seu ventre. Não poderia ter aquela criança, e, se tivesse, estaria sempre ligada ao fato de que fora para segurar um Dangelo. Aquele rótulo ela não queria.

Jogou algumas roupas na mala preta, alguns pertences de higiene e colocou um vestido rosa em seu corpo. Foi quando uma lágrima ameaçou escapar e Antonella a limpou, usando de certa força. Não iria se permitir chorar mais, era hora de aceitar e tomar decisões, era adulta, não agiria como uma criança arrependida. Não iria adiantar.

Deixou o quarto, indo em direção à saída e encontrando Nick, que lhe dirigiu um olhar de nojo e decepção, parado perto da grande janela.

— Agora entendo o desespero quando soube que teria um filho. Admita que não sabe quem é o pai...

O bolo subiu à sua garganta e, por mais que doesse, ela o engoliu, prometera não chorar.

— Adeus, Nicolas — disse, saindo em seguida, buscando algo que aplacasse o que sentia.

Nicolas ficou ali parado, olhando por onde ela acabara de passar, sem mover um músculo. A mulher misteriosa agora tinha um rosto, um nome e, pior, era alguém que ele conhecia bem. Estava se sentindo um trouxa, a

mulher permeou seus pensamentos durante dias, dias em que a procurou incessantemente e ela esteve ali o tempo todo, ao alcance de um braço. Como pôde?

Antonella o surpreendeu, jamais pensaria algo do tipo ou que se veria de quatro por alguém que nem tinha chegado a ver o rosto. Agora lhe parecia inconcebível, inacreditável. Por que ela fizera aquilo? Por que se entregou a ele naquela noite, por que brincou?

É claro, se lembrava bem. Tinha sido ele quem dera o primeiro passo com ela, lembrava que a mulher até negara em dado momento, mas ele insistira e ela estava ali para servi-lo, servi-los. Talvez por isso não deixara que tirasse a sua máscara.

Perguntava-se naquele momento quem era Antonella, desconhecendo-a. Ela tinha razão, havia crescido e mudado. Todo o furor que um dia achou sentir pela mulher misteriosa caindo por terra. Não fazia mais sentido, por dias tentou imaginar o rosto dela e apenas uma vez chegou a conseguir. E era ela, Antonella.

Levantou-se e pegou a garrafa de uísque, não se dando ao trabalho de pegar um copo. Cecília que o desculpasse, mas infelizmente não teria companhia para brincar naquela noite, pois ele sentia um vazio surreal dentro do peito.



Aquela foi uma noite insone em que reviveu cada minuto do encontro que tivera com Antonella, cada momento de prazer e, principalmente, o beijo ali mesmo em sua casa. Eram a mesma pessoa.

Parecia uma espécie de fita quebrada, rodando e rodando sem parar, e sentia raiva de como seu corpo reagia a cada lembrança, gostando, mesmo que não quisesse admitir, do rosto que agora ela tinha. O pior era a decepção que ela lhe causara. Agora ela tinha um filho, um que não fazia questão de ter.

Um filho...

Só então Nicolas se deu conta de algo que até então não tinha pensando, ou talvez não quisesse pensar. Levantou-se do sofá onde se encontrava, pensando nas palavras ditas pelo médico. Seis semanas, ela estava grávida de seis semanas. Pegou o celular, buscando incessantemente o número da agência que dias atrás David tinha lhe passado.

Após algumas chamadas, foi atendido daquela vez por uma voz feminina mais ativa, que logo foi atropelada por ele.

— Eu quero contratar uma das suas meninas. Antonella.

— Hum... só um minuto, senhor — pediu e ele esperou, impaciente. — Me desculpe, senhor. Esse é mesmo o nome?

— Sim — confirmou, o coração saindo pela boca.

— Não, senhor, não é da nossa agência. Não temos nenhuma garota com esse nome, me desculpe.

— Como não?

— Creio que seja um engano.

— Pode, por gentileza, confirmar? Eu a conheci a cerca de um mês e meio.

— Eu posso confirmar agora mesmo que não temos uma Antonella trabalhando conosco, senhor, mas posso disponibilizar uma de nossas meninas.

— Não, obrigado.

Desligou o celular e o jogou em cima do sofá, levando as mãos à cabeça, tentando colocá-la no lugar e não conjecturar o que estava fazendo naquele instante. Era impossível.

Mas e se Antonella não fosse uma das garotas disponíveis naquela noite? Ela estava diferente, começando pelas roupas. E se tivesse estado apenas com ele? Fez as contas, dava cerca de um mês e dez dias. Mas usaram camisinha. Sentia a cabeça rodar e não era por conta do uísque que ingeriu.

Antonella não seria capaz daquilo, não seria capaz de esconder algo

assim dele. Se bem que, olhando a possibilidade, seria 1 em 100, afinal se preveniram. A menos que... mas ele veria. Apesar de se lembrar de não ter dado a mínima para a camisinha ou sequer olhado quando a tirou. Mas, se tivesse rasgada... ele veria.

Estava perdido, confuso e com raiva. Raiva dela, sem nem mesmo saber se tinha razão e se tivesse... Ao inferno, iria já encontrá-la onde quer que estivesse, tirar aquela história a limpo de uma vez por todas e se livrar daquele peso em suas costas.



CAPÍTULO 12

A DESCOBERTA

Era uma decisão realmente boa e assertiva a se tomar, se tivesse achado Antonella quando foi a casa de seus pais e sondou com a mãe dela se ela estava na mansão, mas não estava. Segundo a mãe, Antonella não tinha lido as notícias e estranhou a pergunta de Nick, já que ele, como seu patrão, deveria saber que àquela hora a mulher estava trabalhando na sua casa.

— Ah, não. Ela não lhe contou? Antonella foi contratada para estagiar na Dangelo e tenho alguns assuntos pendentes para tratar com ela — disse, tentando disfarçar toda sua confusão. Viu a senhora de 50 anos abrir um sorriso de orgulho e, por um instante, entendeu o medo de Antonella de assumir a gravidez.

— Que felicidade! Ela tinha me contado que você a aconselhou a levar o currículo, mas achei que ela não conseguiria. Ai, Deus, obrigada, Senhor!

— Como achou isso? Ela é ótima, claro que iria conseguir.

— Estou tão orgulhosa!

— Imagino que sim... bom, ela me falou sobre ir morar com uma amiga... ela comentou com a senhora? — Sabia que Antonella não falaria aquilo para a mãe, tinham falado sobre aquilo no jantar, mas tinha que encontrá-la.

— Ah, ela falou? Ora... ainda não havíamos falado disso. — Viu a mulher tentar disfarçar seu desgosto com o que ouviu. — Deve ser Natália. São colegas de turma, já a vi umas duas vezes e parecem bem grudadas.

Nick não queria deixar transparecer seu interesse, mas estava meio desesperado.

— Pelo que fiquei sabendo, não mora muito longe da faculdade, inclusive, Antonella disse que ficava perto da empresa — sondou, tentando disfarçar seu súbito interesse.

— Sim, logo depois da faculdade, é um prédio residencial, o pai dela foi buscá-la uma vez. Mas não entendo essa pressa de sair de casa, filhos são uns ingratos.

— Ora, uma hora ou outra os filhos tendem a crescer, sabia? — disse e a viu sorrir.

— Um dia terá filhos, Nicolas. Me lembrarei de lhe dizer isso um dia... — Ele a olhou... se ela soubesse.

— Bom, eu tenho que ir.

— Não vai esperar sua mãe e Cecilia?

— Não, passei rápido apenas para dar um beijo. Como não estão, nem diga que passei por aqui. Mais tarde volto.

— Ok, vá com Deus e juízo.

— Sempre...

Nicolas saiu da mansão com um objetivo em mente: saber onde morava a tal Natália. Esperava que lá pudesse encontrar Antonella e seguiu como um louco para o endereço que a mãe dela tinha indicado. Entrou na avenida em questão, passando um verdadeiro pente fino pela rua, encontrando o prédio que achava ser seu alvo em questão, dando a volta e parando em frente ao prédio de classe média.

Estava olhando a entrada do prédio, tentando encontrar uma maneira para que o deixassem subir sem ser anunciado, quando cabelos vermelhos sendo jogados de lado chamaram sua atenção.

Era ela e Nick saltou do carro, correndo em direção à calçada. Quando o viu, Antonella tentou chamar um táxi, mas ele foi mais rápido e a alcançou assim que abriu a porta do táxi. Segurou o braço dela, dispensou o motorista e falou:

— Te achei.

— O que faz aqui, Nicolas?

— Conversar, precisamos conversar, não acha?

— Já dissemos tudo um ao outro, agora vá embora.

— Não foi trabalhar?

— Não — disse e não o olhou quando continuou: — Não sei se irei até... bom, resolver tudo isso.

— E aonde ia?

— Eu... você não está facilitando as coisas, Nicolas. Eu vou ao médico. Agora saia da frente — disse e deu a volta em seu corpo, mas a próxima pergunta dele a fez parar e engolir em seco.

— Esse filho é meu?

— Não torne as coisa difíceis para mim, nem para você. Só esqueça que isso aconteceu — disse, ainda de costas, implorando internamente para que ele apenas desistisse.

— Eu preciso saber, Ella, não é algo que eu posso só esquecer. — Tinha amargura em sua voz, ressentimento. — É meu, não é?

Antonella não respondeu, apenas abaixou a cabeça e deixou um soluço escapar, mesmo prometendo a si mesma não chorar mais, era impossível, pois, por mais que tentasse achar uma solução, sentia-se perdida.

Ali estava o que ele precisava saber, escorrendo junto daquelas lágrimas estava a verdade nua que o fez deixar escapar um suspiro, o qual não sabia dizer se era de alívio ou terror. Um filho... Nicolas não pensou, apenas a tirou dali, quase a arrastando até seu carro.

— Me solte, Nicolas. O que pensa que está fazendo?

— Vamos conversar, precisamos conversar.

— Por favor, Nick.

Ele parou, segurando-a pelos ombros e fazendo-a olhar para ele.

— Chega, Antonella. Chega! Tem um filho meu na sua barriga, um filho meu. Acha mesmo que não precisamos conversar? — perguntou e um riso sarcástico irrompeu. — Vamos, entre no carro. — E a viu olhar do carro

para ele, sem saber o que dizer. — Vamos.

Nicolas estava inflexível, ela sabia. O tom vermelho e a mandíbula cerrada lhe diziam aquilo, o queixo quadrado bem desenhado estava retesado e ela se dobrou ao inevitável. Era melhor enfrentar aquela situação de uma vez e pôr um ponto final.

— Tudo bem... — Estava vencida, parecia vencida, e se deixou ir.

Nicolas abriu a porta para ela e, após se sentar no banco do passageiro, sentiu as mãos trêmulas e o estômago começar a lhe pregar uma peça. Ela o viu entrar no carro, colocando-o em movimento em seguida, e se concentrou na rua lá fora, sem saber como seria aquela conversa, como ele reagiria.

Nicolas dirigia pelas ruas sentindo um misto de raiva, urgência e necessidade. Raiva dela, por esconder tudo aquilo. Urgência de entender o que se passou e necessidade de saber se a ideia fixa de ... Deus, não queria pensar naquilo, mas precisava saber se a ideia de tirar o bebê ainda estava em sua mente. Se estivesse, ele a arrancaria.

Era um filho e era seu também, não podia ser apenas uma decisão unilateral. Talvez seu medo fosse de falar e se expor para ele, achando que talvez não assumisse aquela criança, bem, mas já estava concebida em seu ventre, jamais negaria um filho, aquilo não.

Um filho...

Dirigiu, olhando-a às vezes, notando que apertava as mãos trêmulas e suadas uma na outra. Estava nervosa, claro que estava, ele não estava diferente, pois não sabia ainda como começar aquela conversa, nunca fora bom nisso. Era por isso que Dean e Anita eram sempre os responsáveis pelas reuniões e discursos bonitos, não ele. Ele ficava na linha de fundo e, na vida, não era diferente. Ainda estava tentando entender como tinha acontecido.

Ao subirem juntos no elevador, o ar parecia rarefeito e, assim que as portas se abriram, Antonella correu para dentro, indo direto para o lavabo na sala, tendo Nicolas logo atrás dela, nervoso, encontrando-a ajoelhada no chão, agarrada ao vaso e começando a pôr para fora o jantar do dia anterior.

— Antonella? — Tentou se aproximar e ela levantou uma mão, sem

olhar para ele.

— Saia, Nick. Me dê esse tempo, por favor. Tudo isso já é constrangedor o suficiente.

Nicolas sentiu ali, pela primeira vez, empatia. Sim, não tinha outro nome para dar ao sentimento que apertava seu coração, por isso fez o que pediu, deixando-a sozinha, indo até a sala e sentando-se na poltrona de cor nude, esperando por ela. Estava nervoso, batendo o pé no chão como um tique, impaciente, até que depois de minutos que pareceram horas para ele, Antonella saiu do lavabo e ele se levantou.

— Está tudo bem com você?

— Sim, está...

— Eu não sei muito sobre isso, mas dizem é normal. — Antonella apenas assentiu. — Quer alguma coisa?

— Uma água.

— Sente-se, eu pego para você, não se preocupe — prontificou-se, solícito.

Na verdade, queria ganhar tempo, tinha até mesmo ensaiado um discurso, que agora tinha sumido de sua mente.

Estava trêmula, talvez por ainda não ter comido nada naquele dia e ter apenas beliscando algo no dia anterior. E pela primeira vez depois de ver Nick se atracando com outra logo ali, se sentiu fora de contexto naquela casa. Ou talvez fosse ciúmes, nu e cru.

Ouviu os passos dele e em alguns segundos um copo de água era estendido para ela, que o pegou, bebendo-o, enquanto Nick voltou a se sentar, um silêncio constrangedor tomando conta do ambiente.

Ele começou a falar:

— Antonella... eu estou com raiva. Muita raiva. Raiva de você e de mim mesmo. Raiva por fugir, por mentir, por se esconder atrás de uma maldita máscara e de mim por ter ido àquela festa naquela maldita noite.

Você veio agindo como se nada, absolutamente nada, estivesse fora do lugar e depois... Jesus, em algum momento passou pela sua cabeça me contar sobre a gravidez? Dizer que era você?

Segundos se passaram em que ele só ouvia a própria respiração, Antonella nem sequer o olhava.

— Eu preciso que diga algo, seu silêncio está me matando. — E após alguns instantes ela, por fim, o olhou, olhos vermelhos de segurar lágrimas.

— Não, eu não pensei. Isso não era uma opção até invadir o meu quarto ontem e descobrir por si só que fui eu que me entreguei para você naquela noite. Você não precisava saber.

Aquelas palavras bateram fundo em seu peito.

— E você diz isso assim?

— Queria que eu mentisse? Eu não vou mentir para amaciar o seu ego, Nick. Aquela noite era para ter ficado apenas na lembrança e só.

— Você está brincando comigo, é isso? O que estava fazendo lá? Pois já sei que não era uma das acompanhantes de luxo, eu chequei — disse e a viu arregalar os belos olhos verdes.

— Eu estava trabalhando na cozinha, como garçonne, estava indo levar uma colher para uma das moças que... bem, você sabe. Foi quando bateu em mim por acidente e quando te vi... — Antonella suspirou ao falar, podia sentir de novo a sensação de ser tocada por ele. — Foi a primeira vez que olhou realmente para mim, Nick, como um homem olha uma mulher, não uma empregada ou amiga. Em um primeiro momento, eu disse não, era loucura, mas depois... não era para você saber.

— Me usou como um maldito brinquedo! Eu passei dias pensando em você. Sabe aquela noite em que me pegou aqui com uma mulher? — esbravejou. — Era para ser você, eu queria você. Mas não tinha ninguém como você na maldita agência e então me mandaram outra que tinha suas características. Agora, Antonella, imagine minha decepção quando a toquei e não era você, quando não consegui ir até o final com aquela mulher porque você estava na minha cabeça e nem ao menos tinha um maldito rosto. — Ao

final, ele já estava gritando, fora de si. — Você não faz ideia, não é?

— Fala de brincar... quantas vezes já brincou com alguém Nick?

— Não seja tola, não coloque mais ninguém aqui entre nós. Não desmereça seus atos.

— Não estou... fiz uma escolha e dentre elas estava a que jamais saberia que fui eu que fiquei com você naquela noite.

Nicolas ficou olhando-a, tinha tanto a dizer... mas decidiu seguir outro caminho, o que lhe importava, mentindo para si mesmo e dizendo que não se importava com ela ou com o que tinha acontecido entre ambos.

— Quanto ao bebê, ele é meu?

E Antonella não tinha mais por que mentir, ele já sabia.

— Sim, é. Foi o único homem com quem fiquei nos últimos oito meses.

E o silêncio era a única coisa ouvida entre os dois.

— Não iria me falar... — Não foi uma pergunta.

— Não, não iria. Não posso arcar com isso agora, ainda estou na faculdade, estou... se não soubesse, seria mais fácil para mim e para você.

— Por que não falou, por que não pediu minha ajuda? Faço parte de tudo isso. — Ele voltou a apertar a mesma tecla.

— Olhe para você, Nick... Não finja que quer essa criança.

— Não diga o que quero ou não, Antonella. Não me conhece se acha mesmo isso.

— Não vou ter esse filho, Nick, eu já decidi.

— A decisão não é só sua.

— É o meu corpo, sou eu quem decide. Você não deveria nem fazer parte dessa equação.

— Você está se ouvindo? É o meu filho, Antonella. Uma criança

indefesa que não tem culpa do que fizemos — disse, querendo convencê-la de algo que talvez nem ele mesmo estivesse convencido.

— Você não entende. Tem uma vida perfeita demais, não precisará abrir mão de sonhos por isso, de nada. Não vivo no seu mundo, Nicolas, as coisas não são como quer, como pensa.

— Isso... está falando de uma criança, Ella.

— Estou falando de um feto. Um feto!

Ele ficou olhando para ela, sem bem saber o que dizer, e chegou a uma conclusão.

— Você estava certa, crescemos e eu realmente não te reconheço...

— Ah, jura, Nick? Achou o quê? Que eu seria a mesma de quando tinha 14 anos, que aceitava tudo que você quisesse fazer, qualquer atenção que quisesse me dar?

— Do que está falando?

— Ah, Nicolas. Não vamos chegar a lugar algum aqui, já tomei minha decisão.

— Okay. Olhe, se você não quer a criança, tudo bem... a tenha e me dê, eu assumo a guarda, tudo. Só a tenha... — Deu sua última cartada.

— O quê? Ficou maluco?

— Não, só não vou deixar que cometa uma loucura. Está confusa, eu entendo. Mas, apesar do corpo ser seu, esse filho que está aí também é meu e eu sinto muito por não poder gerá-lo em meu corpo para te livrar de nós dois, sendo assim, estou te fazendo uma proposta, me dê a criança.

— Você surtou, só pode ser isso...

— Oito meses, oito meses é o que lhe peço da sua vida. Você fica aqui, terá tudo que eu puder lhe dar, tudo o que quiser e, quando sua barriga começar a crescer, pode simplesmente dizer a sua mãe que a Dangelo precisou de você em outro Estado, qualquer coisa, até o fim da gravidez. Assim que ele ou ela nascer, você estará livre e terá de mim a quantia que

quiser.

— Estar tentando me comprar?

— Não, estou te oferecendo algo melhor do que ver seu filho ser mutilado por uma maldita sucção. Depois de me entregar a criança, poderá viver sua vida como bem quiser. Não me importa, só quero a criança que carrega. — E lá estava a mágoa em sua voz, a revolta. — Não precisa aceitar agora, fique aqui e amanhã ou qualquer outro dia pode me dizer se aceita ou não. Eu espero.

— Nicolas...

— Por favor, Ella, só lhe peço que pense.



CAPÍTULO 13

UMA DECISÃO

Após uma conversa que Nicolas jamais pensou que viria a ter, ele se sentia extremamente ansioso. Uma ansiedade sem tamanho. Ao menos Antonella tinha lhe dado mais um dia ao prometer pensar e a convenceu a ficar ali, em sua casa, com ele. Pediu almoço para dois, mas infelizmente ela disse não ter fome, estava enjoada e quis apenas se deitar e ele, claro, foi solícito.

Após mexer a comida no prato, sem comer quase nada, estava olhando o horizonte, tentando acalmar seu coração. O fato de descobrir que Antonella não estava prostituindo seu corpo causou algo como alívio em seu peito. Talvez por imaginar que naquela noite ela fugiu apenas por ser ele, não por estar com outro, e aquilo o fez perceber, mesmo que não quisesse admitir, que sentiu ciúmes. Mas aquilo ele jamais diria, ainda mais naquela situação em que tentava controlar sua raiva pelas coisas ditas por ela.

Não acreditava que ela tinha se arrependido ou que um dia lhe contaria quem era. Esperava o quê? Que ela dissesse que também gostou, que aquela noite ficou também em seus pensamentos e sonhos? Que idiota, não entendia aquele sentimentalismo barato, nunca se importou, nunca pensou em uma mulher após transar com ela. Por que logo com uma infeliz traidora de máscara era diferente?

Mas de que aquilo importava? Agora, o que importava era apenas a consequência que aquela noite lhes trouxera. Fez a ela uma proposta e pedia internamente que ela aceitasse ou não saberia o que fazer. O tempo todo em que conversou com Antonella só tinha olhos para a sua barriga, que por ora não dava nenhuma pista de que ali tinha uma criança, sua criança e que, se dependesse dele, continuaria crescendo protegida pelo ventre materno.

E o problema era que, se ela quisesse fazer um aborto, ele não poderia fazer absolutamente nada, era uma escolha só dela. Passou a mão no rosto, sentindo-se vencido, pois algo lá no fundo lhe dizia que Antonella já tinha tomado sua decisão.

Nunca se imaginara em uma situação daquela, talvez o contrário, quando era mais novo, antes de Cecília, a alegria da família, entrar em suas vidas. Depois de ver o que uma criança poderia fazer na vida de quem vivia ao seu redor, ele jamais poderia desejar algo assim.

Sentiu uma necessidade insana de falar com alguém, diminuir o bolo em sua garganta, mas falar com Dean estava fora de cogitação, o irmão já tinha problemas demais. Anita também, sendo assim, só lhe sobrava Willian. Claro, tinha seu amigo Tony, mas sabia o que ele diria, que Nick estava ganhando na loteria por ela querer o aborto e não precisava de algo assim.

O problema em ir falar com Will era que entre eles havia uma diferença de idade gigante e, com aquilo, uma certa falta de intimidade, amava o irmão, claro, mas faltava... convivência, talvez. Willian bateu asas cedo demais e talvez por isso lhes faltasse o primordial em uma relação de irmãos. Bom, não tinha muitas opções, tinha?

Àquela altura, avisou até mesmo a irmã de que não iria trabalhar naquele dia e, apesar de Anita querer saber o porquê, ele não contou. Como naquele horário ela estaria na empresa, decidiu retornar à mansão, pedindo internamente que só encontrasse com William, não queria demorar.

Chegou à mansão minutos depois, entrou na sala de estar, que se mantinha silenciosa naquela tarde, e foi direto para a biblioteca anexa ao escritório, tendo o cuidado de bater antes de entrar, encontrando Willian sentado em uma poltrona, com um livro nas mãos e um copo de licor descansando na mesinha ao lado. Era ali que sempre ficava após o almoço.

O irmão era um homem de estatura grande, apesar daquilo, tinha uma expressão calma, solidária até, e ao mesmo tempo sofrida.

— William, como vai? — disse e notou o olhar de estranheza do irmão.

— Ora, bem, Nick. Não esperava encontrar você novamente por aqui. Até agora há pouco mamãe estava uma fera porque não a esperou, Cecília também, esta ficou te esperando inconformada na noite passada.

Nicolas riu, coçando a cabeça.

— Não deu para esperá-las e não deu para vir na noite passada. E onde

elas estão?

— Mamãe e Cecilia estão tirando o sono da beleza, sabe, é algo sagrado para nossa mãe. Papai foi para o clube.

— A essa hora? — disse, desviando o olhar e rodando o globo parado ali próximo, na mesinha de canto.

— Sim, está ficando velho e querendo aproveitar o tempo livre. Mas e você? O que faz aqui, digo, de novo?

— Hum... bem, vim falar com você.

E ele parecia um garoto assustado que fez merda ao dizer aquilo, vendo William levantar uma sobrancelha grossa e abrir um pequeno sorriso. Aquilo era incomum.

— Então espero que eu possa ajudar — disse, fechando o livro em suas mãos e dando toda atenção ao irmão mais novo.

— Eu também espero, Will.

Nick se aproximou e puxou uma cadeira, sentando-se próximo a William, enquanto o irmão o olhava com certa estranheza, vendo seu olhar meio perdido, sem saber o que falar ao certo.

— Bem, nunca fomos melhores amigos, Will. Temos uma diferença grande de idade, acho que isso causou certa distância em nosso relacionamento. Quando eu ainda era um pirralho encenqueiro, você já estava se formando.

— Okay, estamos indo longe demais, não precisa lembrar minha idade — disse, rindo, tentando descontrair o ambiente.

— Dean, por outro lado estava mais próximo e acredito que, por trabalharmos juntos, temos mais intimidade, o que também acontece com Anita.

— Não estou entendendo aonde quer chegar, Nick. Já deixou claro que eu não era sua primeira opção, agora vá direto ao ponto.

— Certo, estou com problemas — disse e calou William com aquela

fala. — Não posso dizer a Dean, ele iria...

— Perder a paciência?

— Isso... já tem problemas demais e Anne também...

— Faria o mesmo.

— Exato, ela seria bem pior, já você...

— Já eu?

— Eu não sei, é o único que eu não sei como iria reagir, só sei que preciso desabafar o que está me sufocando, Will.

— Então vá em frente, Nick. Apesar de termos essa diferença de idade como frisou, sou seu irmão. Quero o seu bem. — E esperou que ele dissesse algo, o que por segundos não veio.

— Engravidei uma mulher — disse, por fim, e fechou os olhos, esperando que o irmão tivesse um rompante, o mínimo que fosse. Quando voltou a olhá-lo, Will tinha a mesma expressão serena no rosto, uma calma que ele queria ter.

— Continue e me diga qual é a raiz do problema?

— Não temos nada um com o outro, foi uma noite maluca, ela descobriu ontem, ficou nervosa, perdida... e quer tirar o bebê — desabafou de uma vez e assistiu, por um breve momento, às feições do irmão se fecharem minimamente.

— E você? O que você quer? O que sente?

Nicolas nunca esteve com um psicólogo, mas imaginou que seria exatamente assim.

— Eu não sei, mas não quero que tire. Não é um direito meu, eu sei, mas Will... aquele filho também é meu. Vejo mães solo que reclamam e com razão de pais que deixam seus filhos à própria sorte e que, com muito custo e esforço, dão tudo de si por eles. Elas tiveram uma escolha, a de terem a criança... por que eu não posso ter essa escolha, se eu quiser criá-la?

— Simples, porque você não tem um útero.

Nick o olhou, aquilo era óbvio e naquele momento preferia um psicólogo.

— Mas a questão não é quem irá criar a criança, Nick, é que são nove meses. Nove meses em que ela estaria passando por uma enxurrada de mudanças, não é fácil para uma mulher. A escolha é dela, porque é outro ser crescendo ali e que vai mudar tudo em seu próprio corpo, principalmente seus hormônios. Além disso, ela ainda terá que lutar contra o instinto materno para entregar esse filho a você, tentar não criar um vínculo com a criança que ela está gerando em seu ventre. Não é só criar, é abrir mão.

E Nicolas, pela primeira vez, pensou realmente em Ella, em como tudo estava sendo difícil e em como piorou ainda mais as coisas, mas... era um filho, um filho seu.

Mas, por mais que tentasse se colocar realmente no lugar dela, tinha também a criança, que merecia que ele lutasse por ela, e ele queria lutar, pois sempre que pensava no bebê no ventre de Antonella, vinha Cecilia recém-nascida em sua mente, como se sentiu ao vê-la pela primeira vez, mesmo que fosse só um tio... Também pudera, Cecilia ter chegado com vida fora uma vitória para todos.

— O que eu faço, Will? — perguntou, com certa agonia, mas, no fundo, ele sabia o que deveria fazer.

— Dê apoio a ela, Nick, peça apenas que pense com calma e tome a melhor decisão. É só o que pode ser feito, não pode intervir nisso, não pode. Não é seu corpo.

Nick o olhou, sentido que viera falar com a pessoa certa, recostando-se na cadeira, um silêncio apaziguador tomando conta do local, do seu interior. Ficou ali sentado, olhando Willian reabrir o livro e retomar a leitura, tentando acalmar seu coração, que naquele instante estava com um peso jamais visto. Era uma droga tudo aquilo, uma puta brincadeira do destino, mas ele tomaria as rédeas da situação.



Voltou para casa já no começo da noite, dando de cara com Antonella na cozinha, comendo o macarrão com queijo que tinha deixado no micro-ondas para ela, e se aproximou, sentando-se à mesa em frente a ela.

— Oi...

— Oi, Nick.

— Melhorou dos enjoos?

— Sim, dormir um pouco e acordei com fome — disse, olhando o rosto dele, dando-se conta de que parecia abatido.

— Ella... eu estive pensando.

— Não quero falar disso de novo, Nicolas, não agora.

— Eu sei, eu sei. Serei breve. Eu fiz uma proposta e ela ainda está de pé, mas creio que fui injusto com você. Só quero que saiba que não concordo com o que pensa em fazer, mas que irei te dar apoio em qualquer decisão que tomar, estarei com você independente do que queira fazer.

Antonella ficou olhando e engoliu em seco, o rosto tomando uma cor rubra, os olhos arregalados enchendo-se de lágrimas, e o viu se levantar e se aproximar dela, parando à sua frente e olhando-a por alguns segundos até se abaixar e beijar sua testa, voltando a olhá-la.

— Vou subir, descansar um pouco. Apenas tome sua decisão com calma, estarei ao seu lado em qualquer situação.

Antonella nada disse e ele saiu, sentindo como se carregasse quilos de concreto nas costas. Que confusão estava sua cabeça e sua vida agora...



CAPÍTULO 14

UMA DECISÃO DE PESO

Nick acordou de madrugada, estava suado devido à noite quente e se deu conta de que dormiu assim que se deitou, ainda cedo da noite, sem ao menos ver se Antonella precisava de algo. Levantou-se e foi a passos suaves ao quarto dela, testando se a maçaneta estava destrancada, abrindo-a devagar e vendo-a ressonando, deitada de lado, a sombra da noite escondendo seu rosto. Se Nick pudesse vê-la com precisão, se daria conta de que ela estivera chorando a noite toda até cair no sono.

Ficou ali, olhando-a à meia-luz, imaginando todo aquele dia, quando descobriu que ela era a mulher que estava mexendo com sua mente e o quanto aquilo o abalou. Mas tinha algo que ficou em sua mente, a parte em que ela foi sincera com ele, apesar de ter escondido algo que o deixara decepcionado. Antonella tinha dito a ele a verdade sobre suas razões para mentir, suas razões para não lhe contar sobre o filho. Não tentou mentir, manipular, nada, apenas se desnudou, por fim. Talvez tivesse medo e pensar naquilo o fez querer protegê-la, lhe dar segurança, apoio.

Voltou ao seu quarto, sentindo sua cabeça pesada, e tomou um banho. Sem sono naquela madrugada, foi para sala, sentando-se no sofá e esperando que as horas passassem, com os pensamentos dando voltas em sua cabeça. Não iria mais pressioná-la, deixaria que tomasse sua decisão com calma e lhe daria apoio, mas aquilo o estava consumindo com sofreguidão por dentro e não sabia explicar ao certo os sentimentos que o atormentavam.

Inquieto, decidiu preparar o café quando o sol começou a aparecer, voltou ao quarto e vestiu-se. Fez o café e não demorou a tomá-lo com torradas, olhou em volta, indo ao escritório buscar uma caneta e um pedaço de papel. Deixaria um bilhete para Antonella. Ficou olhando o pedaço de papel em branco, imaginando o que escreveria e por fim foi algo simples.

Preparei o café, espero que goste, tive que sair mais cedo para ir à

empresa. Não volto para o almoço, mas mandarei algo para você.

Nick

Leu ao terminar e estava bom, objetivo, sucinto, nada demais. Deixando o papel sobre a mesa, Nick saiu para o trabalho, seria um dia cansativo, sem falar no trabalho acumulado por não ter ido à empresa no dia anterior. Chegou logo cedo e nem teve tempo de ao menos abrir seu *notebook* antes que Anita adentrasse sua sala como um furacão.

— Não sabe bater? — perguntou e a irmã o olhou, estranhando, aquilo não era típico dele.

— Hum... Bom dia, Nick. Nunca precisei bater, por que precisaria hoje? E o que te fez pular da cama tão cedo?

— Tive alguns problemas para resolver ontem, obviamente tenho trabalho acumulado. Era só isso?

— Não, o que aconteceu ontem para que não viesse?

— Nada com que deva se preocupar, Anne.

E ele sabia que aquilo não bastaria.

— Sabe, é estranho esse seu sumiço. Sempre foi irresponsável, claro, mas faltar no trabalho... essa é nova. E estive na mansão ontem à procura de Antonella?

Nick a olhou e tentou ocultar o desconforto e a raiva com a intromissão da irmã, mas ela era assim. Se não fosse vice-presidente da Dangelo, com certeza seria detetive.

— Eu não te devo satisfação do que faço, Anita, e creio que Antonella menos ainda.

— Ora, Nicolas, não seja tolo e não caia no conto da jovem em busca de um herdeiro.

— Antonella não é assim! — bradou, ficando de pé, e se arrependeu em

seguida, percebendo que tinha dado munição à irmã. — Somos só amigos, Anita. Dei sua demissão, ficou algumas coisa lá em casa ainda e preciso procurar alguém para sua função.

Nick a viu sorrir, tinha acabado de confirmar, mesmo que sem querer, as suspeitas da irmã.

— Claro... compreendo. Solícito de sua parte, não? Que bom coração, Nicolas.

— Pare de Jogos, Anne. Hoje não. O que mais quer?

— Tudo bem... — disse, sentando-se e cruzando as pernas em uma pausa que deixava Nick louco. A irmã era irritante. — Dean irá renunciar ao cargo da presidente — disse, o que causou surpresa nele.

— Como assim?

— Ele quer mais tempo com Lívia, precisa cuidar da família, recuperar o tempo perdido... nosso irmão precisa disso, Nick, de tempo. E é aí que nós entramos.

— Nós? — perguntou, perdido.

— Sim, nós. Com Dean fora da Dangelo por tempo indeterminado, sobra apenas nós dois.

— Não me diga que...

— Digo sim. Quero você na vice-presidência.

Nicolas estava perplexo. Okay, era algo meio óbvio, mas, apesar disso, jamais imaginara que o pai confiaria aquele cargo a ele, menos ainda Anita e Dean.

— Só pode estar brincando.

— E por quê? Talvez seja hora de mais responsabilidade, Nick. Confio em você e papai está de acordo.

— Está?

— Sim, ficou feliz, inclusive, reconhece seu crescimento. Apesar de alguns deslizes, claro. Só peço a você mais responsabilidade, faltas como a que aconteceu ontem não podem e não devem mais ocorrer.

— Anne, eu... nem sei o que dizer.

— E nem precisa. Parabéns, vice-presidente da Dangelo! — disse, levantando-se e estendendo-lhe a mão.

Nick negou com um aceno ao recusar sua mão e a puxar para um abraço, beijando seus cabelos.

— Serei ótimo, melhor até que você. Verá... quando Dean voltar, nem irá mais querer você como braço direito — disse, rindo e levando um beliscão na costela.

— Não me decepcione, irmão.

— Não vou. Obrigado, Anne.

— Bem, deixe-me ir trabalhar, tenho que cuidar de todas as mudanças a serem feitas.

— Eu estou aqui à disposição do que precisar...

— Ótimo e Nick, sobre Antonella... eu sei que ela não é assim.***



Após um duro dia de trabalho e uma surpresa que não esperava, menos ainda um reconhecimento, Nick negou o convite de alguns executivos para um drink naquela noite. Não estava no clima, tinha que ir para casa e enfrentar seu problema atual ou a solução daquele problema. Passou o dia inteiro ensaiando possíveis falas, imaginando várias respostas que ela poderia lhe dar, o que deixou seu coração saltando no peito quando foi para casa.

Assim que rodou a chave na fechadura e entrou, encontrou Antonella sentada no sofá, roendo as unhas da mão com uma expressão ansiosa, estava

nervosa, as bochechas vermelhas e os olhos verdes arregalados cravaram-se nele quando o viram entrar.

— Boa Noite, Ella.

— Boa noite... Nick.

— Como passou o dia? Enjoos? — perguntou, deixando o paletó sobre o encosto do sofá e afrouxando a gravata.

— Bem, sem enjoos.

— Bom, muito bom. O almoço estava do seu agrado?

— Claro e não precisava. Eu poderia ter feito algo para comer.

— Sei que sim. Mas não me custou nada mandar seu almoço.

O silêncio tomou conta da sala. Enquanto a olhava, Antonella não sustentou seu olhar e, por breves instantes, Nick deixou o pensamento voar para a noite em que tudo aconteceu. Um suspiro pesado dela chamou sua atenção e foi ela quem falou primeiro, ficando de pé.

— Nicolas, tenho que dizer que eu não esperava de você a atitude que teve, talvez esperasse você me propusesse o que eu quis fazer desde o início, digo, o aborto — ela começou e o coração dele palpitou no peito. — Mas... apesar de ser louvável o que me pediu, eu não posso. Me desculpe, sei que não é uma decisão só minha, mas é algo que depende unicamente de mim. Terei que parar minha vida... novamente. Eu não quero, Nick. Fiz planos, projetos que estão tão próximos de serem realizados, que ficaram na gaveta por tanto tempo... Eu não quero. — Ela engoliu em seco. — Me desculpe, mas... irei fazer o aborto.

Nicolas estava olhando para ela e não teve o que falar naquele instante, quis sentir raiva, quis... nada. Ele não poderia fazer nada e, após segundos de silêncio em que via o constrangimento estampado no rosto dela, ele expôs o que se passava em sua cabeça e coração.

— Eu entendo... não quero, mas entendo. Marque o médico, Antonella, se possível, para o sábado.

— Por que sábado? — perguntou, curiosa.

— Não fez esse filho sozinha, não passará por isso sozinha também. Estarei lá com você. Pode começar amanhã na Dangelo, assuma seu estágio, eu cuido do resto. E é isso.

— Nick...

— Não, agora não. Já resolvemos o que tinha que ser resolvido. Tomou sua decisão, eu a aceito e lhe darei todo o apoio, Antonella. Agora irei subir.

— Não quer jantar?

— Estou sem fome... — E com um vazio descomunal no peito, mas aquilo ele reteve para si mesmo. Ainda não entendia todo aquele sentimento.

Tinha pensando em mil coisas para dizer, tentar convencê-la, o problema era que em seu peito tinha a certeza de que a mulher não aceitaria sua proposta. Uma pena...



CAPÍTULO 15

UM NOVO HORIZONTE

Foram dias difíceis em que Nicolas tentava se afundar em sua nova função no trabalho, mas, apesar disso, não conseguia não pensar em Antonella, na gravidez e no fato de que ontem ela havia dito que tinha marcado o procedimento para o sábado, às 9h da manhã, como ele havia pedido. Inclusive tinha ido ao médico novamente, feito mais alguns exames, dizendo em especial qual era a sua escolha.

Antes daquilo, Antonella também o tinha procurado, dito mais uma vez que ele não precisava ir com ela e, claro, Nicolas negara terminantemente. Agora, sozinho em sua sala, não sabia se queria mesmo ir, o pior era que em todas as noites que ia dormir, sonhava com a mulher misteriosa e, desde que soubera, apenas Antonella vestia a máscara. Agora tinha um rosto e não sabia o que era pior.

Olhou o horário no *Rolex* em seu pulso, era hora de ir para casa, mas ele queria mesmo ir? Não, não queria. O que queria era voltar no tempo, desfazer tudo aquilo e talvez começar de outra forma, mas para aquilo teria que admitir que Antonella tinha tomado parte de seu coração e que, apesar de querer voltar no tempo e desfazer algumas coisas, não se poupava de ter mais contato com ela.

Ficou ali, jogado na cadeira até dado momento, cansado. Por fim, levantou-se, pegou a garrafa de uísque na mesa de descanso e se sentou no tapete do chão, encostando-se no sofá de couro negro. Chegou a suspirar, virando a primeira dose da bebida, que amargou sua boca.

Ele entendia que aquilo não adiantaria de nada, não serviria para esquecer o que ainda nem acontecera, menos ainda para ajudar Antonella a mudar de ideia, mas poderia ter alguns momentos de dormência com a bebida.

Não voltaram a falar da possibilidade de terem a criança, Antonella estava mesmo decidida. Certa noite, chegou a escutá-la chorar na cama,

quando deixou seu próprio quarto para ir ver como ela estava, como vinha fazendo em todas aquelas noites. Sentiu vontade de confortá-la, de trazê-la para seu peito e dizer que ficaria tudo bem. Mas ele não sabia ao certo se ficaria...

O pior foi ter feito inúmeras pesquisas sobre os procedimentos abortivos e imaginar cada um, assim como também viu alguns vídeos e seu horror piorou drasticamente.

Encostou a cabeça no sofá e fechou os olhos, não se reconhecia mais. Ora, em outros tempos talvez estivesse até mesmo aliviado com a decisão dela... Já vira aquele filme com alguns amigos, mas não, não estava nada aliviado. Queria proteger aquela criança, queria proteger Antonella, queria... tocar sua barriga, senti-la.

Por vezes a fio, se viu querendo exatamente aquilo... Uma bela droga todo aquele sentimentalismo. Fechou os olhos e pediu que tudo passasse rápido e que no futuro ela não viesse a se arrepender. Não suportaria aquilo, pois também se culparia.

E lá estava ela quando Nick entrou em casa, da mesma forma como estivera dias atrás, esperando-o para dizer sua decisão. Ao contrário daquele dia, ela não ficou no sofá, não, Antonella se levantou e correu para seus braços assim que ele entrou no apartamento, jogando-se em sua direção.

Nicolas estranhou e algo em seu peito ganhou vida. Abraçando-a de volta, enfiou o rosto em seu pescoço e inspirou seu cheiro.

— Eu não quero mais, Nick, não quero. Quero ter nosso filho e com você. Quero você!

Nick foi chamado para realidade, assustando-se ao acordar de um breve cochilo, derramando a bebida que estava ao seu lado e molhando a calça. Até mesmo naqueles momentos ela invadia seus sonhos e um suspiro cansado lhe escapou.

Tinha perdido de vez a noção. Guardou a garrafa de uísque, indo para o banheiro e passando uma toalha na mancha de bebida em sua calça.

Constatou que estava horrível ao ver seu reflexo no espelho e era hora de voltar para casa. Pegou suas coisas e saiu da empresa, lembrando o breve sonho que tivera, queria que fosse verdade.

Chegou à casa, encontrando o lugar silencioso. Deixou sua pasta sobre o sofá e foi a passos macios até o quarto de Antonella, abrindo a porta devagar, a fim de confirmar se ela estava ali dormindo. Ficou grudado à porta, tentando ouvir qualquer indício de que estivesse acordada, como não escutou nada, ele abriu a porta, não a encontrou na cama e se sobressaltou, entrando no quarto e olhando em volta, encontrando-a em pé, perto da janela do quarto.

— Oi, Nick — disse, ainda de costas, e ele sentiu-se envergonhado por ter sido pego.

— Ah, oi. Eu só... queria saber se estava bem, desculpe por não bater, boa noite, Ella — disse, pronto para sair, mas algo o parou.

— Eu sei que não concorda... mas estamos fazendo o certo, não estamos?

Aquela era uma dúvida constante em seu coração, por mais que quisesse ter certeza. Ouviu-o suspirar e entrar novamente no quarto, parando ao seu lado, mãos nos bolsos, expressão cansada.

— É o que seu coração pede, Ella? — perguntou e olhou para ela, queria tanto que ela dissesse que não.

— Meu coração está confuso, Nick, mas minha razão diz que sim, que estou certa. Mas estou com medo... — revelou, sem receios.

Antonella sentiu o braço masculino em volta da sua cintura, puxando-a para ele, confortando-a, e ela se deixou levar, debruçando a cabeça sobre seu ombro, olhando a noite lá fora.

— Se sua razão diz que sim, então, sim, estamos fazendo o certo... Mas, se em algum momento, por mais breve que seja, você tiver dúvidas, apenas me olhe e eu saberei. Vai dar tudo certo — disse e beijou sua testa. — Precisa dormir, boa noite, Ella — disse e desceu seu olhar para o ventre coberto por uma camisola de algodão confortável, deixando-a em seguida.

— Boa noite, Nick.

Se continuasse, sabia que não seria capaz de dizer que estavam fazendo o certo, pois seu coração e mente gritavam que não.



Quando Antonella foi à cozinha naquela manhã, Nicolas estava lá, à sua espera, de calça jeans, camisa branca e pés descalços, simples e perfeito como sempre o viu. Parecia ter acabado de sair do banho, ainda com cabelos molhados, mal penteados para trás. Durante um minuto em que ele não a viu, ela apenas o admirou. Em outra situação, uma que fantasiou em sua adolescência por vezes a fio, aquele momento seria perfeito.

— Ah, você está aí...

— Bom dia, Nick...

— Bom dia, Ella. Eu não sabia se poderia comer... então...

— Não, melhor não. Segundo o médico é um procedimento rápido, mas pode causar desconforto, sendo assim...

— Entendi. Melhor não então. Bom, eu já tomei café, vou calçar meu tênis para irmos, já está pronta?

— Sim, já sim.

— Certo, volto em alguns instantes.

Antonella ficou ali, esperando-o na sala e a vontade de chorar a invadiu. Malditos hormônios. Olhou o vestido lilás, simples e de saia rodada, limpando uma sujeira imaginária ali. Sem se conter, tocou sua barriga com carinho, sentiu medo e poderia jurar que algo mexeu ali dentro. Uma decepção consigo mesma a tomou, mas ela a reprimiu, dizendo que era fruto de sua imaginação. Bebês com seis semanas não chutavam, mal tinham pés. Como o médico dissera, era apenas um feto minúsculo.

Estava fazendo algo que poderia lhe trazer arrependimentos pelo resto

da vida, fruto de uma loucura que fizera em uma noite, entregando-se ao desejo reprimido em seu íntimo. Fora ingênua ao imaginar que ele jamais saberia, mentira tinha perna curta, não importava as probabilidades.

Ficaria tudo bem... o tempo ficaria incumbido de amortecer tudo, qualquer sentimento. Tinha tomado a melhor decisão, seguiria com sua vida, seus planos e seria feliz.

— Vamos?

Saltou no lugar ao ouvir a voz de Nick, que estava de volta à sala, tirando-a de seus pensamentos e incertezas. Tinha chegado a hora.

— Claro. Vamos ou nos atrasaremos.

Nicolas nada disse, abriu a porta para que ela passasse e seguiram lado a lado enquanto passava o endereço da clínica para ele.

Entraram no carro e se viu batendo os dedos na perna, ansiosa, com medo e pedindo forças. O silêncio era o prenúncio do que iria acontecer e achava mesmo melhor não falar. Chegaram ao local e surpreendeu-se quando, ao descerem do carro, Nick segurou sua mão e a guiou até a recepção, sentando-se com ela após se identificarem e lhe pedirem para que esperassem.

— Como se sente?

— Estou nervosa.

— Não fique, dará tudo certo — disse, pegando sua mão na dele.

— Obrigada, Nick...

— Não me agradeça. Não faça isso...

Para ela, aquele modo de falar era como se ele estivesse em agonia.

— Nick... me desculpe por esconder. Achei que seria melhor se não soubesse — disse e o viu abrir a boca para dizer algo, mas foram interrompidos.

— Senhora Magnos? — Ouviu seu nome, sendo obrigada a perder

aquele breve contato com ele.

— Sim, sou eu.

Antonella levantou-se, cortando o momento e sentindo o coração querendo saltar pela boca.

— Me acompanhe, por gentileza — pediu e olhou feio quando Nicolas se levantou, fazendo menção de acompanhá-las. — Perdão, mas o senhor não pode entrar.

— Como é? — indagou, nada satisfeito.

— O senhor...

— Não termine, por gentileza. Eu vou entrar naquela sala, não vou deixá-la sozinha.

— Senhor...

— Não. Não adianta. Antonella só entrará naquela sala se eu for com ela, do contrário ficaremos aqui mesmo.

— Nick... — Antonella tentou e ele a cortou, voltando a falar com a enfermeira.

— Dê um jeito, vou entrar de qualquer forma.

E iria mesmo, não importava o que falassem, a menos que ela dissesse não. A enfermeira, àquela altura, o olhava como se fosse queimá-lo.

— Nós temos um horário a cumprir, senhor. É um procedimento rápido e indolor, não precisa de acompanhante.

— Não haverá um procedimento se continuar insistindo que ela irá sozinha.

— Qual o problema aqui? — um médico negro e alto falou, percebendo a aglomeração e chamando a atenção dos três.

— Doutor, me desculpe, mas esse senhor se recusa a ficar na sala de espera enquanto sua... sua...

— Amiga — Antonella disse.

— Sua amiga fará o procedimento.

— Não ficarei aqui, irei com ela... — disse mais uma vez, sem se importar em chamar a atenção das demais pessoas.

— Bem... não é o procedimento padrão, o senhor há de entender, mas podemos preparar algo. Leve a paciente para uma sala em que ele possa observar pelo vidro...

— Mas, senhor...

— Faça o que pedi, quando tudo estiver pronto, traga o traje para o senhor e o leve para assistir. Agora podemos ir, senhorita Magnos? — perguntou, solícito.

— Sim, vamos.

— Eu posso falar com o senhor um instante, doutor? — indagou Nick.

— Sim, podem ir, chegarei em um minuto — disse, dirigindo-se à enfermeira que esperava Antonella.

Antonella seguiu com a enfermeira, sentindo o frio tomar seu estômago, o medo a afligir. Calada, entrou em um quarto e foi preparada para o procedimento simples, colocando uma camisola e ficando apenas com ela. Era desconfortável, ainda mais pelo olhar que recebia da enfermeira, ela a estava julgando e era aquilo que não suportava. Ou era apenas sua consciência acusando-a?

Em seguida, após colocar touca e sapatilhas cirúrgicas, Antonella foi levada a uma sala equipada e estéril em que o médico que a atendeu e duas mulheres a esperavam.

— O seu acompanhante estava preocupado, achando que a senhora sentiria dor, mas fique tranquila, não sentirá.

— Tudo bem.

— Ótimo. Vamos começar a ultrassom e em seguida iniciaremos o procedimento. Quando acordar, já estará no quarto.

— Tudo bem. Doutor?

— Sim...

— Ele, o bebê, irá sentir dor? — perguntou, a garganta seca, um bolo querendo sufocá-la.

— Bem, é apenas um feto. Um pequeno embrião. Então não, não sentirá dor.

— Entendi...

— Podemos?

— Claro, podemos, sim.

Antonella olhou para a janela de vidro ao lado, imaginando que seria ali que Nick logo estaria. Alguns minutos se passaram até que um gel gelado foi colocado em sua pélvis e o médico levou o aparelho de ultrassom à sua barriga, espalhando o gel.

O monitor estava voltado para ele e após alguns segundos ela começou a achar que algo estava estranho quando o médico se demorou olhando o monitor e teve certeza de que havia algo errado quando uma enfermeira se aproximou dele, apontando para algo. Procurou Nick pelo vidro e ele ainda não estava lá.

— Algum problema? — perguntou, voltando sua atenção para a equipe ali, mas pareciam não a ter ouvido. — Doutor, algum problema? — Buscou Nicolas novamente com o olhar e lá estava ele, olhos petrificados nela.

Ele, por sua vez, sentia-se nervoso e estava ali unicamente por ela, não poderia deixá-la sozinha, de certo modo tinha culpa naquilo, pois fora inconsequente ao tirar a camisinha e jogá-la do lado da cama de qualquer jeito, se tivesse tido mais atenção, veria que provavelmente tinha rasgado.

Ficou ali, olhando a cena, sem saber se conseguiria assistir até o final, e se prendeu na conversa que Antonella estava tendo com o médico. Aquilo era normal? Achava que não.

Ela o olhou e seu corpo automaticamente reagiu aquele olhar.

Antonella parecia nervosa, o médico, em uma postura defensiva, parecia querer acalmá-la, falando algo e, quando segurou em seu ombro, Antonella tinha no olhar um pedido de ajuda e seu olhar suplicante para Nicolas foi o suficiente...



CAPÍTULO 16

UMA INTERRUPÇÃO

— O que está acontecendo? — bradou Nicolas, entrando na sala e indo para o lado de Antonella, não se contentou em observar atrás do vidro ao vê-la olhar para ele daquela forma.

— Eu não quero mais, Nick. Por favor, eu não quero, me tire daqui — disse, agarrando a mão de Nick, com um olhar suplicante.

— Senhor Dangelo e senhorita Magnos, peço que se acalmem.

— Não, eu só quero ir embora.

— Tem certeza? — Nick perguntou, ignorando o médico.

— Tenho, só vamos.

— Quer me contar o que aconteceu, Ella?

— Não, agora não. Só vamos sair daqui.

— Hoje não será feito nenhum procedimento, doutor. Venha, Ella, venha comigo. Conversamos em casa.

Nicolas ajudou-a a se levantar e, com ajuda de uma enfermeira, Antonella foi se trocar, saindo às pressas da sala com um olhar perdido no rosto, encontrando Nicolas esperando-a. Ele buscou a mão dela, sentindo-a gelada, trêmula. Permaneceu calado, puxando-a para si e abraçando seus ombros, podendo sentir o cheiro de que tanto gostara em uma noite que agora considerava especial.

— Você está bem? — perguntou e ela o olhou.

Não, Antonella não estava bem, mas ela apenas confirmou com um aceno e entrou no carro quando ele abriu a porta. Em silêncio, dirigiu pela rua movimentada até seu apartamento, o tempo todo segurando a mão dela, querendo saber o que tinha acontecido, pois algo sério tinha ocorrido para que ela mudasse de ideia e não sabia o que sentir, queria sentir alívio, mas

não sabia como seria dali para frente.

Chegaram ao prédio e, ao entrarem no apartamento, Antonella desabou, ali, parada à sua frente, abraçando o próprio corpo e Nicolas se viu impotente, paralisado.

Nada vivido até então se comparava aquilo, ao que estava vendo e sentindo. Teve medo de que, ao se aproximar dela, Antonella o repelisse, mas quando chegou perto e tocou seu ombro devagar, ela se jogou em seus braços e ele a abraçou forte, tentando lhe dar segurança, conforto, enfiando o rosto em meio aos cabelos vermelhos fartos.

Agachou-se minimamente e pegou-a em seu colo, enquanto a sentia se agarrar ao seu pescoço, escondendo o rosto molhado em seu ombro, chorando como uma criança, e tudo aquilo estava mexendo com ele, deixando-o desesperado para saber o que tinha acontecido.

Subiu as escadas e não foi para o quarto dela, mas sim para o seu, deitando-se na cama com ela e trazendo-a para junto si, abraçando-a forte, dando-lhe carinho, algo como consolo e recebendo o mesmo, ainda que ela não percebesse. Não perguntaria nada agora, deixaria que ela se acalmasse e estaria ali para o que precisasse. Seria quem ela quisesse que fosse, seria capaz de muito, apenas para não a ver chorar outra vez.

Aos poucos, Nicolas sentiu o corpo quente e grudado ao seu amolecer em seus braços, soluços sendo substituídos por pequenos suspiros de um sono que, aos poucos, foi se tornando tranquilo. Nicolas beijou sua testa e permaneceu colado a ela. Por mais que lhe custasse admitir, estar assim com ela era um tipo de acalento também para ele, loucura? Talvez fosse...

Sem conseguir se controlar, fez o que queria fazer há muito tempo. Devagar, levou a mão à barriga dela, sentindo-a pela primeira vez e seu coração pareceu crescer em seu peito com aquele simples gesto. Aconchegou-se ainda mais a Antonella, sentindo seu cheiro, deixando sua mão acariciar levemente o ventre e, sem perceber, foi levado por um sono leve junto a ela.



Despertou com Antonella afastando-se e sentando-se na cama.

— Ella, tudo bem? — perguntou, esfregando o rosto, sentando-se ao seu lado e olhando-a de perfil.

— Não, não está. A essa hora, eu...

— O que aconteceu lá, Antonella? — perguntou e ela o olhou, sentindo um bolo subir na sua garganta. Teve dúvidas se deviria ou não dizer e optou por ser sincera, já estava mesmo perdida.

— Gêmeos, estou... grávida de gêmeos, Nick, e quando o médico falou...

Nick levantou-se da cama, olhando-a e tentando entender o que dizia, ou melhor, ele entendia, mas estava estupefato.

— O que disse? — perguntou, perplexo, procurando certeza no que dizia.

— Gêmeos, me enfiou gêmeos. Tirar um... era viável, mas dois? São duas crianças, Nick, eu não pude, eu não pude — disse, confusa, enterrando o rosto nas mãos, sentia-se agoniada, além de amedrontada. — O que eu vou fazer com dois bebês?

Enquanto ela falava, Nicolas ainda tentava absorver aquela notícia. Ele seria pai e de gêmeos? De gêmeos. E uma luta acontecia dentro dele, sentia medo do que viria, ao mesmo tempo em que... sentia algo parecido com felicidade e foi até ela, agachando-se à sua frente.

— Ella, você não está sozinha — tentou e ela o olhou, um pequeno riso de sarcasmo em meio ao choro.

— Nicolas... olhe o seu mundo e o meu. Grávida, na sua realidade, seria diferente, ainda mais se essa pessoa não fosse sua empregada. Mas não, eu tinha planos para mim, era agora que eu teria minha independência, um bom trabalho, no fim do semestre da faculdade... e ainda tem a minha mãe.

Eu sei, eu sei, você tem uma proposta, mas acha o quê? Eu mal consegui tirar um, com dois eu surtei, e acha que eu ficaria com duas crianças em meu útero por nove meses e depois as daria assim? Acha que eu não me apegaria a elas? Não, eu não conseguiria, não consigo agora.

— Antonella...

— Eu preciso ir, quero ficar sozinha — disse e tentou se levantar, mas Nick a segurou.

— Não, você não vai. Poxa, Antonella. Eu estava lá com você, estou aqui agora e ainda assim você quer me deixar de fora a todo custo, quer sempre fechar a porta na minha cara quando algo acontece, me deixar do lado de fora. Eu entendo a sua confusão, seu medo, eu estou do mesmo jeito. Acha que imaginei algo assim? Mas a questão é que se trancar no quarto e chorar não vai ajudar, não vai resolver. Me deixe te ajudar, estar com você!

— Nick...

— Ella, fizemos juntos. Não foi do jeito convencional, okay, mas aconteceu. Não precisa parar sua vida por nove meses, você pode continuar trabalhando, estudando... e podemos nos casar — disse, obviamente sem pensar.

— O quê? Enlouqueceu?

— Não e não é só com sua família que terá problemas, Antonella. Com a minha também.

— Você só pode ter enlouquecido de vez.

— Acabou de dizer que não seria capaz de aceitar o que lhe propus antes, sua mãe não irá aceitar assim fácil, minha família menos ainda, você os conhece e a forma de continuar sua vida é assumir para todos a gravidez.

— Meu Deus, está falando sério... — constatou e seu coração palpitou.

— Claro que estou.

— Deus... não, não e não. Não vou me casar por estar grávida, não vou me casar sem, sem...

— Amor? Antonella... Poucas pessoa, de fato, se casam dizendo sentir amor, realmente sabendo o que isso significa. E daí se começamos isso de trás para frente? Podemos tentar.

— Você não está falando sério, eu não estou ouvindo isso.

— Sim, você está. Fomos amigos parte da nossa vida, o que quer dizer que deve ter algo que gostamos um no outro e se quando as crianças nascerem, você não quiser continuar... podemos nos separar. Ao menos iremos resolver alguns problemas agora.

— Chama isso de resolver problemas? Você está transformando isso em uma bola de neve.

— Não os chame disso...

— Ah, Nicolas. Por favor... Eu... eu não estou em condições agora, Nick.

— Tudo bem... mas você pode ao menos pensar?

— Em me casar com você? Perdeu o juízo. Agora sou eu quem diz, descanse, Nick, amanhã vai ver que isso é uma loucura — disse, levantando-se e indo em direção à porta.

— Espere, aonde vai?

— Sair, preciso pensar... preciso de ar.

— Ella...

— Não se preocupe, não vou fugir e vamos conversar sobre o que fazer com mais calma, só não repita essa proposta. Jamais me casaria sem sentir amor, sem ser amada... seria pior, acredite.



CAPÍTULO 17

CONSCIÊNCIAS DO AMOR

desespero em si e em Antonella. Talvez ela estivesse certa, aquela proposta tivesse sido um erro e acabara de deixar as coisas ainda mais difíceis para ela, tudo estava uma zona e, em sua cabeça, só uma palavra fazia sentido. Gêmeos, ele seria pai de gêmeos. Seriam iguais? Meninos, meninas? Estava surtando, literalmente.

Sentou e levantou da poltrona pelo menos duas vezes, levando a mão à cabeça e andando de um lado para o outro. Iria enlouquecer se ficasse ali sozinho, martirizando-se por ter ficado com ela naquela noite, pelo seu descuido e por ser o idiota que não a reconheceu. Como pôde?

Pegou suas chaves, a carteira e saiu com um destino certo em mente, a casa de sua família, precisava pensar em algo que não fosse a gravidez de Antonella, precisa acalmar seu coração e mente.

Chegou à mansão minutos depois, estacionando de qualquer jeito na garagem, entrando na casa e encontrando Cecilia sentada no tapete na grande sala, com um monte de pecinhas pequenas de um quebra-cabeça em suas perninhas. Nick sorriu.

— Alguém pediu um tio babão aqui para brincar? — chamou a atenção da menina, que se levantou com um sorriso no rosto, balançando os cabelos escuros e vindo até ele para lhe dar um beijo.

— Adivinhou, tio, eu tava com saudades.

— Eu também, baixinha. Esse é o quebra-cabeça?

— É, a tia Anne disse que ia me ajudar... mas teve que sair. O tio Will não é muito bom nisso de crianças, o papai que disse, e ele tá lá em cima arrumando as malas. — Nick riu. — A vovó não tem paciência e o vovó... disse que não tem mais vista *pra* enxergar as peças, que são muitaaaaas, e o papai tá no hospital com a mamãe.

E Nicolas pôde perceber a tristeza em sua última frase. Um pesar infantil ao falar da mãe, uma que nunca viu em seus poucos anos de vida. Talvez fosse porque, apesar de saber que a mãe acordara de um coma já tinha alguns dias, ainda não tinha ido vê-la e aquilo era o que a sobrinha mais queria.

— Então você tem sorte em ter um tio bacana como eu, que adora quebra-cabeças e crianças fofinhas como você. Menina de sorte! — Ele a fez rir, revirando os olhinhos, e aquilo o fez gargalhar.

— Então vem, tio, vamos começar, antes que a vovó desça *pro* almoço, porque depois do almoço eu tenho que dormir.

Nick anuiu e se sentou ao seu lado, pegando algumas peças e as olhando.

— Acho que devemos começar pelas bordas.

— Eu gosto de começar pelo meio.

Nicolas segurou o riso.

— Okay, vamos fazer do seu jeito então.

Algo passou em sua mente enquanto olhava a menininha de vontade própria sentada ao seu lado, amava aquela criança, todos amavam. Cecilia passou a ser a luz daquela casa e se recriminou pelo pensamento, era algo que, se externasse para alguém, o chamariam de louco, como Anita fizera dias atrás.

— E como está sua mãe? — perguntou e a viu fazer um biquinho fofo, olhando a peça em sua mão.

— O papai não fala muito. Eu disse que iria fazer um álbum de fotos, aprendi com a tia na escola, *pra* ajudar a mamãe a se lembrar, a tia Anne me ajudou a montar, mas o papai não quis levar *pra* ela — falou, um tanto quanto desolada, parecia decepcionada com o pai.

— Sei... sabe, baixinha, eu estava pensando e se nós levássemos o álbum para sua mãe? Eu e você? — disse e primeiro a menina sorriu, para em seguida soltar um muxoxo de descontentamento.

— O papai não vai deixar.

Nicolas ficou calado. Se naquele momento não podia fazer nada com relação a Antonella, além de ficar tentando uma solução, tentaria ajudar Cecilia e o irmão que, se ao menos sonhasse o que passava por sua mente, o mataria.

— E se for um segredo nosso?

Aquilo poderia ser loucura, sabia bem, mas acreditava, sim, que, apesar de Livia acordar sem memória depois de anos em coma, ver a filha faria bem a ela. Ela podia não se lembrar, mas seu instinto materno estava lá, achava que sim.

— Jura, tio?

— Juradinho. Faremos o seguinte, irei pegar a chave do apartamento do seu pai que fica aqui com sua avó e amanhã bem cedo vou buscá-la para irmos ao hospital, o que acha?

— Mas e se o papai...

— Dean não vai saber. Vamos ver sua mãe e voltar rapidinho.

— Eba! Vou ver a mamãe — disse, animada, os olhos verdes como os do pai brilhando em expectativa.

— Shiu, segredo nosso, baixinha.

— Humrum, pode deixar, tio.



Naquele dia, quando por fim voltou para casa, já era noite, depois de tramar sua travessura com Cecilia, não viu Antonella e se proibiu de ir até seu quarto, daria tempo a ela, pois também precisava de tempo. Enquanto passava o dia com sua família naquela tarde, ele não conseguia esquecer o que dissera a ela.

E não foi difícil acordar na manhã seguinte, em que estava prestes a

fazer algo que poderia trazer sérias consequências para ele, por isso mal chegou a dormir. Estava receoso, pois Dean não era bom em ouvir conselhos, muito menos quando se tratava de Livia, sua mulher, mas Nick acreditava piamente que a menina poderia ajudá-la a se lembrar, ser novamente quem era.

Chegou bem cedo ao prédio onde o irmão morava e esperava que Dean estivesse dormindo. Sorrateiro, entrou no apartamento em silêncio e foi direto ao quarto de Cecília, que dormia tranquila, abraçada a... um álbum? Nicolas sorriu ao vê-la grudada ao objeto verde, amarelo e azul e sentou-se ao seu lado na cama.

— Ei, baixinha? Acorde, hora de irmos. Baixinha? — chamou, tocando o ombrinho delicado.

— Oi, tio — disse, sonolenta, coçando os olhos. — O senhor veio!

— Eu prometi, promessas devem ser cumpridas. Agora vamos antes que seu pai acorde.

— *Tá bom* — disse, rindo em um cochicho e sentando-se com pressa.

Nicolas a tirou das cobertas e não se deu ao trabalho de trocar o pijama cheio de estrelinhas de Natal da menina, a euforia dela já lhe bastava, estava saltitante, sorrindo à toa ao saber que iria ver a mãe. Saiu com ela sem que ninguém visse e a levou para o hospital. Estava nervoso, pois, se Dean desse falta da menina e os descobrisse ali, poderia não o perdoar.

— Já chegamos, tio? — perguntou, comportadamente sentada no banco detrás.

— Já sim. Vamos.

Nicolas tinha pressa, a pegou em seus braços assim que a tirou do carro, adentrou o hospital e não teve trabalho para se dirigir ao quarto de Livia quando se identificou na recepção.

— Vamos seguir o plano, *tá legal*? Nós vamos vê-la, você vai entregar o álbum e vamos embora, só isso. Seremos rápidos, precisamos voltar antes que seu pai dê conta do seu sumiço.

— Mas, tio, e se a mamãe não estiver acordada? — a menina perguntou e seu peito doeu, queria dizer que não poderiam esperá-la acordar, pois daí Dean poderia aparecer, mas não sabia negar nada à sobrinha.

— Daí... o jeito é esperarmos.

— De verdade?

— Sim, baixinha, não consigo dizer não a você. — E o sorriso que recebeu ao dizer aquilo foi um presente e tanto, confortando seu estado de espírito.

Andaram apressados pelo corredor, chegando em frente ao quarto e, antes que a deixasse entrar, ele se certificou se não tinha ninguém no quarto e viu que aparecer àquela hora talvez não tivesse sido uma boa ideia, pois, de fato, Livia ainda dormia, o que seria um problema, mas deixou a menina entrar.

Em um primeiro momento, Cecilia se manteve colada a ele, com a mãozinha na sua, olhando fixamente para a mulher de pele clara e cabelos escuros deitada na cama, calma, serena ao dormir. Ele a pegou no colo e a se aproximou de Livia, sentando-a na maca.

— Ela é tão bonita, tio...

Ouviu-a dizer, sonhadora, e se emocionou, assistindo à cena.

— Sim, ela é e você se parece com ela.

— De verdade?

— De verdade. Vou deixar você com ela e espero ali fora, tá bom? Mas, se demorar muito, teremos que ir embora antes que ela acorde.

— Tá bom, pode deixar, tio — disse, com um sorriso imenso estampado em seu rosto.

Nicolas saiu do quarto e se sentou no jogo de cadeiras de espera disposto no corredor, esperando ouvir a voz de Cecilia ou um indício de que Livia acordara, mas não ouviu nada vindo do quarto e começou a se preocupar, olhando o relógio de minuto em minuto, assim como olhava a

entrada do corredor.

E estava certo, Dean não demorou a dar falta da menina, assim como não tardou a apontar na entrada do corredor do hospital, vindo a passos largos e decididos em sua direção.

— Merda! — disse, levantando-se. O irmão não o perdoaria. — Calma, Dean! — disse Nick quando o irmão se aproximou o bastante e não teve muito tempo de se explicar.

Nick sabia que sua intromissão seria demais, mas não esperava que Dean se aproximasse dele com tanto descontrole, segurando-o pela gola da camisa polo, jogando-o contra a parede e imprensando-o com força. Nick sentiu medo, não do que ele faria a seguir, mas de perdê-lo, de que o irmão não perdoasse, nunca tinha visto Dean daquela forma.

— Eu só irei perguntar uma vez. Onde minha filha está, Nicolas? Dessa vez você foi longe demais, moleque, precisa aprender quando parar e sou eu que vou te ensinar essa lição, seu débil! — rosnou, levantando o punho fechado em direção ao rosto dele.

Nick chegou a tentar dizer algo, desistindo em seguida. Não iria nem ao menos se defender, estava ciente do que fizera e merecia aquilo... chegou a fechar os olhos, esperando aquele soco, mas ele não veio, apenas ouviu o som de uma voz contente que saiu mais alto do que o esperado, ultrapassando a porta do quarto entreaberta.

— Oi, mamãe! Senti saudades, mamãe! — E aquelas palavras fizeram o momento parar.

Nick pôde ver o susto estampar as feições de Dean quando deixou o braço cair rente ao corpo, largando-o, pronto para entrar no quarto, e aquilo Nick não deixaria acontecer. Já tinha chegado até ali e segurou o braço de Dean, impedindo-o, queria que a menina tivesse tempo de tentar.

— Deixe-as, Dean. Pare de tentar resolver tudo, deixe-a tentar...

E o ódio que enxergou nos olhos do irmão o fez retroceder e soltá-lo.

— Seu infeliz, não sabe o que...

— Oi. Cecília, não é? — E aquela era a voz dela, de Lívía, e foi o suficiente para interromper a voz de Dean.

— Sim e a senhora é a minha mamãe, sabia?

Ouviram-na e Nick pôde ver o medo estampar o rosto de Dean.

— Claro, seu pai me contou.

— Já se lembrou, mamãe? O papai disse que a senhora não se lembrava de nada, nem dele. A pancada na cabeça. Ele que disse, né?

Então ouviram uma risada, uma verdadeira. Nick estava vidrado no que falavam assim como nas feições do irmão ali ao seu lado e o viu rir do que Cecilia dissera.

— Eu acho, mas não. Ainda não me lembrei. Você é tão linda, sabia?

Nick se aproximou mais de onde Dean estava, perto da porta do quarto, observando também pela pequena fresta.

— Eu disse, deixe-a tentar. Ela pode tudo com aqueles olhos pidões — disse e o irmão nada falou.

Deu-se conta de que estava sobrando ali. Tocou o ombro de Dean, que não se deu ao trabalho de olhá-lo, vidrado na interação no quarto, e então saiu, indo embora com uma certeza no coração. Havia feito o certo, mas todo aquele tempo seus pensamentos tinham dona: Antonella.

Suas confusão naquele momento era pela proposta que fizera para ela. Antonella falara em amor, em ser amada. Aquilo ele não poderia prometer, mas cuidaria dela, faria tudo que era preciso para que ficasse bem, para que o deixasse perto. Talvez o pedido de casamento por conveniência tivesse sido demais, mas situações extremas pediam medidas desesperadas!



CAPÍTULO 18

UMA TRÉGUA

Antonella acordou em um sobressalto, sentindo a bile vir à garganta, levantando-se e correndo para o banheiro às pressas, dobrando-se sobre o sanitário e agarrando-se com força às bordas da louça branca. Vomitou incessantemente e naquela manhã tinha algo a fazer, ir ver sua mãe, o que lhe trazia ainda mais nervosismo e fazia a bile voltar à garganta. Respirou fundo, daquilo não poderia fugir!

Na noite passada, Nicolas a tinha deixado ainda mais nervosa, mas algo era certo. Não conseguiria dar fim ao seu bebê, aos bebês.

Tirou a roupa e foi para o banho, seria bom se, junto àquela água, fosse pelo ralo todos os seus receios e medos. Tinha que dar um rumo à sua vida, um bem diferente do que tinha planejado. Não poderia ficar no apartamento de Nick, assim como, agora grávida, não poderia ficar no apartamento da Natália, sua amiga, e não sabia se sua mãe lhe daria apoio. Seu pai, talvez sim... mas sua mãe não. E seu pai sempre fazia o que ela queria.

Estava naquele minuto em frente ao espelho, olhando seu rosto cansado, tentando achar a melhor forma de dizer à sua mãe que estava grávida, grávida do seu chefe e filho dos patrões dela. O mesmo garoto de anos atrás, que a mãe pediu para que ficasse longe, que tivesse cuidado com ele.

E Natália já não era uma opção, lembrava bem do surto que a amiga tivera quando contou a ela que estava grávida. Inclusive foi Natalia que lhe deu o endereço da clínica em que poderia fazer o aborto, garantindo-lhe que aquela era melhor a decisão a se tomar, já que não iria usar a gravidez para um belo golpe da barriga, como dissera.

A pior parte era que, mesmo não cogitando tal coisa, todos que soubessem que ela esperava um filho de Nick, um dos solteirões mais disputados pela sociedade, pensariam exatamente aquilo: que estava tentando o golpe da barriga. Olhou sua imagem novamente e imaginou que estava

diante da mãe.

— Mãe, eu sei que a senhora sonhou com um futuro diferente do seu e do papai, sei que está feliz por mim agora, orgulhosa, e que o que vou dizer pode estragar isso, mas eu estou contando com seu apoio, porque não sei o que vou fazer se não o tiver. Eu estou grávida, mãe.

Disse, tentando parecer firme. Foi péssimo. Para começar, sua mãe nem lhe daria a chance de terminar aquele discurso. Respirou fundo, não tinha como esconder, sendo assim que dissesse logo.

Saiu do box e perdeu mais algum tempo em frente ao espelho, criando coragem, examinando sua barriga plana com atenção. Olhando assim, nada se via ainda, mas eles estavam lá, protegidos em seu ventre. E notou que queria que continuassem exatamente assim, levando uma mão espalmada à barriga.

— Desculpe, bebês. Sou mãe de primeira viagem, fiquei em pânico. Me perdoem, prometo compensar de outra forma — disse e saiu do banheiro em seguida, enrolando-se em uma toalha e enxugando o cabelo com a outra, sem certeza alguma do que faria.

Vestiu-se, pegou sua bolsa e saiu do seu quarto. Ao passar pelo quarto de Nick, a porta estava aberta, a cama perfeitamente arrumada, aparentando que ninguém tinha dormido sobre ela. Desceu as escadas, não o encontrando em lugar algum. Será que já tinha saído tão cedo logo no domingo? Talvez nem tivesse dormido em casa...

Mas aquilo não lhe interessava, ao menos queria que não, mas era impossível que tal pensamento não apertasse seu peito, de que tivesse ido procurar consolo em outra mulher, como fizera naquela noite em que o pegou aos beijos ali mesmo, perto da porta.

Saiu e pediu um táxi, dirigindo-se para a mansão Dangelo. Identificou-se na portaria para o novo segurança, entrando na propriedade e dirigindo-se à casa nos fundos, onde sua mãe morava com seu pai, que era o motorista da família havia muitos anos.

Seu pai já trabalhava para os Dangelos quando conheceu sua mãe, assim que ela começou a trabalhar na mansão como babá. Seu pai dizia que

tinha sido amor à primeira vista, já sua mãe dizia que aquilo era uma bobagem. Ainda assim, os dois se casaram, tiveram Antonella após alguns anos e a mãe passou a ser a pessoa de confiança da matriarca da família, cuidando de todos os seus filhos.

Entrou na casa simples, arrumadinha e aconchegante em que crescera e encontrou seu pai sentado no sofá, assistindo à TV.

— Olhe só quem chegou, Maria! — o pai exclamou, abrindo um baita sorriso, levantando-se e abraçando-a.

Antonella o abraçou forte, sentindo como se tivesse feito arte como quando era criança, querendo voltar à infância e poder se proteger nos braços do pai, longe de tantas incertezas que a assombravam, e segurou-se para não chorar, recebendo um beijo do pai.

— Senti saudades, minha menina — disse.

Samuel era um homem de 55 anos. De estatura média, uma pequena protuberância na barriga, a famosa barriguinha de cerveja, cabelo castanho-claro, meio acobreado. Pele clara, enrugada pelos anos, e expressão gentil, trazendo um bigode no rosto. Bigode aquele que sua mãe não se cansava de reclamar.

— Eu também, papai. Está de folga hoje?

— Sim. O senhor Dangelo pretende ficar em casa com os filhos e me deu folga.

— E mamãe?

— Está lá atrás, não deve ter me ouvido avisar que chegou.

— Eu vou lá então. Já volto — disse e, antes que pudesse se distanciar, o ouviu dizer:

— Minha Antonella — chamou e ela o olhou. — Estou orgulhoso, filha. Sua mãe me contou sobre ter conseguido o trabalho na Dangelo. Encheu o coração do seu velho de orgulho.

Ela sorriu, abaixando o olhar.

— Obrigada, papai — disse, engolindo o bolo em sua garganta. Se ele soubesse...

Deixou-o na sala e foi para a cozinha, encontrando sua mãe na pequena área dos fundos, lavando algo.

— Mamãe!

A mulher a olhou por cima do ombro. Uma senhora baixa, de expressão um tanto severa. Maria tinha a pele clara, o cabelo louro-mel, deixava-o sempre na altura dos ombros. Era prático e seus olhos tinham o mesmo tom dos de Antonella.

— Ora e não é que ela resolveu aparecer? Olhe, menina, está merecendo um belo de um castigo. Uma sorte não ser mais miúda — disse, rindo e abraçando-a com as mãos molhadas. — Imagine a minha tristeza ao saber pelo Dangelozinho que você estava prestes a trabalhar na empresa dele? — E lá estava ela, dando um jeito de lhe dar uma bronca nas entrelinhas.

— Desculpa, mãe, era muita coisa.

— Sua sorte é que eu entendo, sou uma mãe compreensiva.

Antonella sorriu, a última qualidade que ela tinha era compreensão.

— Nos deixou orgulhosos, Ella. Viemos de uma família pobre, sem tantas perspectivas e, apesar dos atrasos, de você ter que trancar seu curso algumas vezes por não termos dinheiro suficiente para pagar as mensalidades, você conseguiu. Viu só? Está prestes a se formar, conseguiu um bom emprego e isso para mim e seu pai não tem preço.

— É só um estágio, mãe... — tentou tirar a importância daquele fato, querendo ter coragem de falar, mas nem ao menos conseguia olhar para mãe.

— Não, filha. É o primeiro passo de uma escada de sucesso e nos fez ver que todo o esforço não foi em vão, que não jogamos fora tudo o que fizemos. Não faça essa cara, aceite o elogio. Estamos orgulhosos.

E ela não estava aguentando aquilo, não queria decepcioná-los, mas era exatamente aquilo que aconteceria quando descobrissem que estava grávida de Nicolas. Que a menina centrada que achavam ter criado estragara tudo

deixando-se levar por uma noite de sexo.

— É, acho que sim.

— E como está indo no trabalho?

— Bem, muito bem, mamãe. E eu preciso dizer algo à senhora.

— Então venha, filha. Vamos tomar um bom café da manhã enquanto você me conta tudinho! Todos os detalhes.

E de repente o pedido feito por Nick já não lhe parecia tão ruim. Naquele minuto, olhando sua mãe, tudo seria melhor do que decepcionar seus pais. Um casamento não foi o que seus pais sonharam para ela, porém uma mãe solteira seria um desastre. Poderia aceitar o acordo com Nick e fazer como ele mesmo tinha proposto.

Após terem os bebês, poderiam se separar. Naquele meio tempo, poderia terminar a faculdade, passar pelo período de estágio e ser contratada de verdade, então poderia dar o mínimo de dignidade aos seus filhos.

Era uma saída...



Antonella voltou para o apartamento de Nick já à noite, após uma mensagem dele perguntando educadamente onde estava, dizendo que estava preocupado. Achou até fofo da parte dele, mas sabia que, no fundo, era medo, medo do que poderia decidir fazer, de querer tentar novamente o aborto.

Entrou no apartamento iluminado e o ouvir uivar, praticamente.

— Ai, droga! — esbravejou e ela foi em direção à sua voz.

Antonella o encontrou na cozinha, de *short* e camiseta, usando também um avental, o mesmo que ela costumava usar, tendo um pano de enxugar louça jogado sobre o ombro. Um perfeito dono de casa, se não fosse a careta que fazia com um dedo na boca ao se virar e vê-la.

— Já chegou?

— Sim — disse, tentando segurar o riso ao ver a cena. — O que está fazendo?

— Tentando fazer nosso jantar, mas pelo visto um macarrão ao molho não é tão simples como a receita na internet fez parecer, eu queimei o molho e meu dedo — disse, indo até a pia e colocando a mão embaixo da água. — Acho que vamos pedir alguma coisa.

Antonella sorriu abertamente, admirando a cena. Ele estava tentando fazer um jantar, o homem nunca tinha fritado um ovo e estava tentando fazer o jantar para os dois. Era fofo...

— Ia fazer um jantar para nós dois? — perguntou, tirando a bolsa e deixando-a sobre a cadeira.

— Era a intenção. — E por instante se sentiu ridículo, coçando a cabeça, sem graça.

— Ande, ainda consigo aproveitar esses temperos que cortou, faça outro molho super rápido.

— Não, podemos pedir algo, não precisa fazer nada.

— Pare, Nick. Sente-se aí ou pode ir arrumando toda essa louça suja enquanto preparo o molho.

Nick apenas deixou um sorriso sem jeito escapar, dando espaço a ela e começando a limpar a sujeira que tinha feito. Juntos ali, notou que ela tinha voltado um pouco diferente, ao menos agora conseguia olhar em seus olhos e não parecia ter chorado. Arrumou a mesa enquanto Antonella terminava o jantar, colocando a travessa na mesa após alguns minutos.

— Prontinho.

— O cheiro está ótimo e estou oficialmente me sentindo pior, é realmente fácil.

— Sim é, mas também é difícil acertar de primeira — disse, um sorriso que ele achava perfeito voltando ao seu rosto.

— Sei, algo me diz que está tentando amaciar meu ego ferido. Agora venha, vamos comer — disse, sentando-se e esperando que ela fizesse o mesmo.

— Achei que iria almoçar com sua família como faz todos os domingos, mas mamãe disse que não foi.

Nick sorriu.

— Hoje não, fiz uma arte, como diria mamãe. Melhor não aparecer na mansão por enquanto, estou esperando um sinal positivo para poder voltar lá.

Antonella o olhou com um meio-sorriso nos lábios.

— O que fez?

— Levei Cecilia escondida de Dean para ver a mãe e ele descobriu, apareceu lá todo dono do mundo e quase me acertou um soco.

— Nick! — exclamou, estava perplexa. Sabia o quando o assunto Livia era sagrado para Dean.

— E antes que me crucifique também, parece ter dado certo, já que ele não apareceu aqui querendo me quebrar como ameaçou fazer e, quando mamãe me ligou mais cedo, foi para reclamar que eu não tinha aparecido no sagrado almoço. Por tanto, sigo esperando o que será de mim...

— Acha que fez o certo?

— Dean estava se afundando mais a cada dia, Cecilia vivia triste pelos cantos por não poder ver a mãe. Fiz o que achei certo, só peço que tenha terminado tudo bem, ao menos Livia não surtou. Não me perdoaria se isso estragasse as coisas entre mim e meu irmão, mas posso viver com essa dor desde que eles fiquem bem.

Antonella nada disse, ficou apenas observando enquanto ele comia, fingindo fazer o mesmo.

— E você, como foi com sua mãe?

Ela perdeu a voz por alguns segundos, recuperando-a em seguida, pois não conseguiu fazer nada que planejou.

— Bem, bem. Tive apenas que passar o dia inteiro ouvindo o quanto os dois estavam orgulhosos de mim. O quanto eu estava honrando todo o esforço que fizeram para que eu estudasse em uma boa escola e cursasse uma boa faculdade.

E com aquilo Nick não sabia bem o que dizer.

— Sinto muito... mas isso não é bom?

— Seria e, não me entenda mal, eu estou feliz, orgulhosa de mim mesma, mas enquanto ela falava e falava eu só sentia culpa, cada vez que a minha mãe me olhava com os olhos brilhando, eu só conseguia me sentir miserável.

— Ella...

— E isso me fez pensar, Nicolas. Pensar na proposta que me fez ontem. Qualquer coisa que não faça minha mãe me odiar, me olhar como se eu tivesse causado o holocausto vale a pena.

— Como é?

— Bem, sei o que eu disse, em especial que você deveria pensar melhor, mas ver meus pais me dizendo o quanto estavam orgulhosos, do quanto precisaram abrir mão para que hoje eu estivesse onde estou foi...

— Desolador... — tentou, sentindo o coração bater mais forte no peito.

— Me fez ver que eu não teria coragem de dizer a eles que estou grávida, não tenho. Não dá.

— Então você aceita? Digo, aceita se casar comigo?

— Acho que é viável para nós dois, que podemos pensar nisso com certas regras. Faremos o que disse ontem, ao menos até as crianças nascerem. Até lá, espero estar estabilizada para quando nos separarmos.

— Eu...

— Claro, se ainda quiser fazer isso, afinal eu mesma disse para você pensar melhor.

— Sim, claro, você disse, mas não desisti da ideia, claro que quero, quer dizer, acho sim uma boa opção, algo bom para nós dois. Eu... podemos fazer isso, seria um casamento amigável apenas por um motivo, quer dizer, dois. E após o nascimento dos nossos bebês, podemos ver como iremos fazer.

O silêncio tomou conta do lugar por instantes e Nick se sentiu esperançoso, ansioso.

— Estamos sendo loucos, não estamos?

— Talvez... mas não seria fácil para você lidar com sua família e menos ainda com a minha. É uma saída provisória, ao menos...

— Um casamento é melhor que ser mãe solteira...

— É, talvez sim.

— E como faremos isso?

— Bom, podemos ir ao cartório e optar por algo simples, mas nos matariam — constatou e Antonella apenas confirmou. — Sendo assim, falamos para eles e optamos por algo íntimo, minha mãe irá querer uma festa, claro, mas podemos pedir algo menos pomposo que o casamento de Will e Dean.

— Acha que sua família vai concordar com isso?

— Não tem com o que concordar. É a nossa vida, Antonella, somos nós que iremos nos casar.

— Eu sei, é que...

— Vou falar com mamãe, tentar marcar um jantar para quarta e então vamos anunciar o casamento. O que acha de mês que vem, daqui a uns 20 dias? Sua barriga não estaria à mostra e não daria tempo para minha mãe organizar a festa do século.

— Mas eu não disse que aceito. — Ela estava em dúvida, aquilo tinha sido seu sonho na adolescência, o casamento perfeito e agora... agora não importava mais.

— E então, você aceita? — perguntou, receoso pela resposta, tendo

uma nova perspectiva em mente.

— Tudo bem, eu acho que aceito. É, é um sim — disse e ambos ficaram calados até Nick alcançar sua mão por cima da mesa.

— Obrigado. Sei que não faz isso por mim, mas obrigado. Farei de tudo para te deixar o mais confortável possível nesta farsa. Prometo.

Confortável. E não tinha um homem de joelhos, não tinha um anel, menos ainda um pedido apaixonado. Havia só medo e insegurança.



CAPÍTULO 19

A MENTIRA

Naquela quarta-feira, Nick estava em seu quarto, arrumando-se para o jantar que pediu à sua mãe que marcasse com todos, incluindo a família de Antonella. Aquele fato sua mãe estranhou, mas soube o exato momento em que ela desconfiou do que ele faria e apenas perguntou em tom solícito: *você tem certeza disso, filho?*

Aquilo bastou para deixá-lo bem por saber que sua família não teria restrições com relação a Antonella, ao mesmo tempo em que se sentiu um lixo por enganá-los daquela forma com um falso casamento. Terminou de calçar seus sapatos sociais e, assim que saiu do quarto, Antonella também deixou o seu.

Perdeu alguns segundos admirando-a, cada detalhe do seu corpo vestido em um tubinho simples preto, mas que a deixava perfeita.

— Você está linda — disse e recebeu dela um breve sorriso ao parar à sua frente.

— Obrigada, você também não está nada mal.

Ele sorriu, desde que decidiram fingir um casamento, o clima entre os dois estava mais leve, tinham até mesmo assistido a um filme na noite passada, um tempo juntos em que adorou conversar mais com ela, abertamente, sem medos, sem nervosismo.

— Vamos?

— Claro — disse, mas não o seguiu e o viu parar, chegando ao primeiro degrau da escada quando o chamou. — Nicolas?

— Sim. Esqueceu algo?

— Não, é que... não vamos nos arrepender, vamos?

Nicolas não sabia aquela resposta, pois tinha passado os últimos três

dias pensando naquilo.

— Eu espero muito que não, Antonella — disse e lhe estendeu a mão para descessem a escada juntos. Quando chegou à sala, parou subitamente e a fez olhar para ele. — Ah, antes que me esqueça... — Enfiou a mão em seu bolso, tirando uma caixinha preta aveludada. — O anel. Se vamos dizer que estamos noivos, você precisa estar usando um anel.

E Antonella ficou estática, olhando a caixinha quando por fim Nick a abriu. Era um solitário em um arco de prata perfeito, com algumas pedrinhas de diamante ao redor, delicado, simples e encantador.

— Eu tentei pensar em algo que iria gostar, achei que preferiria algo mais delicado.

— É lindo, Nick. — E malditos hormônios que faziam seus olhos transbordarem de lágrimas. Tinha que acreditar que eram os hormônios.

— É para você... Posso? — perguntou, pedindo a mão dela.

— Claro.

E lá estava ele, deslizando o anel por seu dedo anelar direito e, quando levou sua mão aos lábios e a beijou, fez suas estranhas esquentarem, seu coração acelerar.

— E me desculpe, tive que roubar o anel que esqueceu na pia dias atrás pra saber o tamanho exato do seu dedo. Agora, sim, estamos prontos. Vamos lá, vai dar tudo certo. — E talvez estivesse falando aquilo apenas para convencer a si mesmo de que daria tudo certo.

— Senti mesmo falta do meu anel... Que gatuno!

— Já está no mesmo lugar... são e salvo. — Ele a viu sorrir e a guiou para fora.

Durante o trajeto do apartamento até a mansão, Antonella tinha seus olhos grudados em suas mãos sobre as pernas, mexendo na barra do vestido, e estava nervosa.

— Minha mãe me ligou hoje.

— Verdade?

— Sim, ela queria saber por que estavam pedindo que estivessem à mesa da sua família para o jantar.

— E o que disse? — perguntou, surpreso.

— A verdade, ou melhor, a nossa verdade. Eu ia almoçar com ela hoje, mas Lucinda não me liberou. Eu ia deixá-la preparada, não era justo pegá-la de surpresa, então eu contei. Disse a ela que você tinha me pedido em casamento e eu tinha aceitado, que estava feliz, radiante, e que faríamos tudo como mandava a tradição.

— E ela?

— Primeiro, ela ficou muda, de verdade, passei alguns segundos para arrancar dela um okay. Em seguida, perguntou sobre a faculdade, o trabalho... por último, perguntou há quanto tempo estávamos juntos e eu menti. Disse a ela que já estávamos juntos antes de eu ir trabalhar na sua casa. Ela ficou um pouco decepcionada por ter ocultado isso dela, mas, por fim, perguntou se eu estava certa, se realmente te amava... isso após dizer que você não era homem para casar.

— Nossa, direta. Minha mãe perguntou apenas se eu tinha certeza.

— Contou a ela?

— Não precisei, ela deduziu.

— Estou mais aliviada agora, acho que será mais fácil.

— Provavelmente sim.

— Certo... estou nervosa.

— Não fique — disse, segurando sua mão, trazendo-a aos seus lábios e deixando um beijo breve.

Ele não soltou sua mão, levando-a para sua perna junto da dele, Antonella, por sua vez, não negou, separando-se dele apenas quando chegaram à mansão, sentindo, por instantes, algo parecido com conforto.

— Fique calma, basta ter esse seu sorriso lindo no rosto que já terá a simpatia de todos.

— Tudo bem, eu acho...

Nicolas saiu do carro abotoando o blazer, indo até a porta do passageiro, abrindo-a para ela e estendendo-lhe a mão. Calados, se dirigiram para a entrada da casa e foram pegos de surpresa ao serem recepcionados pela mãe dele.

— Ah, que bom que chegaram, estão atrasados.

— Mamãe, como vai?

— Muito bem e feliz! — disse, pegando-o em um abraço. — Dean está aqui e trouxe Livia também.

— S3rio?

— Sim, vieram assistidos por uma enfermeira. Agora saia da frente e me deixe ver essa moça linda. Como vai, minha querida? Seus pais acabaram de chegar. — E com aquilo deixou o filho, olhando para Antonella com um sorriso imenso no rosto.

Parecia que algu3m estava querendo desesperadamente casar um filho!

— Ol3, senhora Dangelo.

— Pare com isso, me chame de Miranda — disse, piscando um olho. — Far3 parte da nossa fam3lia e n3o nos cabe estranheza.

— Sim, senhora. — Ela at3 tentou disfarçar, mas o desconforto era vis3vel.

— Venham, venham, entrem, est3o todos esperando.

Ambos entraram e as sensa33es que experimentaram n3o foram muito diferentes, sentiram-se em um picadeiro, com uma multid3o olhando para eles, esperando. Nick n3o soltou sua m3o e a sentia nervosa ao seu lado, a primeira a quebrar o sil3ncio foi Cecilia, correndo para o tio.

— Tio Nick! Eu posso ser a daminha do casamento? — perguntou a

menina saltitante, causando um riso coletivo na sala, inclusive no pai, que tentou repreendê-la a seguir:

— Cecilia... — disse, rindo, pedindo desculpas ao irmão com o olhar e permanecendo ao lado de Lívia, que se encontrava em uma cadeira de rodas, com uma enfermeira ao seu lado e um sorriso lindo no rosto.

— Não deu para manter segredo, mamãe? — Nick perguntou e a mãe fingiu não se importar, então voltou sua atenção para a sobrinha, apertando a bochecha rosada enquanto tinha a mão de Antonella entre a sua. — E, sim, você pode ser a daminha, baixinha.

— E parem de cerimônia, gente, e me deixem ver o anel! Afinal todo mundo aqui já sabe que vão se casar! — exclamou Anita e Nicolas estava certo, precisariam mesmo de um anel. — Ah, é lindo, Antonella! Ele tem mais bom gosto que você e Will juntos, Dean. Parabéns aos dois! — disse, esboçando um sorriso simpático.

Antonella, por sua vez, foi gentil, desprendendo-se de Nick, vermelha como uma pimenta, dando boa noite aos demais e indo para perto de seu pai e sua mãe. E o primeiro a lhe beijar foi seu pai, afastando-se e segurando seu rosto entre as mãos.

— Tem certeza disso, filha?

— Claro que sim, papai. Estou feliz — mentiu, não estava feliz, pois não queria que fosse assim, não queria que fosse de mentira, não queria sentir culpa.

— Então também estou feliz por você, acredite. Até tentei intervir quando eram pequenos, mas pelo jeito o destino tem mesmo das suas e juntou vocês dois agora. Espero que seja feliz, minha menina, assim como sou com sua mãe.

— Eu também espero, papai. E, mamãe, não me olhe assim, eu estou mesmo feliz, juro que é o que eu quero.

— Você é tão ingênua, Antonella... tão boa para esse mundo. Espero que ele saiba te dar valor, não criei uma filha para fazerem ela sofrer.

— Não se preocupe, ele me faz feliz. — Suas mentiras não paravam e só pioravam o remorso em seu peito.

— Bom... era para ser uma surpresa, mas como mamãe não soube guardar as novidades... — Nick chamou a atenção de todos para si, olhando Antonella com um brilho diferente no olhar. — Então é isso, estamos noivos. Antonella me fez um homem muito, muito feliz ao aceitar meu pedido no domingo, quiçá o homem mais feliz do mundo.

E ali, olhando-o, Antonella poderia jurar que ele falava mesmo a verdade.

— Espero que sejamos felizes, Ella, que tenhamos uma família linda, que nossos filhos tenham seu sorriso e sua beleza — disse e ela sentiu os olhos molhados.

— E parabéns aos noivos! — exclamou Dean, segurando uma garrafa de champanhe e estourando-a em comemoração.

E ao menos o receio de que não fosse aceita pela família de Nick ia caindo por terra, acalmando uma parte dela. Seria pior se, além de tudo, tivesse que lidar com a rejeição. Ela tinha um sorriso colado ao rosto, ficou perto dos pais e Nick se aproximou dela minutos depois, passando a mão por sua cintura, olhando-a fingir beber da taça em sua mão, e pareciam mesmo um casal.

— Está tudo bem?

— Claro, tudo perfeito.

E estaria, se não fosse uma farsa. Ficou observando toda a família e pareciam felizes por eles.

— Vamos ao jantar? A mesa está posta — chamou Miranda, sendo a primeira a ir para sala de jantar, vendo aos poucos todos a seguirem.

Sentou-se ao lado de Nick à mesa, tendo seus pais do outro lado, não tinha muita coragem de encarar a família dele, enquanto engatavam uma conversa qualquer, em especial sobre trabalho. Não adiantava o quanto Miranda pedisse para que mantivessem os negócios fora da mesa, a conversa

sempre acabava naquele assunto.

— Não, mas me olharam com certo... desprezo, Dean. Apesar de um deles ser bem jovem, o tal neto do CEO. Pelo o que pude entender será ele quem assumirá a empresa no lugar do saco de ossos velhos do avô, mas ainda assim era um verme preconceituoso.

— Sério? Vão passar o bastão de ouro para frente? — Dean perguntou, curioso, ajudando Livia a comer. Ela ainda não possuía completamente o controle das mãos, devido ao tempo em que ficou em coma.

— Bom, ou era isso ou o velho iria morrer na cadeira da presidência, aquilo lá está mumificado. Mas a pior parte, Dean, foi que eles ficaram cochichando em russo, como se eu não fosse ouvir.

Nicolas sorriu, lembrando-se da segunda reunião que tiveram com os benditos russos.

— Mas ela ouviu e se intrometeu no cochicho dos russos metidos a besta, deixando o velho sem saber o que dizer. Sorte a deles que não a estavam ofendendo.

Dean riu, levando a mão da esposa aos lábios e beijando-a, causando nela um riso carinhoso.

— Sim, não me contive. Mas acredito que sua presença tenha feito diferença lá, Nick. São tão preconceituosos e machistas que, se você não tivesse ligado, nem aceitariam vir a uma segunda reunião.

— Mas minha maior participação foi apenas essa: ligar. Anita é uma excelente CEO.

— Disso não temos dúvidas — disse o patriarca, com orgulho. — O velho Abromov teve que engolir o orgulho.

— E o neto também — completou Nick. — Ele não gostou de você, irmãinha.

— Que se dane! Isso pouco me importa. Quero apenas aquele contrato assinado, não aceito perder para a concorrência. Com o almofadinha russo, lido depois.

— Só tenha cuidado, Anne. São pessoa sistemáticas — advertiu Dean, começando a comer.

— Não se preocupe, saberemos lidar com os Abromovs, não é, Nick?

— Claro que sim — disse, displicente, buscando a mão de Antonella e segurando-a.

— Certo, agora deixem essa conversa de trabalho para depois, me deem atenção já que o único filho que respeita a minha vontade de não falar de negócios à mesa não está mais presente. Sem falar que precisamos saber quando pretendem marcar o casamento, temos que preparar tudo.

— Mãe, quanto a isso, fique tranquila, não queremos uma grande festa, decisão minha e de Antonella e não queremos demorar muito. Pensamos no mês que vem — disse, um pequeno muxoxo foi ouvido de sua mãe e a mesa ficou perplexa.

— Mas, filho, por que tanta pressa? Deixe-me organizar um belo casamento, só se casa um filho uma única vez...

— Mamãe... já casou dois filhos, além do mais Will se separou, então ganhou uma chance extra de casar mais um filho. E essa mulher demorou demais a me dizer um sim, não darei a ela tempo para me dizer não.

Antonella o olhou, era mesmo um ótimo ator.

— Ora, Nick, não negue isso a sua mãe. Estou sonhando com essa festa desde que nasceu... não me tire essa satisfação, filho. Vamos, Antonella, fale com ele.

Antonella gaguejou e olhou sua mãe, que não tinha uma cara muito boa e não fazia questão de ajudá-la naquilo.

— Eu concordo com Nicolas, não queremos algo grande.

— Ora, qual a alegria de uma mãe se não for preparar a festa de casamento do filho? Não é, Maria?

E daquela vez sua mãe não pôde se negar a responder.

— Sim... creio que iria adorar ajudar a organizar sua festa, Antonella.

Talvez a mãe gostasse, no dia seguinte, quem sabe, quando se acostumasse com a ideia do casamento, e Nick olhou para Antonella, já prevendo que perderia aquela batalha.

— Mãe, queremos algo pequeno, por nós seria apenas a família... porém abrimos mão disso apenas para mais alguns amigos, talvez? Mas queremos que seja tudo aqui mesmo, em casa, algo pequeno — disse e viu a mãe bater palmas.

— Ótimo, deixe comigo, filho. Será uma festa pequena e linda, confiem em mim.

— Sei... eu confio.



Após o jantar e muita conversa, Nicolas e Antonella estavam prontos para ir embora quando Dean o chamou até a biblioteca, fechando a porta assim que o irmão passou por ela, deixando Antonella esperando-o lá fora.

— Algum problema, Dean?

— Não, só queria te agradecer, deveria ter ligado antes, mas estava ocupado, aproveitando cada segundo ao lado dela. Ainda acho que não deveria ter se metido, mas se não fosse você, eu... enfim. Obrigado, de verdade, e acho que você e Antonella serão muito felizes juntos, formam um belo casal.

Nicolas ficou mudo, olhando o irmão e sentiu um pequeno remorso por mentir sobre o casamento.

— Dean eu... nada, não é nada, deixe para lá. Não precisa agradecer, me desculpe por interferir e, acredite, agradeço por ter dado certo ou me mataria.

Dean sorriu, enfiando as mãos nos bolsos, confirmando com a cabeça.

— Sim, eu mataria. — Dean abraçou brevemente o irmão, dizendo: — Vá lá, sua noiva o espera.

— Boa noite... e fiquei feliz em ver Livia.

— Ela está indo muito bem, Nick, e está muito grata a você. Boa noite, mande um beijo para minha futura cunhada.

Ficou perdido no tempo ao ouvir aquilo... realmente dali a poucos dias estariam casados.



CAPÍTULO 20

UM SOPRO DE AR

Juntos, Antonella e Nick começaram a criar uma rotina em seu dia a dia. Saíam cedo para a empresa, voltavam juntos e logo depois ela ia para a aula, tendo Nicolas insistindo para buscá-la todas as noites.

Entraram em casa naquela sexta-feira após ele buscá-la na aula e Antonella se jogou no sofá, estava especialmente cansada naquela noite.

— Quer comer alguma coisa?

— Não, jantei antes de sair, jantamos, na verdade.

— Mas já faz umas três horas.

— Eu sei, mas estou sem fome...

— Então que tal um copo de leite com aqueles biscoitos de que tanto gosta? — perguntou, levantando uma sobrancelha, sugestivo, e a fez rir.

— Só se me acompanhar!

— É para já, escolha um filme enquanto isso.

Ela o seguiu com o olhar enquanto ele foi em direção à cozinha, com um sorriso de canto quando perguntou:

— Se importa se for uma comédia romântica?

— Não.

Antonella amava comédias românticas, em especial as mais antigas, e naqueles dias tinham repetido muito aquele programa, assistir juntos a um filme. Minutos depois, Nicolas voltava à sala com dois copos de leite morno e biscoitos com gotas de chocolate, os favoritos dela, sentando-se ao seu lado.

— A proposta de novo? — Já tinham assistido umas duas vezes ao mesmo filme, só na semana passada.

— Ah... é tão legal, vai, sente-se aqui. Você sempre ri na parte da floresta.

Nick não pôde dizer não, tinha perdido aquela capacidade há algum tempo.

— Okay, vamos lá então de Sandra Bullock de novo. Tem de parar de fazer essa cara quando pede algo, não dá para dizer não assim, Antonella,

— Essa é a intenção...

— Sei, esperta...

Por mais incrível que pudesse parecer, assistir a um filme com ela era a única coisa que vinha querendo nos últimos dias ao chegar em casa. Ali, com ela, olhando-a, podendo até mesmo tocá-la, podia sentir um pouco de paz... perdendo aquele vazio que um dia dissera a Dean que sentia.

Após um tempo em que mais lhe assistia comer do que realmente via o filme, Nicolas resolveu fazer um convite, deixando seu copo de lado e passando o braço sobre seus ombros, gesto que a deixou sem ação por alguns instantes em que Nicolas a trouxe para perto dele, fazendo-a encostar a cabeça em seu ombro.

— Estava querendo te levar a um lugar amanhã... será à tardinha, com um jantar em seguida.

— Um passeio? Aonde?

— Surpresa. Amanhã te mostro. — E gostou de ver aquele brilho em seu olhar.

Queria distrai-la, tirá-la do estresse que a data do casamento estava trazendo. Ela não falava, mas estava estampado em sua face, em seu desespero sempre que sua mãe queria sequestrá-la para resolver algo sobre vestidos, ornamentação ou convidados. Ela entrava em pânico e era naqueles momentos que a via relaxar ao seu lado e queria fazer mais. Queria... ele a queria.

— Sabe que sou curiosa...

— E vai aguentar essa sua curiosidade até amanhã!

— Nick...

— Não adianta e preste atenção no filme, chegou a melhor parte — disse, deixando um beijo em sua testa.

Ela sorriu e Nicolas percebeu ali o quanto gostava daquele sorriso, não mentiu na noite de noivado, queria mesmo que seus filhos tivessem aquele sorriso perfeito e radiante. Sentiu vontade de beijá-la, tomá-la em seus braços e fazê-la sua outra vez, além da única noite em que tiveram juntos, conseguia lembrar perfeitamente de como se encaixava em seu corpo enquanto Antonella parecia alheia ao que lhe causava, encostando sua cabeça em seu ombro e caindo no sono enquanto ele fazia um pequeno carinho em seu braço.

Nicolas percebera o quanto aquilo poderia ser um castigo para ele, a julgar pelo desejo que estava sentindo por ela. Talvez pudesse transformar aquele acordo em realidade. Ele queria? Ainda não sabia, mas Antonella estava mexendo com ele e seu desejo por ela era quase palpável.



— E então, vai me dizer aonde vamos ou não?

— Não, já estamos chegando, deixe de ser curiosa, garota!

Ele a viu sorrir brevemente, covinhas se formando em suas bochechas, tinha mesmo um lugar especial naquele horário em que poderia levá-la. Seria a primeira vez que iria a um dos seus lugares favorito acompanhado e estava se sentindo estranhamente contente por ser com Antonella. Seguiu pelas ruas enquanto a via olhar tudo, curiosa, tentando adivinhar para onde iriam.

— Sua mãe disse algo nesses últimos dias? — perguntou, aparentemente as coisas entre as duas não estavam tão bem.

— Tenho falado mais com sua mãe do que com a minha ultimamente. Ela está mesmo focada no nosso casamento e minha mãe está focada em me dar um gelo, mas falei algumas palavras com ela ontem.

— E disse algo sobre nós?

Ela suspirou, tinha dito, sim, muitas coisas, aliás.

— Não muito, só enfatizou que tivesse cuidado com minhas escolhas, lembrando que entre nós sempre haverá uma diferença social, além de você ser um canalha com tendências a me fazer sofrer.

Nicolas ficou calado e resolveu abordar a parte mais segura do que ela falou.

— Bobagem. Diferença social não é um empecilho. Posição social não deve definir com quem nos relacionamos, Ella.

— Ah, Nick, pelo amor de Deus... não seja ingênuo. Nós somos um exemplo disso, de como éramos amigos e fomos crescendo com um muro enorme construído por nossas posições sociais nos separando.

Ele ia responder, mas se absteve, pensando por um segundo que ela tinha razão.

— Mas não deveria ter sido assim...

— Talvez não... — concordou, enfim, dando-se conta de aonde estavam chegando. — Oh, Deus, o Empire?

E ele amou aquela surpresa e a alegria em sua voz.

— Sim, esse é um dos meus lugares favoritos — disse e sentiu satisfação ao ver o sorriso em seu rosto bonito, assim como felicidade em compartilhar aquilo com ela.

— Venha, vamos assistir ao pôr do sol no melhor lugar da cidade — disse, estacionando o carro em uma das vagas desocupadas enquanto ela olhava deslumbrada para o grande prédio ao lado, um dos monumentos adorados da cidade, estando entre as sete maravilhas do mundo moderno de engenharia civil.

— Nem acredito...

— O quê? Nunca veio aqui?

— Não, nunca... — disse, sonhadora.

— É até um pecado, sabia? Mora na cidade...

— Mas nunca vim, nem sei dizer o porquê.

— Então fico feliz em te apresentar o lugar.

Nicolas estava agradecido por trazê-la trazido, sendo a escolha certa, a prova daquilo era o sorriso estampado no rosto jovem e bonito, que se assemelhava ao de uma criança, e ele gostou de ser a pessoa que proporcionava a ela aquele sorriso. Entraram na torre e se encaminharam ao 86º andar, mantendo-se calados, contemplando a vista perfeita de toda a cidade que o lugar lhes oferecia. Era algo mágico.

— Olhe, a empresa fica logo ali — disse ele, aproximando-se de onde ela estava.

— É lindo aqui em cima, nossa cidade é linda.

— Sim, é. E eu estava pensando em jantarmos aqui mesmo.

— Sêrio? Por mim... tudo bem — disse, com um sorriso no rosto, voltando a admirar a cidade, o céu alaranjado começando a esconder o sol. Era perfeito.

O vento soprava o rosto dela, levando seu cheiro até ele e não mais se segurou, encostando-se em Antonella, prendendo-a entre seus braços, sentindo seu cheiro e soprando em seu ouvido.

— Já vim aqui muitas vezes, mas a vista fica melhor com você como protagonista. — Ele a viu fechar os olhos por poucos segundos, sentindo a pele dela se arrepiar, percebeu que Antonella não era imune ao seu toque e adorou o que causou nela, não estava sozinho naquela confusão de desejo e sentimentos.

— Vamos para o outro lado. — Antonella tentou disfarçar o que sentiu, afastando-se e sendo acompanhada por ele, que segurou sua mão.

Naquela tarde, Nicolas tinha algo a admirar além do pôr do sol lindíssimo, pois sua imagem favorita passara a ser Antonella com a luz do sol

banhando seu corpo, fazendo-o imaginá-la nua ali, enquanto faziam amor. Sabia que não era hora para aquilo, mas a queria e se aproveitava daquele momento para beber mais dela.

Quando o sol realmente se pôs, Nicolas a chamou e a guiou para o restaurante, encontrando uma mesa na lateral e puxando a cadeira para que ela se sentasse.

— Um verdadeiro cavalheiro.

— Sempre, minha cara — disse, com um sorriso charmoso e sedutor.

O garçom veio em minutos, dando-lhes o cardápio, que Nick não se deu ao trabalho de olhar, perguntando qual a indicação do *chef* e aceitando-a. Conhecia bem o restaurante e a comida e Antonella decidiu pedir o mesmo.

— Vinho, senhor? — o maitre perguntou, gentilmente.

— Não, hoje não, obrigado.

— Fique à vontade, senhor. Com licença, senhorita...

— Não vai beber? — perguntou, quando estavam sozinhos.

— Não, seria falta de educação, já que não pode me acompanhar, sendo assim, acompanharei você.

Ela riu e foram interrompidos por uma voz melodiosa.

— Nicolas, que surpresa agradabilíssima! Quanto tempo, meu querido!

Nicolas desprende a atenção de Antonella ao ouvir aquela voz, procurando-a e lastimando a terrível coincidência.

— Débora, que prazer em vê-la — disse, um tanto surpreso, levantando-se para cumprimentar a mulher alta, loira e elegantemente embalada a vácuo em um tubinho branco.

Era preciso coragem para entrar em um vestido daquele, pensou Antonella.

— Andou sumido, senti sua falta.

Antonella se viu revirando os olhos e imaginando exatamente o lugar em que ela deveria estar sentindo falta da visita dele. Era ridículo como ela tinha se jogado nos braços do homem em uma demonstração exagerada de posse, não pôde impedir que uma ponta de ciúmes a cutucasse e gostou de como ele se distanciou rápido.

— Deixe-me apresentá-la. Esta é Antonella, minha ...

— Noiva. Muito prazer — Antonella terminou a frase, fazendo a mulher olhá-la, examinando-a por completo. No rosto, uma surpresa óbvia e Antonella adorou aquilo, vendo um meio sorriso aparecer nos lábios de Nick.

— Olá. Disse noiva?

— Sim, essa é minha linda noiva. Oficializamos o compromisso ainda essa semana.

— Por isso não foi me ver na semana passada como prometeu? — Nicolas abriu a boca para responder, mas se absteve.

— Bem, como lhe disse, estava atolado e não cheguei a prometer nada.

— Nick... não seja indelicado comigo e vamos aproveitar esse encontro. Estou muito feliz em vê-lo, sente-se conosco, só estamos eu e papai. Um jantar de família.

— Bom, como pode ver, não estou sozinho, Débora, por isso não poderei lhe fazer companhia — disse, voltando a se sentar e buscando a mão de Antonella sobre a mesa.

— Ora, junte-se a nós, você e sua noiva, ela não vai se importar.

— Acho que não entendeu, Débora. Antonella e eu estamos em um jantar romântico. — O riso frouxo da mulher morreu minimamente e ela olhou Antonella de esguelha mais uma vez, fazendo um comentário infeliz para aquela tarde que estava indo muito bem.

— Mas essa não é a sua empregada, querido?

Nicolas a olhou com raiva, querendo apenas afastá-la dali, ficando levemente vermelho.

— Não mais, Antonella trabalha na Dangelo agora. Uma excelente engenheira em começo de carreira e, se ainda assim fosse minha empregada, não teria empecilho algum em estar aqui comigo ou ser minha noiva.

— Ah, não me entenda mal. Não foi o que quis dizer. — Mas foi exatamente o que quis dizer, pior, quis humilhá-la.

— Claro que não. Agora, se me der licença, nossos pedidos já estão chegando.

— Claro, eu não quis atrapalhar o casal. Boa noite, querido, fico à espera do seu telefonema — disse, não se despedindo de Antonella, deixando o momento, antes significativo, agora desconfortável.

— Piranha grã-fina.

— Me desculpe por isso, Antonella.

— Viu só, Nicolas... O muro ainda está de pé, como pode ver.

Ele quis refutar, mas ela tinha razão, as pessoas sempre enxergariam aquele muro entre eles, cabia apenas aos dois quebrarem-no e, naquele instante, se deu conta do quanto queria fazer aquilo.



CAPÍTULO 21

A CONQUISTA

Nicolas foi um perfeito cavalheiro naquela noite, abriu a porta do carro quando foram embora, procurou a música que ela gostava e tentou uma conversa divertida no caminho para casa, mas aparentemente algo a incomodava, talvez as investidas de Débora a tivessem deixado muda. Um fim terrível para aquela noite que ele preparou com carinho e que estava sendo perfeita.

— Sente algo? Enjoo? — perguntou, ao entrarem no apartamento, tentando arrancar dela algumas palavras.

— Não, só vontade de tomar um bom banho e descansar.

— Se quiser relaxar, pode usar minha banheira, enquanto instalamos a sua no seu quarto.

— Oh, não, claro que não e, espere, como assim instalar uma para mim? — E algo lhe ocorreu... se casariam, mas estariam em quartos separados. Claro que sim, o que esperava afinal?

— Vai precisar, vi que é algo relaxante para as grávidas. Precisa relaxar e os bebês também então pedi uma banheira para o seu quarto.

— Quando virou o sabichão das grávidas? — perguntou, achando engraçado.

— Há uma semana, na verdade. Estive lendo sobre e disseram que os bebês sentem o ambiente, o estresse e o cansaço da mãe. Sendo assim, acho que deve passar um tempo relaxando em um bom banho na banheira, ao menos alguém tem que usá-la.

— Muito gentil, mas melhor não.

— Pare, vou encher a banheira e não diga não, estou fazendo pelos bebês... — Ela o olhou e ele sorriu, piscando um olho, começando a subir as escadas, mas parando e voltando-se para ela.

— Antonella, sobre o que Débora disse...

— Não precisa, Nick, de verdade. Temos um acordo e vamos tentar fazer dar certo, a noite foi ótima, mas nem por isso estamos presos um ao outro ou precisamos ser fiéis. Não se preocupe, é só um acordo.

— Ainda assim, eu quero que saiba que é mentira. Não falei com ela ou disse que nos veríamos em qualquer outro dia. Não tenho outra mulher desde que... — parou, pensando se deveria realmente ir adiante. — Desde você, não tive nenhuma mulher desde aquela noite.

Antonella estava com os olhos arregalados e grudados nele, foi quando uma sombra passou por seu olhar, um vinco entre as sobrancelhas se formou e Nicolas sabia, ela não acreditava nele.

— Não me deve nada, Nick, mas não sou idiota. Dias atrás te peguei aqui mesmo com uma mulher, não tem por que mentir, não tem por que fazer isso e, por favor, não me tome por imbecil — disse e, sim, estava com ciúmes, por mais que dissesse que não, ela estava com ciúmes.

Nicolas soltou o corrimão e se aproximou de Antonella, alcançando-a quando ela deu um passo para trás, tentando fugir dele, e segurou-lhe o rosto entre as mãos, buscando seu olhar.

— Ella, já falamos sobre isso, mas vou falar de novo! Eu não tive ninguém, ninguém! Sei o que acha que viu, mas naquele dia, por mais estranho que o que direi possa parecer, eu queria você, era para ser você. Liguei na maldita agência procurando por você e, apesar de ter me visto aqui com uma mulher, eu não fui até o final, eu não consegui ir, pois, enquanto estava com ela, eu só pensava em você usando uma máscara, no seu corpo, no seu cheiro — disse como se sua vida dependesse daquilo e viu o olhar dela preso ao seu.

Ela queria acreditar e por instantes o mundo pareceu parar, a atmosfera mudou, os olhos dele descendo para seus lábios, sentiu vontade apenas de vencer a distância e colar seus lábios aos dele, era como se um imã que a puxasse, mas no último instante ela pareceu sair de um transe, voltando a si, negando e distanciando-se do toque dele.

— Tudo bem, Nick. Está tudo bem, eu... vou para o quarto me trocar — disse, tentando fazer seu corpo voltar ao normal, acalmar seu coração e seu desejo.

— Antonella...

— Não, vamos só continuar como estávamos. Só isso.

O silêncio perdurou por alguns instantes em que ambos estavam presos naquele momento.

— Certo, vou encher a banheira e tomar um banho rápido, te espero lá em cima.

Antonella anuiu, sem falar uma palavra, vendo-o subir as escadas. Não queria admitir, mas o que a tal Débora tinha falado a atingiu, a forma esnobe com que a olhou a fez se sentir inferior e era verdade, era inferior em relação à posição social. Por outro lado, Nick deixou o seu coração mais quente por defendê-la e por admitir que queria que fosse ela naquele dia. Queria acreditar, queria mesmo.

Sem falar que ele tinha sido o que chamariam de perfeito, estava atencioso, diferente... era bom estar com ele, estava sendo... maravilhoso estar com ele, só precisava ter cuidado para não confundir as coisas e acabar se apaixonando por aquela versão mais solta, gentil e carinhosa de Nicolas. Aquilo seria sua ruína.

Foi para o quarto, tirou a roupa, enrolando-se em um roupão e ficando um tempo ali pensando em tudo que aconteceu naquele dia, em especial na tensão sexual há pouco sentida, antes de se levantar e ir para o quarto dele, como dissera que faria. Poderia estar se colocando em maus lençóis, mas aceitaria o convite solícito, era pelos bebês, ao menos era aquilo que repetia para si mesma, precisava relaxar.

Bateu na porta e, quando entrou, encontrou uma visão que a deixou em chamas. Nick estava com uma toalha na cintura, o torso nu, com pingos de água escorrendo por seu peito. Não conseguiu impedir o frio na barriga que sentiu e o pegou olhando para ela com um olhar sem-vergonha de *gosta do que vê?*, misturado com um sorriso cínico.

— Desculpe, achei que já tinha terminado.

— E terminei. A banheira está cheia, fique à vontade e leve o tempo que quiser. Vou descer e escolher um livro enquanto isso.

— Tudo bem e obrigada, Nick.

Ele saiu, deixando-a sozinha. Antonella entrou no banheiro de azulejos brancos, espaçoso e deixou o roupão no descanso, aproximando-se da banheira e entrando com cuidado. Colocou alguns sais na água e sentou-se, relaxando ao se deitar, deixando a água morna cobrir seu corpo, encostado o pescoço em uma toalha de rosto dobrada na borda da banheira.

Nicolas estava certo, era mesmo maravilhoso e viajou por seus pensamentos, para a noite em que estiveram juntos. A verdade é que a mulher desde garota fora apaixonada pelo homem que estava lá embaixo, apenas de toalha. Sofreu com a distância na adolescência, mas também aprendeu com ela qual era o seu lugar.

Nicolas, o seu Nicolas, também cresceu, mudou tanto em aparência quanto em comportamento. Sua mãe fez de tudo para que aquela distância acontecesse e em pouco tempo o garoto brincalhão ia se tornando um canalha galinha nato, distanciando-se de sua amizade a ponto de não restar mais nada. O tempo passou e Antonella se tornou uma mulher, estudou, teve namoricos, mas ainda assim a paixão da adolescência estava ali, adormecida em seu peito, algo que nem ela mesma tinha se dado conta até vir trabalhar para ele.

No fundo, tinha a breve esperança de que a amizade entre os dois voltasse, mas aquilo não aconteceu, não em um primeiro momento. Nicolas a via apenas como sua empregada e era o que ela era, porém, para Antonella, estar perto dele lhe trazia sentimentos, sensações que aprendeu a controlar muito bem até aquela noite em que não conseguiu dizer não.

E aquela noite era apenas mais um bico para descolar alguma grana que Natália tinha arranjado para ela. Estava lá apenas para servir bebidas e petiscos, mas quando Nicolas a tocou, impedindo que caísse... algo mudou, um calor incomum veio ao seu corpo e ela não conseguiu controlar seu desejo.

Entregou-se sem nenhuma reserva, imaginando o quanto desejou aquele momento. Era algo simples em sua mente, se entregar por uma noite, poder senti-lo, saber seu gosto, ouvir seus gemidos de prazer e foi maravilhoso, como sempre imaginou que seria, e depois, bom, seguiria sua vida normalmente se não fosse...

Levou a mão ao ventre, alisando-o. Não se percebia nada ali, apesar de jurar ter sentindo eles mexerem dias atrás. Chegou a sorrir ao se recordar, lembrando-se em seguida do que quase fizera e que agora estava noiva de Nicolas.

Deixou-se relaxar e chegou a cochilar em um dado momento. Abrindo os olhos e sentindo-se realmente descansada, levantou-se, tomou seu banho e saiu do banheiro, estancando no lugar, tendo os cabelos molhados grudados em seu rosto.

— Oh, está aí. Deus, quase me matou de susto, achei que estivesse lá embaixo — disse e o viu rir, sentado na cama, daquela vez vestido com um *short* de dormir.

— Desculpe. Como foi o banho?

— Você estava certo, foi delicioso, obrigada.

— Trouxe um copo de leite para você, tem cálcio. Dizem que é bom.

Antonella riu, ele estava mesmo levando aquilo a sério.

— Vai me fazer virar um bezerro.

— Talvez...

— É, parece mesmo que está lendo sobre bebês e gravidez.

— Estou... e dizem que tem cursos para pais de primeira viagem, acredita?

— Nem vem, não precisamos de curso. — Ótimo, o ar leve tinha voltado.

— Eu discordo, teremos gêmeos, ou gêmeas...

Antonella riu, divertida, aproximando-se de onde estava, sentando-se na cama e pegando o copo com leite.

— Tá, podemos ver isso depois.

— Isso... seremos ótimos pais, sabia? Acredito nisso.

— Que bom que acredita, espero que esteja certo e obrigada por me emprestar sua banheira, Nick, boa noite. Adorei, realmente, adorei o passeio.

— Eu que devo lhe agradecer a companhia, foi um excelente fim de tarde — disse e a viu sorrir, se levantar e ir em direção à porta do quarto. — Ella, espere.

A mulher parou, buscando seu olhar.

— Falta um beijo de boa noite. — Ele a deixou sem ação, levantando-se e aproximando-se de uma Antonella de olhos arregalados.

A mulher parecia emudecida, olhos nos seus, vendo-o tirar uma mecha de cabelo do seu rosto e colocá-la atrás da orelha, segurando seu rosto em seguida.

— Me desculpe, mas passei a noite querendo fazer isso — disse, inebriado.

— Nick... — tentou, quando ele aproximou os lábios dos seus e era tarde demais para negar, ela queria, queria, tanto.

Nicolas tocou seus lábios macios com delicadeza, como se precisasse saborear cada momento, segurando o lábio inferior entre os dentes e sugando-o, para depois afundar os lábios nos seus, sentindo as mãos dela virem ao encontro do seu peito.

Deixou seu rosto e a abraçou, trazendo-a para junto de si, sentindo seu corpo e o desejo de possuí-la. De início, era para ser apenas um beijo singelo, mas teve de parar, não queria correr o risco de que ela se arrependesse. Afastou-se, deixando pequenos beijos em sua boca, olhando-a e esperando que abrisse os olhos.

— Agora sim, boa noite, Ella — disse, enquanto a mulher parecia

petrificada no lugar, chegando próximo ao pescoço dela e inalando seu cheiro, sem tocá-la novamente. — Adoro o seu cheiro.

Antonella pareceu sair de um transe, dando um passo para trás e sentindo seu peito querer sair pela boca.

— Não torne as coisas mais difíceis para nós, Nicolas, para mim.

Ela saiu o mais rápido que pôde daquele quarto, como se o próprio demônio estivesse atrás dela. O que ele estava querendo? Parecia galanteador, aquele sorriso... molhava qualquer calcinha e tinha certeza de que ele sabia daquilo, sabia o efeito que causaria nela. Então por que estava fazendo aquilo, tratando-a daquela forma, o que queria afinal?

Não era justo, mas só cabia a ela cuidar do próprio coração e mente. Manter-se sã diante aquela situação. Um envolvimento, uma paixão, só piorariam as coisas e sabia que ele não queria mais nada com ela além... dos bebês. Onde tinha ido se meter?

Já ele, bom... agora estava decepcionado e com uma ereção dolorida para dar um jeito!



CAPÍTULO 22

A INCERTEZA DO AMANHÃ

A semana que antecedeu o dia do tão temido casamento se passou e Antonella se convencia de que algo estava errado, algo em seu íntimo lhe dizia aquilo, afinal Nicolas vinha se mostrando ainda mais atencioso, amigo, preocupado e, pior, galanteador, quase apaixonado, e assim ficava difícil não deixar os sentimentos nascerem, ainda mais quando ele estava tão presente. Estava ficando cada dia mais complicado ficar perto dele.

Na noite passada, ele subiu até seu quarto, perguntou se podia entrar, dizendo que estava sem sono e queria conversar. Sentou-se aos pés da cama, começou uma massagem deliciosa em seus pés e relembraram como era a infância na mansão, como viviam feito cão e gato até que ela pegou no sono, mas não antes de ele tranquilizá-la sobre o casamento, dizendo pela milésima vez que tudo ficaria bem.

O homem que adorava uma bela noitada já não saía mais como antes e, quando o fazia, sempre a convidava, insistindo que fosse com ele.

Quando começou a trabalhar para Nick, era impossível não notar suas saídas e como chegava às vezes bêbado e com um cheiro forte de mulher. Como sabia daquilo? Certa vez o pegou chegando em casa e ele mal conseguia subir as escadas, acabou ficando no sofá. Naquela ocasião, ela o ajudou a subir e se deitar, mas ele parecia não se lembrar daquilo no dia seguinte ou, se lembrou, não tocou no assunto. E agora, bem, agora Nicolas era apenas dela todas as noites, todos os dias e sentia o coração apertar ao pensar que aquilo logo acabaria.

— Ah, animação, cunhadinha... parece que está apavorada — disse Anita de forma animada, logo atrás de Antonella, enquanto ela se olhava no espelho.

— Não, estou apenas admirando o vestido.

— É, é mesmo lindo...

— Sim e espero que ceda um pouco, está tão apertado que está me deixando sem ar. — E ao dizer aquilo, notou o olhar de Anita para ela.

— Deve ser o nervosismo, experimentou o vestido tem apenas uma semana, não dá para ter ficado apertado. Logo estará confortável, minha querida, não se preocupe.

Antonella ficou sem jeito, pois tinha um motivo para o vestido estar apertado. Com o nervosismo, tinha comido demais, principalmente doces, eram o seu escape.

— Mamãe, não é melhor avisar ao Álvaro para, quem sabe, soltar um ponto e deixá-la mais à vontade? Antonella está nervosa, vai que tem uma síncope ao sentir o vestido apertado? Nunca se sabe...

— Será? — Miranda, olhou para Antonella, que estava começando a corar. — Bem, é verdade. Espere, Antonella, só um minuto e já volto com ele.

Antonella apenas anuiu, ficando ali, focando sua atenção na saia do vestido de tecido brilhoso, um modelo desenhado exatamente para ela, e sentiu a presença de Anita ao seu lado.

— Não é por amor, é? — perguntou, olhando Antonella, que começou a ter lágrimas nos olhos. — Nem o aperto do vestido é nervosismo. Estou certa?

— Eu não... — Parou e respirou fundo. — Não importa agora — disse, por fim, e sentiu a mão de Anita na sua.

— O amor se constrói, não se esqueça disso.

— Obrigada...

Na verdade, queria estar dando obrigada à sua mãe, se ela estivesse ao seu lado, mas não. Maria arrumou algo para fazer lá embaixo, alegando que precisava ajudar a organizar as coisas. Antonella entendia, ou tentava, mas queria tanto a mãe ao seu lado.

— E aqui estamos. Vá, Anita, vá e diga que logo iremos descer e peça para Samuel subir, logo ela estará pronta. — Miranda estava radiante,

olhando Antonella com olhos sonhadores.

E era exatamente aquele olhar que Antonella queria ver em sua mãe e aquilo a deixava especialmente culpada no dia do seu casamento, ou melhor, da sua farsa. A mãe de Nick tinha preparado tudo nos mínimos detalhes, com todo zelo e cuidado, com amor e eles estavam... mentindo. Passou a imaginar o que seria pior, contar toda a verdade ou um divórcio em menos de um ano de casamento, e tentou simplesmente não pensar.

Ficou olhando sua figura no espelho enquanto o *designer* que o tinha desenhado tentava deixá-lo mais folgado na região dos seios. Os cabelos vermelhos soltos, em cachos caindo pelos ombros, com apenas o topo preso em um penteado, deixando um pequeno topete no alto.

O vestido era justo na parte superior, em especial, no busto, com um decote de coração ressaltando seus seios, colado até a cintura, descendo em uma saia rodada, mas com pouco volume, um tecido levemente brilhoso. Um modelo simples como pediu, mas lindo e glamouroso.

— Prontinho... espero que se sinta melhor agora — disse Álvaro. — Se folgar mais, irá perder todo o glamour, lindinha...

— Sim, está ótimo, muito obrigada.

— Obrigada, Álvaro querido, e, Antonella, você está lindíssima, uma noiva perfeita. Espero que faça meu filho feliz e que seja feliz na mesma proporção, torço que cultivem o amor a cada dia, isso é o casamento. — Miranda segurava a mão de Antonella ao falar e era fácil ver que estava emocionada. — Irei descer e te esperamos lá embaixo.

Muda, recebeu um beijo da futura sogra, a viu sair e seu pai parou na porta do quarto em que estava se arrumando. Olhando-a com espanto e orgulho...

— Ah, papai, não me olhe assim e não me faça chorar. — Só não sabia se choraria pelos motivos certos.

— Mas como não? Minha menina, minha única menininha está se casando hoje. — Pegou-a em um abraço e a filha teve mesmo de fazer esforço para não deixar as lágrimas rolarem e borrarem toda a maquiagem. —

Não imagino ninguém que a mereça, Ella. Mas estou feliz que tenha escolhido Nicolas, eram tão grudados quando pequenos que mais cedo ou mais tarde eu esperava que isso fosse acontecer.

— Ah, papai...

— Mas tudo bem, agora não é hora para isso, vamos descer. Estão todos à sua espera, não quero chorar e fazê-la chorar também.

— Está amolecendo, papai.

— É o que acontece quando se tem uma filha! E Ella, não fique magoada com sua mãe, ela não entende bem que não pode viver a sua vida, que filhos tem que alçar seus voos sozinhos.

— Eu sei, eu sei... obrigada por tudo, pai.

Ambos riram e seu pai lhe ofereceu o braço, que ela pegou em seguida. Seu coração batia forte, parecendo que iria rasgar o peito a qualquer minuto, estava nervosa, mais que aquilo, na verdade. Nem toda a arrumação ou massagem relaxante pré-casamento a acalmaram naquele dia.

E quando por fim pôde ver as pessoas lá embaixo, a ficha realmente caiu, percorreu cada rosto dali do alto da escada, parando seu olhar em uma única pessoa: Nicolas, parado próximo ao altar improvisado e bem ornamentado, junto ao padre, esperando-a.

E o olhar que viu em seu rosto parecia, de fato, o olhar de um homem apaixonado, queria se enganar naquele minuto, acreditar no brilho que enxergou em seus olhos, amar aquele homem, pois já desconfiava que estava apaixonada por ele.

Desceu as escadas, amparada por seu pai, e caminhou pelo tapete vermelho sem sequer ousar olhar para lado, sem sequer deixar de visualizar o homem que acabara de abrir um sorriso arrebatador, olhando para o lado quando Dean, seu padrinho, disse algo próximo ao seu ouvido. Teve medo de cair, mal sentia suas pernas entorpecidas.

— Não me deixe cair, papai.

— Jamais, filha.

E à medida que se aproximou, Nicolas deu dois passos à frente, alcançando-a, tomando seu braço e apertando a mão do sogro, que a segurou por tempo demais, encarando-o ao falar:

— Cuide dela, rapaz, ou vai se ver comigo.

Samuel parecia intimidador e Nicolas sorriu, naquele momento esquecendo qualquer farsa, qualquer mentira.

— Será um prazer... — E ele também estava nervoso quando tocou sua mão, não se aguentando ao deixar um beijo em sua testa. — Vai dar tudo certo — tentou tranquilizá-la.

— Eu sei.

— E você está linda...

E naquele instante foi ouvido um pigarreio do reverendo, chamando a atenção dos dois, que estavam em uma espécie de concha. Alguns sorrisos atravessaram a música dedilhada ao piano, a atenção totalmente presa nos noivos.

A festa estava lindíssima, a sala da mansão foi transformada em um lindo salão de festas ornamentado com flores brancas e vermelhas, deixando o lugar romântico além do comum. Miranda realmente tinha acatado seu pedido, apesar de não estar presente apenas a família, havia poucos convidados, apenas amigos íntimos e alguns sócios da empresa. Mas, naquele momento, só tinha olhos para uma pessoa: Antonella, uma noiva perfeita, sua noiva e os motivos que os levaram até ali não importavam mais.

Até mesmo o sermão dado pelo reverendo ficou em segundo plano quando a tinha ali ao seu lado, com as bochechas rosadas por ser o centro das atenções e se ateve apenas à sua parte principal, ao colocar a aliança no dedo de Antonella e receber a sua.

— Nicolas Dangelo, aceita Antonella Magnos como sua legítima esposa para amá-la e respeitá-la, na saúde e na doença, na riqueza e na pobreza, até que a morte os separe?

— Sim! — disse, olhando diretamente em seus olhos.

— Antonella Magnos, aceita Nicolas Dangelo como seu legítimo esposo para amar e respeitar, na saúde e na doença, na riqueza e na pobreza, até que a morte os separe?

E ela não foi tão rápida nem tão convicta ao responder:

— Sim, eu aceito.

— Com o poder investido a mim, eu vos declaro marido e mulher. Pode beijar a noiva.

Nicolas riu, olhando-a e se aproximando mais dela, tendo seu rosto entre as mãos, olhos nos seus enquanto, devagar, aproximou seus lábios dos dela, beijando-a, não a soltando de imediato e ouvindo palmas e assobios quando se separaram, mas sua atenção continuava a ser toda dela.

— Estamos casados agora...

— Sim, estamos.

— Prometo cuidar de você e dos nossos filhos. Será feliz, seremos felizes...

— Obrigada, Nick.

— Não me agradeça. Agora vamos curtir nossa festa, que mamãe preparou com tanto cuidado, porque logo após o jantar irei roubar a noiva!



— E aonde vamos?

— Surpresa — disse, enquanto a levava, sorrateiro, para a garagem onde estava seu carro.

— Nick, tenho que passar no apartamento, tenho que pegar roupas...

— Não precisa, já arrumei tudo com a ajuda de Anne. Tem tudo de que vai precisar para o fim semana.

— Não acredito que fez tido isso nas minhas costas!

— É nossa lua de mel... — E notou quando as feições dela mudaram.

— Nicolas, não precisa disso tudo, não é de verdade, você sabe e...

— Não, não é, mas temos que manter as aparências e como ter um casamento sem lua de mel? Que tipo de casal seríamos? — Uma farsa, então era por isso aquela surpresa.

— Você não existe...

— Existo e sou seu marido... Descanse um pouco, foi um dia e tanto, não iremos demorar a chegar.

— Pode ao menos me dizer aonde vamos?

— Não!

Antonella sorriu, sentindo um quentinho no coração que não tinha como explicar. Aquela era a segunda surpresa feita por ele em tão pouco tempo e estava gostando daquilo, queria dizer que não, mas seria mentira.

E foi uma pena ela não conseguir ficar acordada durante toda a viagem, quando deu por si, Nicolas já estava parando o carro em frente a uma propriedade grande e arborizada, iluminada pela meia-luz da lua. Suspirou alto, acordando e sentiu uma leve brisa fria assim que desceu do carro logo após ele, reconhecendo o cheiro da maresia e tentando se situar.

— A casa de praia dos seus pais?

— Isso. Sei que não conhecia e, como não posso me afastar da Dangelo por muitos dias, achei que seria uma boa escolha.

— Nick...

Mal falou, estava eufórica. Ao menos uma vez ao ano, toda a família se reunia ali, era quando a casa de praia era realmente usada, de resto só quando Nick resolvia dar alguma festinha particular ou Dean, que gostava de ir para lá com a esposa antes do acidente, a usava.

— Venha, vamos levar as malas lá para dentro.

— Meu Deus, é lindo. Claro, vamos sim.

Deixaram o carro e entraram na casa, encontrando uma sala espaçosa e arejada, com a maior parte em vidro, dando uma linda visão da praia e dos arredores. Ali era apenas para uso da TV, um aparelho gigante posicionado no centro, com um sofá pegando toda a parede do lado esquerdo. Era perfeita.

— Uau... — disse e ele sorriu.

— Essa é a sala, como pode ver, logo em seguida tem a cozinha conjugada com a sala de jantar e lá em cima ficam os quartos. Lá atrás tem uma área de lazer com mesa, churrasqueira e piscina. Te mostro tudo com calma amanhã, porque agora... se importaria em tomar um banho de mar? — Um sorriso sugestivo estava em seus lábios. — É lindo, vai gostar.

— Não. Pode ser perigoso...

— Bobagem. Vamos, vou te mostrar seu quarto para que possa se trocar. As coisas que Anne preparou já estão no armário. Vou me trocar e te espero aqui. A lua está cheia, linda para um banho e não há perigo, não seja medrosa.

Antonella ficou alguns segundos olhando para ele e era claro que não negaria, estava eufórica, contente como uma criança por estar ali.

— Tudo bem, vamos, e seja o que Deus quiser.

Nick comemorou internamente e pegou sua mão, subindo as escadas e chegando a um corredor com algumas portas. Pararam na segunda e ele a abriu, mostrando seu quarto.

— Fique à vontade. Suas roupas e itens pessoais estão no armário, seus seios estão maiores por conta da gravidez, mas creio que Anne acertou no tamanho do biquíni — disse e a fez corar. — Te espero lá embaixo.

— Tudo bem.

Foi até o *closet*, olhando o que Anita tinha arrumado para ela e não havia nenhuma das suas roupas na sua frente, eram todas novas. Sorriu consigo mesma, tocando os biquínis dobrados e bem organizados, escolhendo um de cor branca e uma saída de banho da mesma cor, com algumas folhas

secas desenhadas.

Nicolas estava certo, seus seios estavam maiores, era nítido, mas os biquínis escolhidos pareciam terem sido feitos para ela e sua nova forma. Trocou-se, colocou a saída, chinelos e deixou o cômodo, tentando ouvir se ele ainda estava no quarto ao lado. Não escutou nada e desceu as escadas um tanto quanto ansiosa.

Parou no terceiro degrau quando o viu de costas para ela, vestindo uma sunga preta, uma camisa regata azul e chinelos. Desceu o olhar pelas pernas musculosas, sentindo vontade de tocá-las, algo pulsando em seu baixo ventre. Seria difícil aguentar aquele final de semana!



CAPÍTULO 23

A ENTREGA

Nicolas estava ansioso, pois tinha planos para aquele final de semana, além de espaiar tomando banho de sol. Se estava fazendo aquilo pelo que pensariam se não tivessem uma lua de mel? Na verdade, não. Estava fazendo aquilo porque, sempre que sonhava à noite, ela estava lá, enfeitiçando-o, além de se manter durante todo o dia em seus pensamentos.

Na semana passada, sentiu raiva quando um advogado da empresa desavisado veio falar com ele, insinuando que a nova estagiária era linda. Teve vontade de rosnar para o homem, mas apenas se limitou a dizer que ela era comprometida, sua noiva, para ser mais preciso, e bastou aquilo para mantê-lo longe dela.

Estava naquele minuto observando-a testar a água com a ponta do pé, vestindo um biquíni branco que brincava com sua imaginação. Linda como ele se lembrava quando possuiu seu corpo.

— Vai ficar aí olhando? Não vou ter coragem de entrar sozinha! — disse, olhando-o por cima do ombro, um sorriso brincando em sua face iluminada pela luz da lua.

— Estava aqui admirando o que tem de mais bonito na paisagem nesta noite. — Não estava falando da lua ou do mar e ela também percebeu aquilo, abaixando o olhar.

Nick a calou com aquele comentário. Tirou a camisa, deixando-a sobre a areia, o celular com o qual acabara de falar com a irmã, avisando que chegaram bem, e foi ao encontro dela, tocando sua cintura quando a alcançou.

— Seu cavalheiro de armadura reluzente chegou, agora não tem como fugir.

Segurou sua mão e a levou para o mar, curioso para ver cada reação dela, vendo a apreensão que o fez colocá-la em frente ao seu corpo, tentando

fazê-la relaxar junto dele.

— Não se preocupe, relaxe, estou com você.

— Aí, Deus, embaixo está fria.

— É a corrente. Logo se acostuma com a temperatura.

Colou-a mais ao seu corpo e daquela vez não jogaria indiretas, não faria charme. Ele a viu segurar sua mão e mergulhar, enquanto apenas a observava voltar à superfície, soltando-o e passando as mãos nos cabelos vermelho-escuros, com um riso de menina no rosto. Nick não perdeu tempo, a trouxe para junto de si, segurando sua cintura, enquanto a via arfar.

— Se não quiser que eu a beije, me diga agora — falou ao seu ouvido, sentindo a pele dela se arrepiar. — Ou não vou parar.

Antonella se virou, olhando-o no fundo dos olhos.

— Não faça isso, não sei se conseguirei parar se fizer.

— Não pare, por favor — sussurrou perto dos seus lábios, os olhos cravados nos seus. — Não pare.

E foi ela quem tomou a iniciativa, colando seus lábios aos dele e aprofundando o beijo, agarrando-se ao seu pescoço, enquanto ele a apertava em seus braços como se quisesse se fundir a ela, fazendo-a sentir seu membro ficando ereto, desejoso por seu corpo.

— Desde aquela noite que eu sonho com você, no início você vinha roubar meu sono ainda sem um rosto, depois era apenas você.

— Nick...

— Me deixe ter seu corpo outra vez, Ella. Se entregue para mim sem fugir em seguida!

— Nem se eu quisesse conseguiria fugir... estamos presos um ao outro agora.

— Estamos, mas quero que seja uma opção estar comigo, se doar. E não negue, sente isso tanto quanto eu.

Aquele pedido mais parecia uma súplica e como poderia negar? Queria aquilo mais que qualquer coisa. Ali, agora, em meio à água.

A quem queria enganar? Apenas a si mesma, ao tentar se convencer a não se apaixonar e lá estava ela, apenas pedindo que não sentisse sozinha aquele sentimento no peito.

Nick a beijou, enrolando sua língua na dela e arrancando da mulher um desejo incontável, segurando sua bunda e fazendo-a se encaixar nele, seu pênis esfregando-se em seu sexo coberto pelo fino biquíni, e saboreou aquele momento. Deixou seus lábios, passando a beijar seu pescoço, deixando pequenas mordidas e levando-a à loucura.

— Nick... — sussurrou, mas ele não parou. — Aqui alguém pode ver.

Ele a olhou.

— Agora é apenas o aperitivo, Ella. Vou possuí-la lá dentro, no quarto, com calma. Vou matar a saudade do seu corpo, beijar cada pedacinho dele, te chupar gostoso, sentir seu sabor mais uma vez e, quando não aguentar mais, eu irei te penetrar, fundo, duro, como me pediu naquela noite.

A mulher só pôde gemer, enquanto o sentiu afastar a parte de cima do biquíni, destampando o seio esquerdo e abocanhando-o com um sorriso sujo e pervertido nos lábios, quase como uma promessa. Antonella chegou a fechar os olhos, jogando a cabeça para trás, gemendo alto em meio à imensidão azul.

— Nick...

— Sim, diga que será minha essa noite.

— Eu quero, quero muito...

— Ah, Ella... — Ele a beijou, descendo sua mão em meio aos seus corpos molhados na água salgada, encontrando o sexo depilado coberto pela peça de pano. — Quero você, não posso mais esperar.

— O banho era só um plano? — Estava inebriada com aqueles olhos tão azuis e o modo como a tocava. Ele a queria!

— Tive medo de que fosse logo para cama — disse, dando de ombros por ser descoberto, e Antonella gemeu quando sentiu um dedo grosso sendo introduzido em seu interior.

— Foi um bom plano...

Nicolas não a soltou, encaixando-a em seu corpo, ouvindo um gemidinho surpreso e saindo da água com ela, levando-a dali pronto para cumprir cada promessa que fizera, sentindo seu pau doer de desejo.

— Apressado, Dangelo?

— Estou, estou há dias...

— Quero ver me pegar.

Antonella o incitou, descendo de seu corpo e começando a correr em direção à casa, com Nick atrás dela, aceitando o desafio, sedento para tê-la.

Ele a alcançou na porta da casa, jogando-a contra a parede e prendendo seu corpo, fazendo-a sentir seu desejo duro, preso pela cueca. Ele a beijou e andou em direção às escadas, pegando-a no colo no primeiro degrau.

— A tradição...

— Bobo! — debochou, enquanto ele subia apressado com ela em seu colo, passando pelo quarto em que ficaria, entrando no dele e depositando-a na cama.

Nick olhou a mulher com a pele cheia de gotas do mar, os pés sujos de areia e parecia a visão do paraíso.

— Tire o biquíni, Ella. A parte de baixo, quero vê-la.

A mulher pareceu em dúvida, mas ficou de joelhos na cama, desamarrando a lateral da peça, provocando e jogando-a aos seus pés.

— Agora deite-se e se abra para mim.

— Nick... venha.

— Não ainda... Vamos, deite-se. Obedeça e se abra para mim.

Ela o fez, deitando-se sem deixar seu olhar, abrindo-se e expondo seu sexo como ele pediu, olhando-o com o rosto corado.

— Se toque, Antonella. Se toque enquanto assisto a cada detalhe. Faça como fez nesses dias quando se tocou pensando em mim e não negue... sei que fez isso. E sabe por que sei?

Ela negou.

— Porque foi assim que vim me aliviando da vontade de você todos esses dias. Vá, se toque, abra sua boceta melada e me deixe vê-la.

Ele queria torturá-la, só podia ser... mas obedeceu, sentindo um prazer sem igual ao se tocar com os olhos presos em Nick, enfiando um dedo em seu sexo e trazendo sua excitação para o clitóris, massageando-o em círculos enquanto o ouvia gemer, descendo seu olhar pelo corpo masculino e vendo-o segurar seu pau com vontade dentro da sunga.

— Gosta disso, Antonella? Sente prazer?

— Muito, eu vou...

Não terminou a frase, Nick veio até ela e tirou sua mão dali, ajoelhando-se na cama e substituindo seus dedos por sua boca, chupando-a como se a estivesse beijando, fazendo-a cravar seus dedos nos lençóis brancos, gemendo e chamando por ele.

Nick não precisaria estimulá-la muito, sugou seu clitóris com certa força, soltando-o e passando a língua levemente, aliviando a pressão, em círculos, e a levou ao clímax. Antonella apertou seu rosto entre suas coxas e gritou seu nome, tremendo em sua boca, esfregando seu sexo em seu rosto, usando tudo que ele poderia dar enquanto Nick sentia prazer apenas em observar seu rosto corado, a boca entreaberta arfante, contorcendo-se de desejo, gozando em sua boca.

O homem a lambeu enquanto os últimos espasmos a tomavam, sugando seu gozo até a última gota. Levantou-se, tirou a sunga, deixando-a no chão e foi para o lado da cama, ficando de pé, perto da cabeça de Antonella.

A mulher sorriu quando viu seu membro, ficando de braços e

segurando a base de pênis, sentindo as pernas bambas e abocanhando-o o quanto pôde, era grosso e o molhou bem para um boquete perfeito. Antonella o chupou, brincando com a glândula e voltando a sugá-lo inteiro, descendo para suas bolas, abocanhando uma e depois a outra.

Sentiu a mão dele em seus cabelos, ouviu um gemido rouco de prazer e o sugou mais rápido, voltando a chupá-lo enquanto segurava as bolas, massageando-as. Sentiu o pau dele pulsar, mas Nick a interrompeu e ela gemeu em desgosto.

— Safada, gostosa! — rosnou, entredentes, ajoelhando-se entre suas pernas, tocando sua intimidade e penetrando-a com os dedos.

O homem tirou os dedos do seu centro, tocando com os dedos sujos do seu gozo os lábios vermelhos, molhados, descendo por seu queixo e alcançando os seios, afastando ambos os lados do biquíni e olhando-a toda nua para ele.

Demorou-se ao olhar sua barriga, descendo a mão e alisando com carinho o ventre que aninhava seus filhos. Desde que tinha descoberto a gravidez queria fazer aquilo, queria tocar o lugar onde seus bebês cresciam com segurança, fazer aquele carinho. Debruçou-se alcançando seus lábios e possuindo-os.

Nick a beijou, encaixando-se, penetrando-a devagar e ouvindo-a gemer em sua boca. Era quente, apertada e molhada, o paraíso, e ele se perderia. Estocou com firmeza, ouvindo-a pedir mais, deixando-o louco com seus gemidos e arranhões. Ajoelhou-se e colocou-a de lado, estocando mais firme, levantando sua perna e colocando-a em seu ombro.

— Vamos, se masturbe, goze novamente em meu pau, quero sentir essa bocetinha quente me apertando. Ande, Ella...

Aquele tom a excitava e Antonella riu, levando a mão ao meio de suas pernas, massageando seu carne inchado, sensível, gritando quando o prazer a tomou mais uma vez.

Nicolas sonhara com cada momento e, quando ela se entregou ao prazer e espasmos deliciosos tomaram seu corpo, ele também se deixou ir,

derramando-se em seu interior, gemendo seu nome.

Ali, naquele momento, tomou uma decisão. Aquela mulher seria sua, só sua.



CAPÍTULO 24

O QUE VEM DEPOIS?

Antonella sentiu beijos molhados por seu pescoço, junto a um peito firme e forte nas suas costas, com um braço apertando sua cintura, e percebeu que não havia melhor forma de acordar que aquela.

— O almoço está pronto...

— Hum... O almoço?

— Sim, dormimos demais após você abusar do meu corpo várias vezes... — disse, em tom brincalhão, e Antonella abriu os olhos, procurando-o.

— Deus, por que não me acordou mais cedo? — E em resposta ganhou um beijo suave na ponta do seu nariz.

— Estava tão bonitinha dormindo, nem parecia a tarada sedenta de ontem. Daí fiquei aqui te olhando, alisando sua barriga.

Ela sorriu, ficando vermelha, um riso preguiçoso escapando-lhe, recebendo um beijo rápido em seus lábios.

Antonella queria congelar aquele momento em que Nick a olhava com cara de bobo, como se ela fosse a mulher da sua vida, cabelos bagunçados, tão natural que lembrava um moleque travesso. Nunca ninguém a tinha olhado daquela forma, aquele olhar só tinha visto em filmes e era magnífica a sensação.

— Venha — ele a chamou mais uma vez, abaixando-se e beijando brevemente seus lábios, fazendo com que um suspiro a deixasse, e se pôs de pé, esperando-a.

— Já está de banho tomado?

— Sim, aproveitei para tomar um banho enquanto dormia e ver se o almoço estava pronto. — Deu de ombros.

— Hum, pode descer então, tomo um banho rápido e logo te encontro lá embaixo. Estou mesmo com fome.

— Certo, peguei suas roupas que ficaram na praia e trouxe para cá, junto de algumas roupas que estavam no outro quarto. Te espero lá embaixo — disse, fingindo não ver o olhar atravessado que ela lhe deu e saindo em seguida.

Então agora ficaria ali no quarto com ele?

Deixou de lado o lençol fino que cobria seu corpo, levantando-se em seguida e indo para o banho. Foi mesmo rápido, enquanto ainda sentia vestígios do que fizeram à noite por três vezes. Ele parecia incansável enquanto ela só queria se entregar mais e mais. Tinha amado cada toque, cada beijo...

Saiu do quarto minutos depois, perguntando-se como seria dali em diante, se falariam do que tinha acontecido, se voltaria a acontecer. Era uma idiotice tal dúvida, já que ele tinha praticamente dito que ela ficaria em seu quarto a partir dali, até trouxera suas roupas, deixando-as no *closet*. E ao entrar, percebeu que, com certeza, não tinha sido ele quem arrumara tudo ali, talvez a secretária da casa?

Entrou na cozinha e o viu sentado à mesa, mexendo no celular, concentrado em algo, e se sentou do outro lado, fazendo-se notar, vendo-o sorrir e guardar o celular no bolso do *short jeans*. Pegou o prato à sua frente e se mexeu na cadeira, a fim de colocar sua comida, fazendo uma pequena careta e vendo o homem atento a ela.

— Te machuquei ontem? — perguntou, mas um sorrisinho prepotente brincava em seu rosto.

— Não... bem, estava sem fazer sexo desde que... você sabe e... coloquei uma calcinha apertada. — Viu-o rir. — O que foi?

— Acho lindo como fica vermelha quando está com vergonha, parece uma colegial.

Adorava mesmo, ainda mais quando era o responsável por aquilo e enfiou um pouco de alface picada na boca, estranhando seu silêncio e

voltando a olhá-la.

— Nick... sobre o que aconteceu ontem...

— Foi bom para mim, Ella. Na verdade, foi ótimo, foi bom para você também?

— Sim, foi... é que...

— Então isso basta, Ella. Não precisamos dar nomes a isso, vamos deixar o desejo falar. Fizemos um acordo e o cumprimos, mas não havia nenhuma cláusula que dissesse que não poderíamos nos envolver! Te desejo, desejo muito desde aquela noite como nunca desejei ninguém e quero você. Agora coma, precisa se alimentar.

Ela ainda tentou dizer algo, mas decidiu se calar.

— E, antes que me esqueça, vai dormir comigo essa noite.

— Vou é? — perguntou, provocando-o e sentindo um quentinho no coração.

— Sim ou vou dormir no seu quarto. Você decide, só não irei dormir sozinho.

Antonella voltou sua atenção para a comida à sua frente, gostando das duas opções, deixando de lado o assunto e se pondo a comer.

— Boa menina... — Riu, se pudesse dormiria com ela todos os dias dali em diante e faria o possível para aquilo.



O jardim da propriedade era lindo, em especial porque dava de frente para o mar azul, perfeito. Após o almoço, tinham passando um tempo na praia, sentados juntos na areia, conversando e namorando e agora estava no jardim, enquanto Nick se mantinha no escritório. Aparentemente tinha um videoconferência com Anita e ela queria conhecer melhor o lugar, poderia ser

a sua única oportunidade.

Levou a mão ao ventre, a olho nu não se via muito, mas conhecia o próprio corpo e seu ventre começava a ter uma pontinha onde estavam seus bebês.

Seus bebês...

Sorriu com o pensamento e chegou a pensar em como seria se tivesse ido até o final naquele dia na clínica. Sentiria culpa, agora sabia e não tinha certeza se suportaria aquele arrependimento. Na verdade, não poderia supor nada, o que poderia sentir, mas poderia dizer que agora estava feliz por sua escolha. Até os bebês nascerem, não precisaria se preocupar com nada e seus planos estavam prontos para o depois.

Já teria terminado a faculdade, já estaria efetivada na Dangelo e não apenas com um estágio. Talvez em um primeiro momento não tivesse pensado naquilo, pois não cogitou um casamento, tendo que assumir uma gravidez sozinha e sabia que os pais não aceitariam aquilo bem ou de jeito nenhum, melhor falando. Talvez seu pai, sim, já sua mãe... e ela sempre sabia manipular o pai.

Suspirou, estava feliz por ter aceitado aquela farsa, só não sabia se era pelo acordo realmente dito ou pela noite e o dia maravilhosos que tiveram, não esperava que ele preparasse algo como aquilo.

— Um dólar por seus pensamentos.

Antonella sorriu ao ouvi-lo, olhou para o lado e, vendo-o em pé, bateu a mão no chão para que ele se sentasse.

— Nada em especial... talvez nas minhas últimas escolhas.

— Já passou — falou, sentando-se ao seu lado, segurando sua mão e levando-a aos lábios. — Não se preocupe com nada, Antonella, não hoje.

— Não é algo ruim, estou aliviada, na verdade.

— Sêrio?

— Sim. Não tirei meus filhos e ganhei tempo para arrumar minha vida

para quando eles chegarem. Estou feliz com minhas escolhas.

— Ou elas... você disse filhos, mas podem ser meninas — disse e sorriu.

— Ora, você quer meninas? Essa é a segunda vez que diz isso.

— Não sei... estou acostumado com Cecilia, então... não sei. Meninos também são bons, vou adorar jogar bola com dois moleques — disse, parecendo sonhador. — E se vier uma menina e um menino?

— Ah não, lembra? A médica disse que estão no mesmo saco amniótico, sendo assim são iguaizinhos, isso quer dizer também com relação ao sexo.

— Ah, é verdade. Então ou serão dois meninos ou duas menininhas.

— Isso.

— E por falar nisso — disse, aproximando-se dela, deitando-a na grama e pondo-se sobre ela.

— Nick...

— Quando vamos saber o sexo?

— Fica difícil falar com... você sabe o que me cutucando.

— É que nosso amigo aqui está com sede de você e eu também!

Ela gemeu, recebendo um beijo molhado, calmo, as mãos masculinas agarrando seus cabelos com desejo. Com Nick até um simples beijo era diferente.

— E então... — E foi deixando beijos por seu queixo e pescoço. — Quando saberemos o sexo?

— Hum... quando fizer três meses, mas estava pensando em esperar mais um pouco. Não quero correr o risco de... Hum — gemeu quando a mão dele alcançou o meio de suas pernas e sua boca abocanhou seu seio por cima do vestido de tecido leve. — Estarem pequenos demais. Talvez quando tiver quase com quatro... meses.

— Ouviram, bebês? Logo, logo decoraremos o quarto das mocinhas, ou dos rapazinhos!

Antonella riu para ele, que tinha abandonado as carícias lascivas e alisava sua barriga e conversava com ela, os olhos brilhando, parecendo feliz e, por um minuto, teve vontade de que aquela fosse sua realidade.



CAPÍTULO 25

ROSA OU AZUL? TALVEZ O ARCO-ÍRIS

O final de semana foi o que Antonella chamaria de perfeito. Realmente descansou, tomou banho de mar, até pegou um bronze, mas tinha chegado a hora de partir e encarar a realidade, deixar de lado a bolha rosa que criaram desde a noite do casamento.

Chegaram à cidade e entraram no apartamento, ela estava calada assim como Nick, o que era algo incomum tratando-se dele. Tinham feito um lanche no caminho e, cansados como estavam, iriam direto para o quarto. Antonella só queria desarrumar sua mala e descansar. Suas costas estavam matando-a.

Nick subiu as escadas logo atrás dela e, quando a viu passar por seu quarto indo para o dela no fim do corredor, segurou seu braço, parando-a.

— Aonde vai?

— Para o meu quarto descansar — disse e ele se aproximou, segurando sua cintura com a mão livre e aproximando seus lábios dos dela.

— Não, durma comigo essa noite. Tome um banho de banheira comigo e vamos descansar juntos... Preciso do seu cheiro essa noite — disse e a viu sorrir.

— Sei que não é bem descansar o que quer, Nick.

— Eu estou viciado em você, no seu corpo quente, mas sei que está cansada da viagem, portanto vou lhe dar banho, te fazer um carinho gostoso e te aquecer enquanto dorme, precisa mesmo descansar, amanhã voltaremos à rotina. Ande, fique aqui e me deixe cuidar de você, Antonella.

— Está dificultando as coisas, assim não posso recusar!

— Perfeito, pois tenho ótimos planos para você essa noite.

— Deixe-me só levar isso para o meu quarto e já volto.

— Tudo bem, te espero...

Antonella foi ao quarto e deixou a bolsa sobre a cama, sentando-se aos pés dela. Não podia deixar que seu coração bobo se apaixonasse, ele mesmo dissera que era apenas desejo, assim como ela sentia por ele também. Mas, no seu caso, ia além e tinha medo, pois sentia que não podia controlar. Colocou a mão sobre o ventre, sentindo um frio tomar seu estômago.

— Oi, bebês... é difícil ficar longe do papai de vocês quando ele é... ele — disse, rindo e levantando-se.

Sem bater, entrou no quarto de Nick, não o encontrou à vista e, ao ouvir o barulho de água corrente vindo do banheiro, foi até lá. Encontrou-o sentado na borda da banheira, olhando a água transparente enchê-la e perdeu alguns segundos admirando-o sem que ele percebesse sua presença até que os olhos de um azul-celeste caíram sobre ela. Um pequeno sorriso se abriu e ele estendeu a mão, que Antonella não demorou a segurar.

Nicolas puxou a mulher para próximo dele, entre suas pernas, e abraçou sua cintura, colando a cabeça em seu ventre, ficando assim, calado, enquanto as mãos dela iam para os seus cabelos em um carinho gostoso

— Oi. — Ela o ouviu dizer e o olhou, vendo que falava com os bebês, estava se tornando um hábito. — Sou eu, o papai. Estou com medo de não ser suficiente para vocês e para sua mãe, mas... eu os amo.

Amor... sabia que naquela equação ela não estava, mas queria estar terminantemente. Tinha entrado em um redemoinho de emoções e, se fosse sincera, diria que se a aquela equação fosse sua, ele estaria nela.

Nicolas se levantou, beijou seus lábios e ali, olhando-a, levou as mãos à barra do vestido jeans, tirando a peça. Em seguida ajoelhou-se à sua frente e levou ambas as mãos às laterais da calcinha rosa de renda, tirando-a. Depositou um beijo em sua intimidade, fazendo-a gemer, olhando para ele e mordendo os lábios.

Com um sorriso safado no rosto, segurou sua bunda e mergulhou a língua na intimidade molhada, chupando o clitóris enquanto ela permanecia ali, de pé, apoiando-se em seus ombros.

Nick não parou quando ela o segurou firme, foi apenas um estímulo para sugá-la, simulando como se estivesse mamando em seu seio e não demorou a fazê-la gozar, sentindo-a tremer, tendo espasmos de prazer enquanto encarava seu rosto.

Só parou quando ela já não aguentava mais sustentar-se sobre suas pernas e se levantou, abraçando-a e beijando-a, compartilhando seu sabor. Ele amava seu gosto, seus beijos, seu corpo. Estava mesmo ficando viciado. Parou e a olhou, encarando os olhos entreabertos de um verde límpido.

— Está me deixando viciado... Posso não querer parar.

— Não quero que pare, não quero...

— Ah, Ella, não sabe o quanto mexe comigo!

Ele a beijou novamente, afastando-se, deixando pequenos beijos em seu rosto e segurando sua mão enquanto a ajudava entrar na banheira. Quando já estava sentada, Nicolas se despiu, ficando nu, vendo um riso torto nos lábios de Antonella quando seu membro saltou rígido da cueca.

Entrou na banheira e sentou-se atrás dela, puxando-a ao encontro do seu peito, deixando a água morna acalmá-los, depositando pequenos beijos em seu ombro e pescoço, pegando a esponja ao lado.

— Quero que durma aqui todas as noites comigo...

— Eu não acho...

— Quero estar perto, cuidar de você e dos nossos bebês. Não me afaste, vamos dar vasão a isso aqui e deixar o tempo dizer...

— Não é simples.

— Mas pode ser. Sei que sim...

Antonella fechou os olhos, tombando a cabeça em seu ombro e deixando que a lavasse a com esponja macia, tendo seus braços como o melhor lugar. Ele não estava lhe dando garantia nenhuma, apenas deixando o tempo dizer, deixando o desejo sair. E depois? Quando se cansasse, o que ela faria?

Poderia apenas aproveitar o que ele estava oferecendo, era verdade. Mas iria bastar?

Que bobagem, não tinha muita escolha. Poderia dizer não e passar as noites sozinha logo ali do lado ou onde quer que fosse e aquela ideia apertava seu coração. Então iria aproveitar o que ele estava lhe dando, depois... bem, o *não* ela já tinha, iria agora em busca do seu talvez!



— Nicolas, pare de bater o pé, está me deixando agoniada também — disse, rindo de seu nervosismo aparente.

— Estou ansioso para saber o sexo, só isso. Você não?

O grande dia tinha chegado, ambos estavam na recepção do hospital à espera de serem chamados para a ultrassom e ele estava curioso, ansioso para saber se teriam meninos ou meninas, até mais que Antonella.

— Vá, assuma que quer meninas.

— Quero que venham saudáveis e com seu sorriso, não importa o sexo.

Antonella sorriu, ele estava se superando.

— Poderíamos fazer um daqueles chás de revelação... — ela o testou e sorriu da carranca que o acompanhou ao olhá-la.

— *Tá* de sacanagem? Quer me matar de ansiedade? Eu estou suando agora mesmo, imagine esperar uma festa — disse, afrouxando a gravata.

— Um chá não é propriamente uma festa — disse e o viu revirar os olhos.

— Antonella Dangelo?

Ouviram chamá-la e se levantaram de pronto, ele primeiro que ela até, segurando sua mão e ajudando-a, seu ventre já apontando uma gravidez de

quase quatro meses de gêmeos.

— Sim, sou eu.

— Me sigam por favor, a doutora já está esperando.

Seguiram juntos logo atrás da recepcionista, entrando na sala vazia anexa ao consultório, contendo uma maca e alguns aparelhos, entre eles o de ultrassom, e algo ali a lembrou a outra situação, uma bem diferente da euforia que tinha no peito agora.

— Ei, o que foi?

— Nada, sempre que venho aqui lembro de quando... você sabe.

Nicolas se pôs na sua frente, segurando seu rosto entre as mãos e encostando sua testa na dela.

— Ei, está tudo bem, aquele foi outro momento, um que devemos esquecer.

— Eu sei... está tudo bem.

— Verdade?

— Sim, claro, obrigada, Nick.

Ele não teve tempo de responder.

— Pode entrar aqui, senhora. Terá uma camisola à sua espera sobre o pequeno suporte, tire toda a roupa por gentileza, a doutora logo virá atendê-los.

— Okay.

A mulher jovem indicou a salinha ao lado, saindo em seguida. Minutos depois, antes que Antonella voltasse, a médica adentrou a sala de exames. Uma mulher de quase 40 anos, de feições gentis e sorriso doce. Ela já havia atendido Antonella outras duas vezes e naquelas ocasiões ele não pôde estar presente.

— Ora, boa tarde. Creio que seja o pai dos bebês!

— Sim, eu sou. Nicolas, muito prazer.

— O prazer é todo meu e sente-se, fique à vontade. Se os bebês não estiverem em sono profundo e de perninhas fechadas poderemos ver o sexo em alguns instante. Ansioso, papai?

— Muito. Mas então tem a possibilidade de não vermos hoje?

— Sim, mas é algo remoto, não se preocupe.

Naquele instante, Antonella deixou o pequeno vestiário, tentando juntar os lados camisola para não deixar partes do corpo à mostra.

— Como está minha grávida favorita e como tem passado nesses últimos dias?

— Muito bem. Senti uma tontura ontem, mas creio que o motivo foi não ter tido tempo de almoçar e esquecido o lanche.

— Não me disse isso, Ella — Nick disse, olhando com repreensão.

— Mas não demorou a passar, quer dizer, assim que comi... passou! — Não quis dar importância ao fato, menos ainda à expressão zangada de Nick.

— Espero que isso seja uma exceção, Antonella, pode prejudicar você e os bebês, caso não se alimente direitinho. Agora venha, vamos aferir sua pressão e em seguida faremos o ultrassom. Vou pedir um exame de sangue também para saber como estão as plaquetas e sua anemia.

Ela nada disse e não demorou a estar deitada na maca tendo um gel transparente e gelado em seu baixo ventre enquanto a médica levava o aparelho de ultrassom à sua barriga. Tanto ela quanto Nick tinham os olhos fixos na tela preta.

— Não estou vendo nada, é assim mesmo? — Nicolas estava mesmo nervoso, tentando detectar qualquer traço dos filhos na tela.

A médica sorriu, mudando o aparelho de lugar.

— Calma, papai, é apenas a placenta. Logo... ah, olhe aqui. Está vendo aqui, são eles. Do lado direito o bebê número um, que se mostrou mais ativo nas últimas ultrassons, achamos que será mais sapeca — disse e viu o sorriso

largo tomar conta do homem. — Os pezinhos, perninhas, a lombar, os bracinhos e aqui está a cabecinha... como pode ver, está todo formadinho. E desse outro lado, temos o bebê número dois. Mais dorminhoco...

— Eu estou vendo, Ella, são eles. Tão pequeninos.

— É, são sim — disse e sentiu-o segurar sua mão, deixando um beijo carinhoso em sua testa.

— O bebê um hoje parece estar dormindo, de perninhas bem fechadas e olhe! O bebê dois está se mexendo e posso dizer que... — fez um suspense, quase matando-o de ansiedade — é uma menina, temos uma menininha aqui. Parabéns!

— Eu sabia, eu sabia, Ella. Isso quer dizer que...

— As duas são meninas.

— Isso! — comemorou, declarando o que Antonella já desconfiava, ele queria meninas.

— Eu sabia que queria meninas! — Antonella exclamou, tendo a reação dele enchido seu coração. Recebendo um beijo amoroso, enquanto, emocionado, ele segurava seu rosto entre as mãos.

— Obrigado... você me faz muito feliz.

Antonella apenas o olhou, sentindo o coração se encher de amor, meninas, pequenas menininhas... se pareceriam com ela? Com ele? Não sabia, mas as amava tanto que achou que em seu peito não caberia tanto amor e agradeceu a Deus internamente por não as ter abortado naquele dia. Estava feliz, a mesma felicidade que transbordava nos olhos dele. Estava amando cada segundo!



CAPÍTULO 26

SENTIMENTOS

Os dias foram passando e com eles vieram também as incertezas de Antonella. Nicolas vinha sendo um homem maravilhoso, até mesmo na empresa, sempre dava um jeito de vê-la, cuidar dela, além de almoçarem juntos quase todos os dias. À noite, ele voltava sozinho para o apartamento após deixá-la na faculdade e, ao voltar da aula, lá estava ele, todos os dias, esperando-a com a mesa posta para dois.

Estava sendo perfeito e ela tinha medo de que, após os quase cinco meses que faltavam, tudo se dissipasse. Não tinha para onde correr, estava apaixonada. A quem queria enganar? Estava era amando. De forma profunda e eloquente e os bebês... faziam parte dela. Não se imaginava sem eles, não se imaginava mais sem Nick.

Estava naquele instante olhando sua mão, girando a aliança em seu dedo, que parecia mais gordinho, enquanto subia no elevador.

Chegou a suspirar com o pensamento e deixou a máquina de ferro quadrada, entrando no andar da presidência e parando em frente à secretária de Nick, uma mulher jovem, talvez com 25 anos, de cabelos negros e pele clara.

— Oi, Edith. Tudo bem?

— Antonella, como vai? Que barriga linda, só cresce a cada dia.

— Obrigada. Estamos bem, sim, e você?

— Muito bem. O senhor Dangelo está em reunião com a senhorita Dangelo, mas não deve demorar a sair. Pode esperar na sala dele, caso queira.

— Seria ótimo. Obrigada, Edith.

— Disponha, mãezinha.

Antonella riu e entrou na sala dele, sentindo o cheiro masculino entrar

em suas narinas. O lugar se parecia com ele, era diferente de algumas salas da empresa, aquela era clara, branco gelo com móveis escuros elegantemente bem dispostos na sala bem arejada. Tinha certeza de que tinha sido ele quem exigira algo mais claro, dizia que lhe dava a sensação de ter mais espaço.

Sentou-se no sofá de couro preto e voltou a levantar-se, indo para o banheiro ao lado. Havia pouco tempo que tinha começado a ir ao banheiro com muito mais frequência que antes. Fez xixi e, quando estava lavando as mãos, ouviu a porta da sala bater e chegou a sorrir ao pensar que o veria, mas algo a parou ainda com a mão na maçaneta, era a voz de Anita.

— Você só pode estar de brincadeira.

— Não, eu não estou.

— Nicolas, está brincando com ela e isso não é justo.

— Não seja idiota, Anne.

O coração de Antonella palpitou no peito, estavam falando dela? Sentiu o coração afundar um pouco em seu peito.

— Eu vejo como a olha, eu vi o carinho, o brilho bonito em seu rosto e sabe por que sei que é amor? Porque é como Dean olha para Livia e, se o que aquele homem sente não é amor, não sei o que é! — ela quase esbravejou.

— Está exagerando. Antonella não me ama, sentimos desejo um pelo outro, vontade de estar perto, além, claro, de querer cuidar dela, tenho medo de que algo aconteça. É isso. Satisfeita?

— Desejo? Nicolas, uma mulher grávida fica carente, os hormônios à flor da pele, acha mesmo que o que ela sente é só desejo? Antonella era apaixonada por você desde criança!

— Por favor, Anita, não viaje. Seguiremos como estamos. Vamos ter os bebês e então veremos o que fazer.

Aquilo com certeza foi como uma agulha em seu coração. Todo o cuidado que deu a ela, não podia ser só tesão, não podia ser só desejo... tinha que ser amor, ela sentia que era... sentia que não estava sozinha nessa, como ele podia dizer aquilo?

— Me poupe...

— Talvez isso até passe. Depois que os bebês nascerem tudo isso passará e cada um seguirá o seu caminho, cumprimos o acordo, quero tê-la por perto nesse momento. Não quero que se distancie.

— Não é justo com ela, está jogando sujo.

— Eu nunca fiz promessas além do que acordamos, Anne. Ela concordou, concordou em estarmos juntos, termos prazer mútuo e cultivarmos uma boa relação.

— Pare, Nick. Me poupe... Vamos à reunião, cansei de te escutar, seu cabeça-dura.

A mulher estava trêmula e sentou-se no vaso, passando a escutar apenas sussurros enquanto eles se distanciavam para fora da sala. Tentou se levantar, mas algo lhe faltava, suando frio, esticou a mão, molhou-a na água da pia e passou no rosto, tentando se acalmar.

Estava prestes a se declarar para ele, na verdade, estava ali, esperando-o para chamá-lo para ir jantar fora, queria dizer a ele que o amava e agora...

Nos últimos meses, apesar de reticente, Antonella foi se entregando, e acreditou que Nick estava na mesma sintonia que ela, mas aquela conversa mudou tudo. Era só desejo, um caso qualquer que poderia ser deixado de lado quando aquilo passasse. Era apenas para estar perto, caso precisasse. Sentiu seu coração afundar dentro do peito, a boca ficar seca, uma fisgada em seu baixo ventre que a fez levar a mão até lá.

— Calma, bebês... eu estou aqui.

Antonella se levantou com algum esforço, pegou sua dignidade e saiu da sala, de cabeça baixa. Quando passou pela secretária, ela tentou dizer algo que ela sequer ouviu. Queria só sair dali, sair da empresa, se fosse possível.

Sabia que provavelmente a reunião em que ele estava entrando iria demorar e provavelmente teria que usar Sebastian, o motorista da empresa, para ir à faculdade e, naquele dia, ela não queria voltar para casa, não, naquela noite, queria distância.



Horas mais tarde Nicolas terminava mais uma reunião com alguns investidores, apesar de sua cabeça não estar realmente no trabalho, mas sim nas coisas que Anita lhe dissera. Olhou o relógio em seu pulso, provavelmente Antonella já fora embora com Sebastian. Sentiu certa decepção por não a levar naquela noite.

Naquele dia, a irmã o colocara contra a parede, dizendo que sabia de tudo, sabia por que tinha se casado, mas que estava feliz em saber que ele estava amando Antonella, que tinha transformado aquela farsa em um relacionamento de verdade.

E aquilo o fez pensar, após deixá-lo em choque. Ainda não havia parado para tomar posse de seus sentimentos, ou melhor, não quis pensar, mas, após o que Anita disse, era impossível.

Mas mentiu, mentiu vilmente, pois, se tivesse sido sincero, teria dito a ela que estava certa.

A verdade era que o que dissera a ela o tinha deixado mal, pois, quanto mais tinha de Antonella, mais e mais queria ter e sabia que não era só desejo. Deixá-la ir não era uma opção, a queria, estava apaixonado por ela. Por seu jeito doce e carinhoso, por seu olhar meigo, pela forma que procurava seu corpo à noite.

Não se tratava de querê-la perto por conta da gravidez, não mais, achava que nunca fora. Queria ir além com ela. Tudo o que falou para Anita era uma mentira óbvia, que o fez temer que Antonella pudesse pensar do mesmo jeito, e aquilo mexeu com ele. E agora, a sós com a irmã, a olhou, enquanto a via organizar algumas pastas que tinha trazido.

— Eu gosto dela, Anne. É isso. Confesso que começou com desejo, sem rótulos, nada... mas não é mais. Não sei nem se consigo mais dormir sem ela ao meu lado, sem seu cheiro. É isso, satisfeita? Eu amo aquela mulher, aprendi a amá-la.

Anita parou, o olhou, perplexa, e depois sorriu.

— Ora, até que enfim assumiu. Podia negar o quanto quisesse, Nick, mas estava na sua cara que algo o estava deixando mais feliz, ou melhor, alguém. Eu só queria ter certeza de que a mesma coisa que vi nela estava também em seu coração. Que não iria quebrá-la.

— Estou feliz, Anita. É isso e farei de tudo para dar o meu melhor para Antonella. Estou feliz com minha mulher e farei com que se sinta feliz dia após dia, para que esse acordo seja esquecido — disse, sentindo-se aliviado por expressar aquele sentimento, sabendo que tinha que dizer exatamente aquilo à mulher que fora capaz de mudar o seu mundo. — Apesar de temer que ela não me ame!

— Ora, Nicolas! Não seja um paspalho, caramba. Está lá, escrito na testa dela e eu também estou feliz por vocês, terão lindos bebês.

— Meninas, serão meninas — disse, satisfeito, e viu a surpresa nos olhos da irmã.

— Não acredito, que delícia! Sobrinhas, mais duas sobrinhas! — comemorou, levantando-se e indo ao seu encontro.

— Isso, ainda daremos os nomes, mas eu estou ansioso para tê-las comigo e quero curtir ao máximo a gravidez, o momento que estamos tendo.

Anita estava com um sorriso orgulhoso no rosto e o abraçou.

— Confesso que nunca imaginei te ver assim. Não achei que alguém o fisgaria, sempre foi arredio com relação a mulheres e relacionamentos. Acho que foi o único que em 29 anos nunca trouxe nenhuma namorada à nossa casa — disse e se distanciou dele.

— Eu e você, você quer dizer — falou e notou a mudança na postura da irmã.

— Bem, saiba que fico feliz. Vamos organizar um chá de bebê ou algo do tipo, uma comemoração para os papais.

A irmã tentava, mas não conseguia não demonstrar emoção.

— Antonella irá gostar, bom, agora vou para casa esperar minha mulher, tenho algo para dizer a ela hoje! Você também já vai?

— Não, ainda não, vou organizar alguns relatórios antes de ir.

— Sabe que tem vida além disso aqui, não é?

— Minha vida é isso aqui, Nick. Boa noite e mande um beijo para Antonella e para minhas sobrinhas.

— Pode deixar. Boa noite, Anne.

A vida da irmã era triste, pensou ele. Já se perguntara algumas vezes se Anita tinha chegado a gostar de alguém, se ela não seria lésbica e tinha receio de falar aquilo para a família, já fizera muitas conjecturas e estava perto de se convencer de que os boatos na empresa eram verdadeiros. Talvez, no lugar do coração, a irmã tivesse uma pedra de gelo, sendo incapaz de amar alguém que não fosse da sua família.

Fechou o *notebook* e se levantou, iria para casa e prepararia um belo jantar romântico, com direito a velas e meia-luz. Estava decidido, seria uma noite perfeita e pedia internamente que o sentimento dela fosse recíproco.

Chegou em casa minutos depois e foi direto para o quarto, tomar um banho e trocar de roupa. A memória afetiva estava ali quando entrou, o cheiro dela trazendo cada momento que passaram juntos ali, se amando.

Após o banho, ainda era cedo para pedir o jantar então foi ao escritório resolver algumas poucas pendências. Perto da hora em que ela chegaria, ele fez o pedido no restaurante preferido dela, escolhendo uma música e montando a mesa.

Estava nervoso, receoso que ela dissesse que não o amava, não o queria como marido. A refeição chegou, tirando-o daqueles pensamentos, e ele olhou o relógio, ela estava atrasada. Esperou, esperou e decidiu ligar para ela após alguns minutos de atraso, mas ela não atendeu. Onde estaria àquela altura? Porque, caso tivesse acontecido algum imprevisto, Antonella já teria avisado. Decidiu ligar novamente e começou a se preocupar quando ela não atendeu.

Sentou e levantou no mínimo umas quatro vezes e ligou sem parar, mas ia direto para caixa postal. Levantou-se e subiu as escadas de dois em dois degraus, com o celular ligando para ela, indo trocar a camisa para sair.

Parou com a mão na maçaneta do seu quarto ao ouvir o som de um celular tocando. O celular dela. Nicolas foi a passos largos até o quarto dela, abrindo a porta de supetão e encontrando o aparelho tocando sobre a cama, incessantemente.

— Antonella? — chamou, procurando-a no quarto, até mesmo no banheiro, e algo chamou sua atenção.

Um bilhete deixado sobre a cama, embaixo do celular que tinha dado a ela havia pouco tempo. Seu coração palpitou, algo estava errado.

Pegou o pedaço de papel e sentiu seu coração se afogar em seu peito ao lê-lo:

Obrigada por sua atenção e cuidado, mas já é hora de parar de fingir.

Preciso de tempo.

Antonella.



CAPÍTULO 27

DECEPÇÃO

Nicolas sentiu uma faca entrar em seu peito, algo como medo, desespero, frio. Ela tinha ido embora? Por quê? O que tinha acontecido?

Correu até o armário dela, encontrando algumas de suas roupas ainda ali e, por segundos, voltou a respirar. Então o que ela quis dizer com tempo? Estava tudo bem, ainda pela manhã fizeram amor de forma apaixonada, então por que aquilo estava acontecendo?

Recriminou-se, pois, se tinha acontecido algo, era culpa dele, senão Antonella não teria saído daquela forma. Mas estava tudo perfeito... Sentou-se na cama, apoiando os cotovelos em suas pernas e segurando a cabeça. Aonde ela poderia ter ido?

Nada lhe vinha à mente e seu coração começava a bater forte, sem saber o que fazer, perdido. Ela simplesmente resolveu dar um tempo? Parar de brincar? Então era uma brincadeira para ela?

— Inferno!

Ligou para Sebastian, talvez ele a tivesse levado para algum lugar, mas a única coisa que ouviu foi ele dizer que a deixou em casa, ao invés da faculdade, e que depois ela o dispensou. Onde ela teria se enfiado?

Foi quando uma luz piscou em sua mente e ele saiu como um louco do apartamento ao se lembrar da amiga com quem um dia Antonella dissera que iria morar, o mesmo lugar em que a encontrou quando fugiu dele.

Pegou o carro, indo para o apartamento de Natália, foi para lá que ela foi quando quis se esconder dele e era provável que estivesse lá novamente, ao menos era o único lugar em que conseguia pensar, já que achava que a casa da mãe era inviável, devido ao comportamento dela quando descobriu que Antonella estava grávida.

Sua família tinha ficado radiante, já Maria... bom, foi fácil deduzir que

a filha já tinha se casado grávida e fazia cerca de um mês que ela não falava com a filha, apesar de Antonella tê-la procurado. E achava impressionante a força que sua mulher tinha, de não se abater, sempre dizendo que logo aquilo passaria e que a mãe se alegraria com sua gravidez. Para Maria, Antonella tinha jogado a vida fora e Nicolas só queria provar a ela que estava errada.

Mas agora estava começando a duvidar se seria capaz daquilo.

Chegou ao prédio já conhecido por ele e sentiu certo receio ao se apresentar na portaria e espanto quando liberaram sua entrada. Parou em frente à porta do 115 e bateu incessantemente até que uma loira, que ele achou conhecer de algum lugar, abriu a porta.

— Onde ela está? — perguntou, sem se dar ao trabalho de cumprimentá-la.

— Boa noite e ela quem? Mas acho que deve ser Antonella, é a única pessoa que temos em comum.

— É Antonella e não venha com esse papo, sei que ela está aqui...

A mulher ficou parada, confusa, olhando seu rosto, e depois sorriu.

— Olha... durou mais do que eu esperava, confesso. Achei que terminariam bem antes com isso de casamento. E sinto muito te informar, mas Antonella não está aqui. Tampouco foi a aula hoje. Mas me diga, o que fez a ela, Dangelo?

A garota era sarcástica, ele percebeu e se desesperou.

— Nada, eu não fiz nada e não minta para mim, sei que ela está aqui. Antonella, eu não vou sair daqui até que fale comigo e me explique aquele maldito bilhete! — exasperou-se, gritando no corredor.

— Pare de gritar na minha porta, o síndico mora no fim do corredor e já não vai muito com a minha cara — Natália pediu, perdendo o tom de sarcasmo. — Olhe, se quiser revistar o apartamento, fique à vontade, mas eu já disse, ela não está aqui.

— Não é possível... Para onde mais ela iria?

— Eu sempre soube que você estragaria as coisas mais cedo ou mais tarde, ela é mesmo muito boa para você. Homens mimados não conseguem segurar uma mulher de verdade, não uma como Antonella.

— Do que está falando?

— Do fato de ela estar te amando como uma idiota. Eu avisei para ela manter distância de você, não nutrir sentimentos. Eu disse a ela para resguardar o coração, mas, como vê... ela não me ouviu.

— Ela me ama?

— Você é cego ou só é muito paspalho?

Nicolas ficou inerte, olhos parados nela, sem saber o que dizer ao certo, os dias junto de Antonella passando por sua cabeça.

— Eu, eu...

— Eu sinto muito, Nick, mas não posso te ajudar. — Natália tentou fechar a porta, mas ele a impediu.

— Se ela te ligar, por favor me avise. Aqui está o meu número, caso ela te ligue... não deixe de me contar. — Estava mesmo desesperado e a mulher percebeu.

— Por que eu faria isso?

— Porque eu a amo e preciso dizer isso a ela. Não sei o que aconteceu, mas, se eu puder consertar, eu o farei, direi ao menos que a amo com tudo o que tenho.

Estava começando a perder qualquer direção, sentindo um aperto incomum, inconsolável no peito.

— Não prometo nada. Boa noite. — Natália não deu tempo para que ele respondesse, fechando a porta em seguida, e Nicolas sentia-se aéreo, levando as mãos à cabeça e tentando saber o que fazer a seguir.

Para onde ela iria e por quê? Desceu as escadas e entrou no carro, ficando ali por algum tempo, na inútil esperança de vê-la como da outra vez. E se ela estivesse lá em cima? Droga. De qualquer forma, uma coisa era

certa, amanhã a veria logo cedo na empresa e lá ela não poderia fugir dele,

Mas e se ela não fosse para a empresa amanhã? Não, ela não faria aquilo.

Pensou em ligar para a mãe dela, mas poderia ser pior, ela nem ao menos queria falar com a filha, Antonella definitivamente não iria para lá.

Mesmo tendo a certeza de que a veria no dia seguinte, não conseguiu ir para casa. Passou a noite em frente ao prédio, mas não teve a mesma sorte que da outra vez. Antonella não entrou ou saiu do prédio, nem mesmo pela manhã. Passou e repassou cada minuto do último dia em que ficaram juntos e nada. Nenhum desentendimento, nenhuma briga, nada.

Então sentiu raiva, sim, raiva dela. Como sair assim, sem nenhuma explicação? Não, aquilo era demais. E naquela manhã estava parecendo um tipo de zumbi quando entrou na empresa e nem se deu ao trabalho de ir para a sua sala, foi direto para o setor de engenharia, tinha um alvo em mente.

Sentiu certo alívio quando andou poucos passos fora do elevador e a viu, de costas para ele, conversando com o chefe do setor, o homem que ele viu elogiar o trabalho dela dois dias atrás. Ele levou a mão ao ombro dela e riu, afável, descendo a mão pelo braço delicado, segurando sua mão.

Que diabos era aquilo?

Algo inflamou o peito de Nick, que a passos largos se pôs no campo de visão dos dois, sendo levado por ciúmes ao passar o braço pela cintura fina. Quando o viram, Mateus deixou a mão dele cair, tentando um sorriso enquanto a atenção de Nicolas estava toda nela, que abaixou o olhar quando o viu, tentando dar um passo para trás.

— Bom dia, Dangelo. Como vai?

— Bem. Gostaria de falar com você, Antonella. — Foi direto, não dando a mínima para Mateus.

— Eu sinto muito, Nicolas, mas temos uma reunião agora.

Nicolas ia responder que queria que a reunião se danasse, mas Mateus interveio.

— Não se preocupe, Antonella. Pode ir, ainda temos tempo.

Antonella quis negar, mas Nick segurou sua mão e quase a arrastou para uma sala ali perto, sem dar chance a ela de negar.

— Que diabos pensa que está fazendo, Antonella? — esbravejou, soltando-a quando entraram na sala vazia.

— Não sei do que está falando, Nick. E seja rápido, tenho que voltar ao trabalho.

— Só pode estar brincando.

— Não, eu não estou e vá direto ao ponto.

E sua mulher foi firme ao falar com ele e Nick respirou fundo. Como as coisas tinham chegado àquele ponto sem que percebesse?

— *Tá legal...* só me responda por que saiu ontem daquela forma, deixando a droga de um bilhete. Um bilhete!

Ela não respondeu, já lhe custava muito não desabar em choro ali, na sua frente.

— Olhe para mim, Antonella.

Ela o fez e, quando focou seu rosto, Antonella não estava muito diferente dele. Os olhos vermelhos e inchados diziam o inferno que tinha sido sua noite, além do semblante triste. Nicolas tentou se aproximar, mas ela se afastou.

— Ella, o que aconteceu? Por que saiu daquela forma, por que sumiu?

— Não dá mais, Nicolas. Só isso, não insista. Não me machuque mais do que já fez.

— Eu, eu te machuquei? Ella...

— Aqui é o meu trabalho, Nicolas. Eu preciso dele e, por favor, não me prenda aqui nessa conversa. Me deixe voltar para o meu trabalho. — Antonella estava fugindo, só queria correr dali.

— Eu só quero entender, por favor. O que fiz para que fosse embora daquela forma? Por favor, Ella.

— Pare de fingir, Nick. Pare, droga! Era uma brincadeira para você, sempre foi, admita. Sem rótulos, lembra... Eu fui idiota em aceitar isso, porque eu sempre soube que, no fim, eu me apaixonaria, mas só agora a ficha realmente caiu. É melhor parar por aqui, já me machucou o suficiente. Seguiremos com o acordado e só quero distância de você, quero pensar, quero me curar de você!

— Antonella.

— Não insista, por favor. Me deixe ir.

— Só se prometer que iremos para casa quando terminar o expediente, que irá conversar comigo, que iremos esclarecer as coisas e que irá desistir disso... eu preciso.

— Eu pedi um tempo, só respeite isso, preciso de tempo, só isso.

Disse, desviando o olhar, e notou ter ficado sem saída.

— É Mateus? É ele? Eu vi como a olhou... Droga! São meus filhos aí!
— E lá estava ele, perdendo todo seu controle.

— Idiota, seu idiota! — esbravejou, quase se dobrando ao gritar. — Infelizmente eles são seus filhos e continuarão sendo. Esse será nosso único vínculo a partir de agora, Nicolas. Tenha um bom dia e me deixe em paz.

— Antonella não faça isso, não saia assim! — Tentou tocá-la quando passou ao seu lado, arrependendo-se imediatamente do que insinuou, mas ela negou, saindo a passos largos e deixando-o ali.

Viu-a saindo e sentiu-se pela primeira vez completamente perdido, tentando entender o que estava acontecendo. Ficou um tempo em pé no meio da sala, sentindo-se como um tipo de animal enjaulado. Perdeu o controle e foi até a parede, chutando-a sem parar, até sentir dor, sentir algo que não fosse seu coração se afogando no peito.

— Inferno de mulher! Inferno!

Sentia-se impotente com as negativas que escutou dela, pior, sentiu dor ao ver as lágrimas empoçadas em seus olhos, ver que estava sofrendo com algo que não sabia o que era. Não fazia sentindo algum. Tentou se recompor e saiu da sala em seguida, sob olhares curiosos, indo para o seu escritório.

Aquele seria um dos piores dias que ele aguentaria...



Nicolas estava certo, o dia que tivera foi infernal, mas nenhum dos problemas que apareceu se comparava ao tumulto em seu coração e mente. Antonella o tinha deixado desorientado, mas, ao contrário do que ela queria, a conversa não tinha acabado ali. Não, ele precisava entender, ele precisava lutar por ela, dizer que a amava.

E naquele final de tarde, Nicolas saiu mais cedo, pegou seu carro e ficou em frente ao prédio, parado, esperando que ela saísse. Seu coração acelerou quando a mulher apontou na porta e chamou um táxi, negando que Sebastian a levasse. Teimosa, mas esperta, sabia que perguntaria seu paradeiro ao motorista.

Ligou o carro e seguiu o táxi no qual ela acabara de entrar, devagar e tentando não ser tão óbvio. Viu quando estacionou em frente a um hotel pequeno de fachada organizada e então Antonella desceu, entrando no estabelecimento em seguida.

Nicolas esperou alguns minutos, o coração querendo sair pela boca e então entrou, parando no balcão da recepção.

— Olá, boa noite.

— Boa noite, em que posso ajudá-lo? — perguntou um rapaz aparentemente jovem demais, com óculos fundo de garrafa e postura séria.

— Minha mulher está hospedada aqui, Antonella Dangelo. Consegui chegar mais cedo e vim buscá-la para viajarmos.

— Ah, sim. Ela acabou de subir, senhor, deixe-me avisá-la que está aqui.

— Não, por favor — negou rápido, tentando disfarçar em seguida. — Quero fazer uma surpresa a ela, se puder me deixar subir, eu agradeço.

— Eu sinto muito, senhor Dangelo. Isso eu...

Nicolas o calou quando tirou do bolso uma nota de 50 dólares, colocando sobre o balcão. O rapaz jovem o olhou, um tanto em dúvida, pegando discretamente a nota que lhe foi dada.

— Quarto 31, senhor.

— Poderia me dar a chave? Por favor?

— Poder eu não posso, como pode imaginar. Mas aqui está, espero que não conte isso a ninguém e que faça uma boa surpresa para sua bela esposa.

— Pode deixar, será um segredo nosso, rapaz.

Mal acreditava que acabara de subornar o recepcionista de um hotel, mas que se danasse, faria o que fosse preciso.

Nicolas subiu as escadas até o segundo andar, parando em frente ao quarto em que Antonella estava hospedada. Respirou fundo ao enfiar a chave na fechadura e abrir a porta em seguida, devagar, entrando no cômodo simples, mas bem arrumado e limpo. Por que diabos ela viera para um hotel?

— O que faz aqui?

A voz dela o alarmou, parecia deveras desesperada, apenas usando a saia lápis com que fora trabalhar e um sutiã de renda branco, olhando-o com espanto, a barriga de quase cinco meses em evidência, a barriga que já tinha horas que ele não tocava. Precisava dela.

— Vim para conversarmos. Meias-palavras não me convenceram e nem irão. Ainda ontem fizemos amor pela manhã, Antonella, almoçamos juntos e estava tudo bem, mas à noite você me deixou como um idiota te esperando com um jantar romântico posto na mesa. Não me deu sequer uma justificativa, um término, nada. Apenas a droga de um bilhete!

— Término? Quer o término do quê? Do caso que tivemos por que você não queria que eu me afastasse com nossos filhos? Por que não queria ficar longe dos seus filhos? — Ela estava quase gritando, mas parou de falar e fez uma pequena careta.

— Do que está falando, Antonella?

— De você! Do fato de ter sido um brinquedo em suas mãos, da sua convicção de que, quando o desejo e a atração passarem, cada um irá seguir seu caminho. É disso que estou falando, desse maldito acordo, do que você deixou escapar gritando que não havia sentimentos, só desejo! — Uma lágrima escorreu e ela limpou com pressa, não daria a Nick o gosto de vê-la chorar, não por ele.

— Antonella. — Então ele se lembrou daquelas mesmas palavras ditas de outra forma, saindo da sua boca ao conversar com Anita, quis bater em si mesmo e chegou à conclusão óbvia: — Você ouviu...

— Sim, eu ouvi, estava lá como uma idiota te esperando por causa da súbita vontade que senti de te ver. Acabou Nicolas, a brincadeira acabou. Estava no banheiro quando sua irmã entrou, me senti... usada, pequena, humilhada.

— Ella... — Ele tentou se aproximar, sua expressão dizendo-lhe que sentia dor.

— O teatro acabou, Nick.

— Não foi só isso, não foi assim, faltou te dizer que...

— Não comece, não pense que sou... sou... idi... — Antonella parou de falar, juntando as sobrancelhas, tentando tomar fôlego, levando as mãos à barriga e olhando para baixo, para as próprias penas.

Nicolas seguiu seu olhar e viu com horror gotas de sangue escorrerem por elas e pingarem no chão, sujando o tapete de cor clara, causando um desespero sem igual dentro dele.

— Nick... os bebês — disse, sentindo-se tonta, dando um passo para trás, buscando algo para se agarrar e sendo amparada por ele, que a abraçou,

segurando seu rosto.

— Antonella, o que sente? O que está sentindo, meu amor?

— Eu, eu... dói, dói muito...

— Venha, vou te levar ao hospital.

— Meus bebês, estamos perdendo...

— Não, não vamos.

— Eu acho que vou... — Ela não completou a frase, desfalecendo em seus braços.

Nicolas sentiu seu peito apertar, pegando-a nos braços e saindo com Antonella dali a passos largos com um destino certo. Desceu as escadas quase de dois em dois, chegando a recepção e vendo o rapaz olhá-lo com espanto. Nada mais importava, apenas salvar a vida dela e a de seus filhos.

Antonella tinha que ficar bem, ela iria ficar bem.

Era o mantra que entoava em sua mente.



CAPÍTULO 28

A CERTEZA DO AMOR

— Ajuda, preciso de ajuda! — Nicola gritou ao adentrar o hospital com Antonella em seu colo, ensanguentada.

A comoção foi bem-vinda quando ouviu alguém pedir uma maca a plenos pulmões e correrem para arrancar Antonella de seus braços.

— O que aconteceu, senhor?

— Ela está grávida de quatro meses, de gêmeos. Estávamos em meio a uma discussão quando... ela começou a sangrar. A doutora Merci é a ginecologista dela, é ela.

— Acalme-se, vamos cuidar dela e do bebê.

— São bebês. São gêmeos, eu disse que são gêmeos...

— O senhor fica aqui, não poderá ir adiante. Assim que a estabilizarmos, falaremos com o senhor — pediu o homem que lhe parecia um enfermeiro, enquanto a maca com Antonella ia sumindo no corredor.

— Mas é a minha mulher...

— Sabemos senhor, mas não pode entrar. Eu sinto muito, vamos fazer o possível!

Nicolas levou as mãos aos cabelos, puxando-os, sentindo-se culpado por aquela situação. Imaginando como ela deveria ter se sentido quando ouviu tudo o que dissera a Anita, conseguia lembrar cada palavra infeliz que tinha saído da sua boca e se arrependeu amargamente, culpando-se por ela estar ali agora. Se não tivesse ouvido, se não tivesse se magoado tanto...

Sentou-se na cadeira de espera e deixou a cabeça pender sobre as mãos, sentindo-se preso naquela situação. O que fizera, o que fizera? A mulher que amava, sim, ele a amava, tinha certeza, estava lutando pela vida de seus filhos e quem sabe da dela também e fora o culpado.

Nicolas jamais se perdoaria caso acontecesse algo com ela ou com uma das suas menininhas e se viu chorar ali em meio ao corredor asséptico. Sentiu-se o pior dos homens, pôde enxergar a dor que causou nela, odiando-se por isso. Daria um braço para voltar no tempo e fazer diferente, começando por se declarar para ela, antes de ser teimoso o bastante para não admitir que a amava.

Fizera a maior burrice que poderia ter feito, fora longe demais e poderia perdê-la. Ela poderia acordar e nunca mais querer vê-lo e, com razão, tinha sido um idiota. Recostou-se na cadeira, lastimando-se.

E já havia passado quanto tempo? Estava inquieto, coração a mil e com um nó insuportável na garganta. Se pudesse, gritaria para ela agora o quanto a queria, o quanto a amava. A frase mais antiga do mundo era verdadeira... só se dava importância e descobria-se o que era realmente o amor quando se perdia alguém.

Fechou os olhos e, quando ouviu passos se aproximarem, os abriu, vendo a obstetra dela vir até ele, parando à sua frente.

— Boa noite, senhor Dangelo — disse, com uma cara não muito boa, e Nicolas sentiu seu coração parar.

— Oi, doutora. Como ela está? Como estão as gêmeas? — Levantou-se de pronto, esperando por notícias.

— Certo, Antonella teve um princípio de aborto e ...

— Deus! — falou e sentiu o desespero cair sobre seus ombros, voltando a se sentar e passando as mãos no rosto.

— Mas acalme-se, conseguimos reverter o quadro. Você a trouxe rápido para o hospital, o que nos ajudou muito a estabilizar o caso. O fato de ser anêmica foi o principal contribuinte para o deslocamento da placenta, além de se agravar por ela estar grávida de gêmeos. Aparentemente ela não vem cumprindo com a dieta que lhe indicamos.

— Então ela está bem?

— Ficará. Ela perdeu sangue, mas não líquido amniótico, isso nos

ajudou a controlar o quadro e manter os bebês a salvo.

Nick absorveu cada palavra e ambos ficaram calados enquanto ela esperava uma resposta dele.

— Doutora, nós estávamos brigando quando... isso aconteceu. Com isso posso ter...

— Não, não foi isso. O nervosismo dela pode ter apressado o incidente, mas creio que Antonella vinha tendo pequenos desconfortos durante o dia, ou talvez durante a semana. Mais cedo ou mais tarde, isso iria acontecer.

— Então...

— Não foi o culpado, se é o que quer saber. Agora mesmo estamos tomando todo cuidado para repor as vitaminas de que sua mulher precisa. A briga pode tê-la deixado nervosa, mas de qualquer forma ela teria a perda de sangue. Antonella tem que se alimentar por três e não está fazendo isso. Agora não é apenas ela, tem mais dois, e seu quadro de anemia já vem se arrastando há um tempo.

— E eu posso vê-la?

— Bem, desde que não a deixe nervosa. Não sei por que brigaram, isso não me interessa, mas se a deixar nervosa não poderei deixá-la com ela.

— Eu prometo que não, prometo tentar deixá-la bem.

— Sendo assim, venha comigo, mas ela não irá acordar por agora.

— Não tem problema, quero estar com ela, só isso.

— Tudo bem, sua mulher ficará em observação por três dias, ao ter alta, irei prescrever repouso total por um mês. Gêmeos não é como uma gravidez de apenas um bebê e, devido ao seu estado, o repouso será a melhor medida a se tomar.

— Sim, claro, ela ficará em total repouso.

— Ótimo, fico feliz em saber.

Nicolas apenas a seguiu em silêncio e por mais que tivesse ouvido dela

que o que aconteceu não tinha sido causado pela discussão, Nick não conseguia se perdoar. Entrou no quarto e lá estava ela, deitada em uma maca, com um acesso em seu braço. Sentiu o peito apertar por vê-la assim, tão desprotegida, com um semblante tranquilo em seu rosto, e teve medo, medo de perdê-la quando acordasse.

— Vou deixá-lo com ela. Qualquer coisa me chame imediatamente.

— Claro, claro...

Primeiro ficou observando-a de longe, cada traço delicado, lembrando-se de cada momento que passaram juntos nos últimos meses, de como ela o deixava feliz. Aproximou-se e puxou a poltrona para perto do leito, sentando-se, segurando sua mão, levando a outra ao seu ventre e fazendo-lhe um carinho.

— Me desculpe, Ella. Por favor, só me desculpe. — E ele deixou as lágrimas caírem, toda a apreensão sair, deitando a cabeça sobre sua mão, que descansava na dela, ficando ali, pedindo que o perdoasse.

Deixou-se cochilar e acordou quando um movimento o assustou. Abriu os olhos e a viu se mexer na maca, abrindo os olhos em seguida. Assustou-se e se pôs de pé, olhando-a com ternura.

— Fique calma, meu amor.

— Hum... o que aconteceu, Nick? Os bebês estão bem? — perguntou, os olhos verdes cheios de lágrimas não derramadas, as mãos buscando a barriga.

— Elas estão bem, as duas. Houve um início de um aborto, mas chegamos a tempo. Vocês três estão bem, não se preocupe, não fique nervosa.

Viu uma lágrima correr pela face dela, uma respiração de puro alívio sair de sua boca e levou a mão ao seu rosto, limpando-o.

— A doutora Merci virá pela manhã falar conosco. — Antonella nada respondeu. — Me desculpe, Ella. Por favor, sei o que eu disse, mas...

— Não, Nick, agora não.

Ele parou e buscou sua mão, beijando sua testa. Acataria qualquer seu pedido seu, tudo que ela quisesse.

— Tudo bem, conversaremos amanhã. Descanse, só durma.

Nicolas voltou a se sentar ao seu lado e o medo de que Antonella não viesse a acreditar em seu amor por ela o tomou, vendo-a ser levada para um sono profundo e tranquilo.



No dia seguinte, Antonella acordou sentindo o corpo mole, levemente dolorida e mais desperta que da vez anterior, lembrava apenas de Nicolas explicando-lhe o que acontecera e o procurou no quarto, mas não o encontrou, apenas uma enfermeira, que tinha acabado de entrar em seu quarto, com uma bandeja de café da manhã.

— Bom dia, senhora Dangelo. Como se sente?

— Grogue — disse, sentindo a garganta seca e a enfermeira sorriu, com uma expressão reconfortante.

— Isso é completamente normal, não se preocupe. Seu marido saiu logo cedo, disse que não irá demorar, enquanto isso, vamos nos sentar para tomar seu café reforçado.

Para ela, o que fez sentindo naquela frase foi que Nick não estava ali, não queria, mas sentiu falta dele e amargou uma pequena decepção.

— É melhor assim — disse, vendo a enfermeira olhá-la de esguelha.

— Me desculpe. Venha, deixe-me ajudá-la, vamos tomar um banho primeiro e vai se sentir bem melhor depois.

Ela apenas confirmou e se manteve calada enquanto, devagar, levantou-se e foi para o banho, sentindo um leve desconforto em seu ventre. A água foi mesmo um alívio, mas seu coração ainda doía ao pensar em Nick. Demorou

um pouco mais embaixo do chuveiro, só quando a enfermeira voltou a entrar, chamando-a, foi que deu fim ao banho.

— Quando terei alta?

— Eu não sei, mas logo a doutora lhe fará uma visita.

— Não gosto de hospitais....

— A maioria não gosta, mas não irá ficar muito tempo, não se preocupe — disse, ajudando-a a se vestir e a voltar para a cama.

— Obrigada, minhas bebês estão mesmo bem?

— Sim, estão sim, não se preocupe. Agora vamos comer, precisa se alimentar, a doutora pediu que fizessem uma sopa reforçada.

— Estou sem fome.

— Mas precisa comer, Antonella. Precisa manter minhas sobrinhas forte como tourinhos aí dentro. — A voz de Anita soou e Antonella a procurou, surpresa por ela estar ali.

— Anita... — Ficou muda olhando a cunhada parada na porta, perfeita como sempre, usando um terninho preto, com uma blusa de seda branca.

— Bom dia, cunhadinha, como se sente?

— O que faz aqui? — Não queria ser indelicada, mas já era tarde.

— Vim vê-la, ora, por que mais viria? Pode deixar que a ajudo a comer — disse ela, quando a enfermeira pegou a bandeja, olhando Antonella como se perguntasse se poderia sair.

— Pode ir, ela me ajuda — tranquilizou a enfermeira, que sorriu e saiu em seguida.

Anita se aproximou, deixando a bolsa *Prada* de cor preta em cima da poltrona, pegando o suporte com a bandeja, aproximando-se, sentando-se na maca ao lado de Antonella e colocando a badeja ao alcance dela. Tirou a colher da embalagem e mergulhou na sopa sob o olhar atento dela.

— Pode deixar que tomo sozinha.

Anita sorriu.

— Claro. Mas sopa logo pela manhã... — disse, fazendo cara feia e entregando a colher para ela.

— É uma dose extra de nutrientes ou algo do tipo, faz parte da dieta que eu não fiz direito. — Deu de ombros.

Ambas permaneceram caladas enquanto, como um cão de guarda, Anita observava Antonella comer toda a sopa.

— Estou esperando que diga por que veio, Anita. — Ela a fez sorrir.

— Liguei mais cedo para Nick quando fui à sala dele e ainda não havia chegado. E fiquei, digamos que sentida e preocupada, quando soube o que aconteceu, Antonella.

— Estou bem, não precisa se preocupar.

— Não, não está. Dá para ver e Nick também não.

— Não vou falar disso com você, Anita.

— É um direito seu, eu entendo.

— Você já sabia que não era um casamento de verdade, acho que soube desde o primeiro momento e é só — disse, pegando da mão de Anita a banana que ela lhe entregava.

— Não é só, você ouviu o que conversamos, mas deveria ter ouvido também quando ele me confessou que te amava, logo após uma reunião que tivemos, quando caiu em si.

Antonella a olhou, mas não se deixou convencer e ela continuou:

— Pode não acreditar, é um direito seu. Mas uma mulher sente quando um homem a quer verdadeiramente, não sente, Antonella? — disse e nada saiu dos lábios de Ella. — Eu sei disso e você também sabe. Eu o peguei de surpresa e talvez naquele primeiro momento nem mesmo ele soubesse o que

faria após o nascimento das bebês, fato é que disse o que disse, mas em seguida... ele se declarou, falou em amor. Nicolas te ama e não estou passando pano para ele, me conhece bem.

— Aquelas palavras me machucaram, Anita... estava disposta a dar meu coração a ele, minha alma, e seu irmão...

— Vacilou, foi um idiota e é claro que ficaria machucada, porque também o ama. Não ama?

— Mais do que gostaria. — E lhe custou um esforço enorme se render àquela pergunta. — Ficarmos juntos foi a primeira saída, mas me desnudei e me apaixonei... me deixei levar, mesmo sabendo que não deveria, que ele me machucaria.

Antonella sentiu o afago do aperto dela em sua mão, algo tão fraternal, carinhoso.

— Fiquei feliz quando Nicolas me contou que o aborto era uma opção, mas que não fizeram, que você desistiu.

— Eu não consegui.

Anita sorriu, mas aquele sorriso não alcançou seus olhos e apertou a mão de Antonella.

— Isso me deixa feliz de verdade. É uma culpa que não vai embora, sabia?

Antonella a olhou, espantada. O que Anita queria dizer com aquilo?

— Você acha que é uma solução, mas é um fardo que irá carregar pelo resto da vida e sempre, sempre, quando vir uma criança, irá se perguntar quantos anos seu filho teria se você o tivesse dado à luz. E depois não importa mais o motivo pelo qual fez o aborto, a culpa te consome.

— Anita...

— Está tudo bem. Aprendemos a conviver com a culpa, a levarei para ao túmulo. Estou lhe dizendo isso porque agora compartilhamos um segredo, é justo saber um meu — disse com tristeza e em seguida sorriu, mudando

com uma facilidade invejável seu semblante, voltando a vestir a máscara de mulher altiva novamente. — Bem, eu tenho que ir agora. Espero que fique bem, Antonella, e que possam se resolver. Fique bem, vou visitar vocês quando tiver alta e apenas o escute, ele tem muito a dizer.

— Obrigada, Anita e eu sinto muito por... — disse, sem saber bem o que falar após aquele relato.

— Não agradeça e não precisa me deixar melhor. Só cuide de si mesma e das minhas sobrinhas. Até mais.

Antonella ficou muda, vendo-a sair do quarto, e ficou parada, olhando para o nada. Quem imaginaria algo assim? A mulher parecia impenetrável e então descobria-se aquilo... estava espantada e agradecida por suas escolhas.

Foi interrompida de seus pensamentos quando sua médica adentrou o quarto, trazendo um prontuário nas mãos.

— Antonella, como se sente, minha querida?

— Me sinto aérea, acho, mas estou bem.

— Olhei seus últimos exames e é preocupante como sua anemia progrediu. Não tem se alimentado bem?

— A senhora sabe, trabalho... às vezes não consigo.

— Ora, não faça isso, você tem dois te sugando, duas crianças precisando de nutrientes e vitaminas que, no momento, você não tem. Se continuar assim, terei que deixá-la internada aqui, o que não seria nada bom.

E bastou aquilo para uma negativa e uma promessa dela.

— Não vai mais acontecer, prometo.

— Não, não vai, pois irei pedir que fique um mês em repouso em casa, repouso total.

— Mas...

— Sem mais, mocinha. Teve um início de aborto, Antonella, que poderia resultar na perda de uma das bebês, ou das duas. Irei lhe passar uma

dieta que está sendo feita pela nutricionista, além de algumas vitaminas, daqui um mês voltará para fazermos novos exames e ver qual é o seu quadro. Estamos entendidas?

— Sim, claro, prometo me cuidar e cuidar dos bebês.

— Ótimo, fico feliz. Bom, volto mais tarde, terá alta após 48 horas, quero deixá-la em observação para ter certeza de que está tudo bem.

— Certo, obrigada, doutora — disse, notando que tinha mais alguém ali, encostado na porta do quarto, assistindo a toda interação.

— Olhe, aí está o papai. Como vai?

— Bem, doutora. Está tudo bem com Antonella?

— Sim, está, sim, ajude-a a descansar, volto mais tarde — disse, dando tapinhas em seu ombro ao sair do quarto.

Ambos perderam alguns segundos encarando-se, Nicolas parecia de banho recém-tomado, apesar das roupas meio amassadas, tinha uma bolsa nas mãos e um semblante triste e envergonhado, já ela estava magoada, as palavras ainda estavam frescas em sua memória.

— Oi, trouxe roupas e algumas coisas que gosta de comer.

— Obrigada, mas acabei de tomar café.

— Bom, muito bom, fica aqui para quando sentir fome. Como se sente?

— Bem, só... fraca, ou algo parecido.

Ele anuiu e se aproximou, sentando-se na poltrona em que tinha passado à noite, ficando calado por alguns instantes, pensando no que dizer. Talvez o melhor fosse deixá-la ir, não a merecia, mas era egoísta o suficiente para querê-la só para ele, não abria mão.

— Ella, eu nunca senti tanto medo na vida como senti ontem. Uma incerteza angustiante e não era só por nossas filhas, era por você. Foi terrível ver aquele bilhete, uma incerteza descomunal, e tive medo de te perder de várias maneiras, estou com esse medo agora mesmo. É assustador imaginar que não irá me perdoar.

— Ah, Nick...

— Eu te amo, Antonella. Amo você por completo. Amo suas risadas, sua cara de brava, seus carinhos, sua atenção, sua pele, esse olhar. Amo tanto que meu coração parece que vai rasgar meu peito nesse minuto e o medo vai me consumir. Eu sei o que eu disse, foi a mesma coisa que disse a mim mesmo nos últimos meses em que estivemos juntos, quando tive medo de te amar tanto — derramou-se, sem se dar conta, com medo de que ela o interrompesse, sem deixar ao menos que falasse o que sentia. — Nunca tive um relacionamento, não sei se por medo ou simplesmente porque nunca cheguei perto de amar, exceto uma vez, quando ainda era um moleque e perdi a chance de amar minha melhor amiga. Um moleque apaixonado pela menina que morava nos fundos da mansão. Acho que por isso foram nos afastando aos poucos, sua mãe, principalmente, percebeu o que no fundo eu queria... Abandonei aquela paixão, me convenci que era coisa de criança, mas não era, era destino, Ella.

— Nicolas, as coisas...

— Me senti mal logo depois que deixei aquelas palavras escaparem para Anita porque não eram verdade, eram como trair a mim e a você e me retratei, expressei o que realmente sentia por você logo depois. É amor, Antonella. — Sua expressão era digna da confusão que estava em seu peito e se aproximou, tocando sua mão, precisava senti-la. — Eu a amo tanto, esses últimos dias foram os piores da minha vida e, apesar de saber que pode não acreditar, vou pedir assim mesmo.

— O que... o que está fazendo? — perguntou, a visão embaçada por lágrimas ao vê-lo ajoelhar-se ali, ao seu lado.

— Antonella, por favor, me perdoe e me faça o homem mais feliz do mundo ao aceitar fazer desse casamento uma união de verdade, esquecendo qualquer acordo. Refazendo um único compromisso, apenas o de amarmos um ao outro como jamais amamos qualquer outra pessoa, de fazermos disso uma união feliz. Case comigo, case comigo e dessa vez será para valer...

Segundos se seguiram, foram poucos, mas para Nicolas foram uma eternidade até que, entre soluços, ela proferiu as palavras que fariam seu

coração voltar a bater.

— Sim, eu aceito... seu idiota!

Nicolas sorriu, sentindo o alívio entrar por cada veia do seu corpo, indo direto ao seu coração, quando se levantou e a beijou com pressa e necessidade, sentindo as lágrimas dela molharem seu rosto.

— Obrigado, Antonella, obrigado, eu vou honrar o que temos te amando a cada dia, a cada minuto de nossas vidas. Eu prometo

— Eu também te amo, Nicolas Dangelo, amo muito e nunca mais faça algo assim, estou te entregando meu coração.

— Que eu vou guardar em um cristal e cuidar dele para todo o sempre.

E aquilo ali bastava para os dois. O amor era suficiente, sempre o era, quando vinha do coração, da alma. Estavam deixando uma paixão incerta e entregando-se ao verdadeiro e único amor!



EPÍLOGO

DUAS VIDAS

Não foi fácil, mas eles podiam dizer que foi um aprendizado delicioso, além de conhecerem de fato o que era amar uma pessoa em uma intensidade tão grande, que chegava a ser assustadora.

Naquele momento, Antonella estava sentada no chão, vestindo uma *legging* preta e um top cinza, tentando alongar as costas. Todos os dias, desde que entrara no nono mês de gestação, o que para gêmeos era quase um milagre, vinha fazendo os exercícios de yoga que tinha aprendido, para alongar o corpo, ajudar no parto e relaxar, tinha optado por um parto natural, a menos que não fosse possível, e disseram que a yoga ajudaria.

Tinha dúvidas daquilo, sua barriga estava imensa, já não dormia à noite e a dor nas costas estava matando-a, mas ainda assim estava radiante com a gravidez e Nick. Eles tinham dado um rumo diferente ao casamento, não havia mais acordo, nunca mais voltaram a falar naquilo, fizeram apenas planos, planos para o futuro e a cada dia achava que seu amor por ele crescia mais.

O homem tinha pegado em dobro no seu pé após um princípio de aborto e conseguiu se alimentar melhor, tendo uma recuperação esplêndida do seu quadro anêmico, uma vitória.

Levantou-se com certa dificuldade, apoiando-se no sofá e pegando o celular, colocou uma música, tirando o silêncio da ambiente. *Locked out Heaven*, de Bruno Mars, começou a tocar e ela arriscou-se a dançar, não com tanta desenvoltura quanto gostaria, mas queria apenas espairar, ajudar a passar o tempo. Era entediante ficar em casa, mas era para o seu bem. Para esquecer que, se dali a cinco dias não tivesse dor, teria que fazer uma cesariana.

Fechou os olhos, imaginando vários cenários, em um deles estava em um momento assim, tranquilo, e um choro de bebê — ou dois — a trazia para

a realidade, mas a única coisa que encontrou ao abrir os olhos foi Nick, olhando-a com um meio-sorriso no rosto, vestindo uma camisa azul de mangas e uma calça jeans preta, casual.

Ela não se intimidou, pelo contrário, abriu o sorriso que ele dizia tanto amar e, dançando sensualmente como podia, foi se aproximando dele, tocando sua mão e puxando-o para acompanhá-la na dança.

— Acho melhor ficar só de espectador...

— Ah, venha... por favor.

Ah, ele estava perdido. Não conseguia dizer não a ela e a seguiu em uma dança desajeitada, fazendo-a sorrir, na verdade, entrar em uma crise de gargalhadas.

— Você é péssimo! — exclamou enquanto ele a puxava para si.

— E você é linda.

— Estou gorda, com cara de bolacha recheada. Como você é mentiroso!

— Está linda, continuaria linda mesmo se não passasse por aquela porta, simplesmente porque é o amor da minha vida, Antonella — disse, beijando seu rosto, levando um joelho ao chão, colocando a mão em sua barriga, deixando um beijo doce sobre ela e fazendo-a sorrir.

E a forma como a olhava... Ah, ela adorava aquele olhar!

— Ora... como estamos românticos... gostei disso e eu também te amo.

— Gostou? Porque eu posso fazer você gostar muito mais... — disse, levantando-se e abraçando-a, um olhar sugestivo brincando em sua face.

— Pode, é? Como?

Nick sorriu, levando as mãos para seus cabelos e beijando-a, sua língua pedindo passagem, buscando a dela em um beijo lento, apaixonado e não menos urgente, ela se entregou ao beijo como fazia com qualquer toque dele, mas parou repentinamente.

Nicolas estranhou quando segurou o seu rosto, olhando-a e vendo uma pequena careta de surpresa tomar sua face.

— Nick, eu acho que... Hum...

— Ella, algum problema?

— Não sei, é só que... Aí — disse, levando as mãos à barriga e segurando-a.

— Os bebês? Deus, vou ligar para a médica! — disse, apressado, mas antes que se afastasse, ela o segurou.

— Não, espere, é só um... desconforto, acho.

— Amor, achar não me tranquiliza em nada.

— É só respirar e vai passar... vai passar, eu vou ao banheiro.

Antonella não se deu ao trabalho de subir para o quarto, usou o lavabo ali mesmo, na sala. Respirou fundo ao fechar a porta, o coração batendo mais rápido. Abaixou a roupa esperando ver sangue ou líquido, mas não havia nada, o que queria dizer que a bolsa não tinha rompido e que poderia ser só mais um alarme falso.

Mas a secreção que viu ao fazer xixi foi o suficiente para saber que não era só um alarme de uma mãe de primeira viagem, tinha chegado o momento, junto, claro, da pequena fisdada que sentia em seu baixo ventre.

— Peguem leve com a mamãe... peguem leve — disse, puxando a respiração pelo nariz e soltando pela boca, controlando a ansiedade.

— Meu amor! Já liguei para a médica, sei que pediu para não ligar, mas... Bem, quer que eu arrume tudo lá em cima?

— Não... e fez bem em ligar, mas acho que ela vai demorar um pouco para chegar, ainda temos tempo, lembra? Começou agora e pode ser só mais um alarme falso.

— Então... acha que chegou a hora?

Sabia que não era um alarme, apesar de ter passado por um na semana

passada. Mas agora o que sentia era diferente, tinha chegado a hora e estava apenas tentando deixá-lo calmo. Aparentemente não estava adiantando muito, já que, quando saiu do lavabo, lá estava ele, esperando-a próximo à porta, encostado na parede.

— E aí?

Antonella sorriu.

— E aí que parece que elas querem sair e conhecer o papai e a mamãe e que você tem de se acalmar, não vai adiantar ficar nervoso. Pode demorar horas e preciso de você calmo para segurar a minha mão e me tranquilizar!

— Estava tentando me deixar calmo, não é? Não é um alarme falso.

— Não, não é. Venha, me ajude a ir lá para cima, vou tomar um banho e colocar algo mais leve.

— Não acha que é bom deitar e esperar sua médica? Quer que eu te leve no colo?

— Claro que não! — Ela parou, virando para ele e segurando seu rosto aflito entre as mãos. — Vimos isso no curso que você nos obrigou a fazer, lembra? É algo normal e, por ora, não deve ser nada, ainda está começando.

Ele anuiu, mas estava nervoso, eram suas filhas que iriam nascer e a mulher que tanto amava daria à luz as duas meninas. Antes tentou convencê-la a fazer uma cesariana devido aos riscos de uma gravidez de gêmeos, mas ela não quis e então só lhe restou preparar o quarto para o parto natural como Antonella escolheu.

Ao invés da banheira que iria colocar lá, foi instalado uma pequena piscina no quarto, preparado para aquele sonhado momento, tinha repassado milhões de vezes o que aconteceria, mas ele tinha medo, medo de complicações. Não tinha gostado muito do que tinha lido na internet sobre parto de gêmeos, aquilo o tinha deixado um tanto aflito com o que poderia ou não acontecer. Deixou-a no banho e foi expulso por ela, sentando-se na cama e esperando.

Naqueles últimos meses, ambos tinham crescido como casal, se

conhecido mais. Nunca imaginou que poderia ser tão feliz em um casamento, mas estava especialmente se sentindo o homem mais sortudo do mundo por tê-la.

Antonella também parecia feliz com ele, tornando-se completa quando a mãe decidiu dar uma pausa em sua mágoa com a filha e tentou se aproximar, cerca de dois meses atrás. Sentiu sua mulher mais leve depois da visita da mãe, radiante até. Estavam mesmo felizes!



— Vai amor... você consegue, está quase lá! — disse Nick, sentindo uma gota de suor escorrer por sua face, estava a ponto de pedir que a levassem para o hospital para que a dor que via em seu rosto passasse.

Estava sentado atrás dela, dentro da água, tendo Antonella encostada ao seu peito, segurando sua mão como se fosse um acalento. Naquele momento ela parecia exausta após seis horas de contrações e dores, que agora não demoravam mais a voltar.

— Ai, está vindo de novo, amor...

— Vai conseguir, meu amor, vai sim.

— Vamos lá, Antonella, respire fundo e, quando sentir a contração, eu quero que empurre com tudo que puder, vamos lá, está quase. Você consegue! — A obstetra estava à sua frente, ajudando, dando força, pronta para qualquer emergência que viesse a ter.

— Sim, eu consigo — disse cansada e vê-la daquela forma acabava com Nick.

— Vamos amor, vamos...

— Ahhhhhhhhhhhhhhh...

— Isso, está coroando, Antonella, empurre!

— Aaaaaaaaaaiiiiiiii!

— Isso... e olha só... a primeira está aqui!

A mulher deixou a cabeça pender no ombro do marido, sentindo certo alívio, mas com os olhos presos no bebê que acabava de emergir da água nos braços da obstetra.

— Nick, é a nossa bebê...

— Sim, amor, é ela e é linda como você.

Viram com emoção a médica embrulhá-la e se aproximar de ambos, dando uma tesoura a Nicolas.

— Quer cortar, papai?

— Com certeza. — E a emoção tomou conta quando segurou a tesoura e cortou o cordão onde foi indicado, ouvindo o choro do bebê em seguida, vendo-a ser entregue a uma Antonella chorosa.

— É o meu neném, nossa bebê, Nick!

— E pelo tamanho creio que seja a bebê número um, a mais sapeca, claro que viria primeiro.

Antonella só pôde rir, beijando a cabecinha suja do bebê que chorava em seus braços, emocionada, recebendo um beijo de Nick que parecia paralisado ao olhar a cena.

— Então essa será Anna... nossa pequena Anna. — Ela procurou seus olhos, que transbordavam a confusão dentro dele.

— Anna é perfeita como você.

Os dois estavam completamente perdidos no momento, em uma bolha perfeita de amor, mas ainda não tinha acabado e aquela bolha estava prestes a ganhar mais um membro.

— Muito bem, mamãe. Agora vamos ao segundo bebê, pronta?

— Sim, ver Anna foi como ganhar um sopro de ar.

— Então vamos lá. Será mais rápido e quando a contração vier...

— Está vindo, está vindo... Ahhhhhhhhh! — gritou, segurando com força a mão do marido, que pedia internamente que a dor que ela sentia passasse depressa.

E lá estava sua segunda menininha, despontando a cabeça e tendo o corpinho tirado da água. Sua mulher deixou um suspiro de alívio escapar, deixando-se descansar em seu peito, enquanto mais uma vez sorria como um bobo ao cortar o cordão umbilical, ouvindo o choro de Aurora.

Era emoção em dose dupla e quando, por fim, viu Antonella segurar as duas, não aguentou mais o choro preso em sua garganta, deixando-o sair enquanto bebia aquela cena. Era algo único na vida de um homem.

Ficou entregue ao momento, enquanto alguém, que ele nem queria saber quem era, tirava uma foto, agora a família estava completa e ele, aliviado. Depois suas meninas foram levadas e ajudou a enfermeira a tirar Antonella da água, limpá-la e levá-la para o quarto.

— Venha, amor, vou tentar deixar mais confortável para você amamentá-las.

— Não vou conseguir amamentar as duas, nem sei se tenho leite, Nick.

— Tem, não se preocupe quanto a isso, Antonella. Teve suas filhas de forma natural e seu corpo percebe isso. Quando começarem a mamar, seu corpo irá entender que deve provê-las, não se preocupe — disse a doutora Merci, trazendo uma das meninas e entregando-a com jeito para ela.

Antonella a segurou como algo imensamente frágil, seu pequeno diamante, e afrouxou o roupão, dando espaço para que mamasse. E quando a colocou perto do peito foi algo instintivo, ela o sugou e a mãe de primeira viagem só queria que o mundo parasse naquele instante, era perfeito.

— Aqui, com cuidado, vamos deixar Aurora mamar também, mamãe.

Nicolas ficou ali ao seu lado, ajudando-a a segurar as duas meninas, sentindo algo surreal em seu peito, orgulho, prazer, amor... até que terminassem de mamar. Se dependesse de Antonella, ela permaneceria com

as duas no colo por toda aquela madrugada, não importava o cansaço, ainda assim tinha arrumado um bom enfermeiro que não permitiria aquilo, ela tinha que descansar e foi ele que colocou as duas no berço ali próximo, sentando na beirada da cama, deixando um beijo em seus lábios e segurando sua mão.

— Obrigada por tudo, Antonella. Por ser minha esposa, minha namorada, essa mulher maravilhosa que acaba de me dá dois presentes lindos, iguaizinhos, e por me fazer um homem melhor. Eu te amo, Ella.

— Também quero te agradecer por dá-las a mim, por estar ao meu lado. — E viu a emoção pura nos olhos azul-celeste. — Eu também te amo.

— Deu luz à minha vida e agora durma, está cansada, dolorida e precisa descansar.

— Eu queria não estar, queria ficar com elas... — disse, olhando seus dois pacotinhos, sonhadora.

— Eu cuido delas e de você durante o sono, não se preocupe. — Deixou um beijo em sua testa e a cobriu, ficando ao seu lado e segurando sua mão até que dormisse.

Levantou-se e, quando deixou o quarto, a equipe médica já estava de saída, agradeceu mais uma vez, ouviu algumas recomendações e voltou ao quarto, colocando a poltrona de amamentação perto do berço, sentando-se e abaixando a grade do berço para poder tocá-las.

Levou a mão ao rostinho de cada uma e, com a ponta do dedo, pôde entender o que Dean falava quando dizia que não podia descrever o amor que sentia por Cecília e Livia. Era mesmo algo único.

Tocou a mãozinha de ambas e teve a grata surpresa quando uma delas, Aurora pelo o que via escrito na pulseirinha, segurou seu dedo. Ele sorriu, a felicidade não cabia no peito.

— Serei o melhor pai do mundo, isso eu prometo. Não tem nada no universo que eu ame mais do que vocês e sua mãe. São meus diamantes!

Nicolas não sabia, mas ali na cama tinha uma mulher que o ouvia e que sentia o mesmo sentimento dentro de si, que tinha feito o possível para aquele

amor crescer dia após dia naqueles últimos meses e continuaria a cultivar aquele mesmo amor dali em diante.

Tinham ali a certeza da felicidade e do amor verdadeiro, um amor duradouro e feliz.

E como eu sempre digo... Ah, o amor!



AGRADECIMENTOS:

Quero agradecer a Deus por ter me sustentado até aqui, à minha família e amigos por segurarem em minha mão e a você, leitor. Principalmente a você, leitor, essa obra é para você! Não há palavras para descrever o amor e o carinho que tenho por vocês...

Agradeço a Jack, Wânia, Lucy e Sther por estarem comigo, por me ajudarem imensamente a estruturar, corrigir, betar e me incentivar a terminá-la. Você são os meu xuxus adorados e eu amo vocês!

Neste percurso, tenho alguém especial a quem devo agradecer também, alguém que entrou de forma inusitada em minha vida, mas não menos especial, alguém que vou levar para sempre no coração. Em um momento de desespero, em meio a dúvidas, ele foi uma âncora, uma seta ao me ajudar a achar a direção de volta e sou imensamente grata, jamais esquecerei, M.R... *Te livro!*

Agradeço também às minhas vingadoras perfeitas, ao SAH, vocês foram imprescindíveis, às amigas-autoras que me entenderam quando ninguém mais entendia, que disseram: você consegue. Também ao meu grupo de leitoras que tanto amo o meu muito obrigada e a você, que está chegando agora e conhecendo a Gisa pela primeira vez!

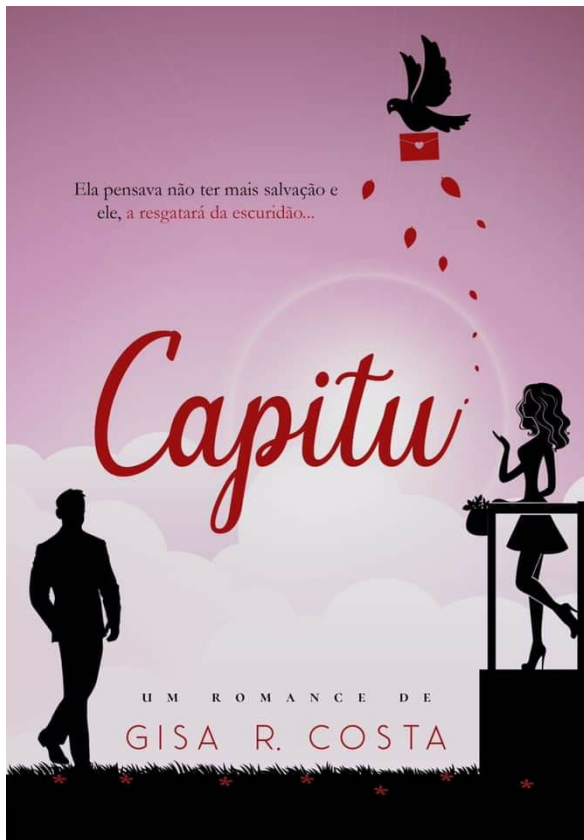
Esta sou eu, uma apaixonada pela escrita e encantada com novos mundos. Obrigada por sua leitura.

Acho que é isso. Serei eternamente grata e até a próxima!



OUTRAS OBRAS DA AUTORA:

CAPITU



Sinopse

ROMANCE PARA MAIORES DE 18 ANOS. PODE CONTER GATILHOS, LEMBRANDO QUE ESTE NÃO É O INTUITO DO LIVRO!

Uma mente confusa, no corpo de uma jovem mulher de feições gentis e

sorriso doce, que esconde em seu íntimo uma dor profunda. Romântica, Capitu procura um amor igual ao das páginas dos romances que devora, mas falha em sua busca.

Abandonada em um momento difícil e infeliz, ela não vê mais solução para sua vida e toma uma atitude drástica que mudará seu destino para sempre.

Tiberius é um homem de várias facetas, um leitor de romances inveterado, que tem a vida bem arquitetada e minuciosamente planejada. Médico dedicado, vai precisar pôr todo o seu conhecimento à prova para ajudar Capitu, a mulher que serpenteava seus sonhos, morava em seus pensamentos.

Dois caminhos diferentes, que se cruzam por acaso. Duas almas quebradas, mas que juntas encontram um no outro a sua redenção...

Prólogo

Abandono... para alguns pode não fazer um estrago tão monumental, mas, para outros, pode criar um buraco negro no coração do indivíduo, levando-o a uma vida de inseguranças, medos e aflições...

— Mamãe! — A menina franzina chamou a atenção da mulher de pele clara e olhos tão verdes quanto os seus, enquanto a matriarca fingiu não ouvir e pegou algumas peças no guarda-roupa, enfiando-as na mala sobre a cama. — Mamãe, aonde vamos?

Não, a menina não sabia, mas não iria a lugar algum, nem naquele dia ou em outro próximo. Darla continuou o que estava fazendo, ignorando a garotinha de olhos grandes, que a assistia ainda próximo à porta do quarto do casal, segurando um urso velho preto em suas mãos.

Capitu se aproximou da cama, vendo a mãe colocar roupas dentro de uma mala vermelha apressadamente, mal notando a criança de sete anos ao

seu lado.

— Não mexa em nada, garota! — ralhou, ao ver a menina alisar uma peça de cetim dentro da mala.

— É pra eu arrumar as minhas coisas, mamãe? Vamos viajar? — A voz infantil se fez ouvir mais uma vez, porém com certa hesitação.

— Não, Capitu, não é pra arrumar nada!

— Mas a senhora...

Darla perdeu a paciência com a filha e segurou o pequeno braço de Capitu, aproximando seu rosto da face da criança. O grande hematoma no olho esquerdo da mulher ficou evidente, e a menina notou o machucado, arregalando ainda mais os olhos no rosto magro.

— Pare de falar, só pare, tá legal? — disse, com a voz alterada, e sentiu os dedos leves da filha percorrerem sua face direita, que permanecia intacta.

— Ele fez de novo, mamãe?

A voz doce, chorosa pelo que a mãe vinha sofrendo, chegou aos ouvidos de Darla, mas não a comoveu.

— Vá brincar, Capitu — disse, ríspida, largando o braço da menina.

Capitu não entendia bem, mas sabia o que seu pai fazia com sua mãe quando achava que ela estava dormindo. Chegou a presenciar algumas vezes tal ato abominável, que a fazia se encolher em um canto e chorar por causa de todas aquelas atrocidades. Ela amava aquela mulher, mesmo sendo uma mãe omissa, sem carinho ou amor pela pequena criatura de olhos esmeralda.

De alguma forma deturpada, Darla culpava a filha por estar naquela situação, presa àquele casamento, afinal, foi por conta da gravidez que se casara com Adriano, pai de Capitu. Uma pena, a menina nada mais era do que uma vítima de toda aquela situação, de toda violência e descaso humano.

Obedecendo, a menina saiu do quarto e foi ligar a TV. Sentou-se no sofá, vestindo apenas um baby-doll dos Bananas de Pijamas, desenho que ela amava, e se entreteve com o Pica-Pau. Pouco tempo depois, viu a mãe sair do

quarto com pressa em seu andar e ficou apreensiva.

Darla não esperava que Capitu acordasse cedo naquele dia, por isso, acreditava que sairia sem ser vista por ninguém. Para sua infelicidade, isso não aconteceu, e agora se encontrava em apuros. Aproximou-se da menina, agachou-se à sua frente, segurando o rosto da criança.

— Preste atenção no que direi, Capitu — disse, vendo os olhos da menina se encherem de lágrimas, de alguma forma, já prevendo o que viria. Algo estava muito errado naquela manhã. — Estou saindo, e quando seu pai chegar e perguntar por mim, diga que não sabe, que eu já tinha ido quando acordou.

— Mas... a senhora não vai me levar?

Darla negou, sentindo, por um breve momento, remorso em seu duro coração, e a menina insistiu:

— Mamãe, quem vai cuidar de mim?

— Preste atenção, garota, e não faça drama. Você já é grande o suficiente para entender. Quando Adriano perguntar por mim, você dirá que, quando acordou, eu já não estava em casa e que não sabe pra onde fui.

— Vai me deixar aqui com ele? — Àquela altura, as lágrimas já começavam a descer em abundância pelo rosto infantil. — Não me deixe aqui, mamãe, por favor, não me deixe aqui com ele. Eu prometo me comportar, mamãe, por favor me leve.

Mas as súplicas de nada adiantaram, e Darla se levantou sem se despedir, sem um beijo ou uma palavra de afeto para a filha. Sem doar nada para aquele pequeno ser que ela mesma havia gerado e, por duas vezes, tentado abortar durante os longos meses de gestação. A menina viu com terror a mãe pegar a mala e ir em direção à porta. O desespero a tomou e ela se levantou do sofá, jogando o urso ao chão e atirando-se aos pés de sua mãe. Ela abraçou as pernas da mulher, tentando impedi-la de ir adiante.

— Por favor, mamãe, por favor me leve. Eu não quero ficar com ele, por favor, mamãe. O papai não gosta de mim, me leve, mamãe, me leve! — disse, entre soluços desesperados, de dar pena em qualquer ser humano com

um pingo de amor possível no coração.

Darla soltou a bolsa e se agachou, arrancando a garota grudada em suas pernas com brutalidade e deixando-a sentada no chão.

— Me solte, Capitu! Droga. Você foi a pior coisa que me aconteceu, a culpa disso tudo é sua, só sua, garota! Não a quero comigo, não quero nada que me lembre dessa vida.

Dizendo isso, a mulher saiu pela porta com rapidez, enquanto ouvia os gritos desesperados chamando-a, e mãos pequenas batendo na madeira, tentando inutilmente abrir a porta. O choro infantil ecoava por todos os lugares enquanto uma grossa chuva começava a cair, mas Darla não parou, apenas seguiu seu caminho sem olhar para trás.

Incrivelmente, se sentia feliz por, enfim, se livrar de pai e filha...

LUZ DA MINHA VIDA



Sinopse:

Por Teu Amor: Um Milagre de Natal.

Como aceitar que acabou e que você irá perder o amor da sua vida? Como lidar com a dor e a culpa que parecem corroer sua alma por dentro?

Dean ainda não aceitou e não sabe lidar com tantos sentimentos e com a impotência, ele não é capaz de aceitar.

O homem com a vida perfeita, toda planejada, se vê perdendo tudo que lhe é mais caro em uma fração de segundos preciosos, assistindo a seu mundo desmoronar, ruir à sua volta e apenas uma pequena criatura é capaz de lhe

trazer paz. Sua Cecília, a menina de 4 anos que passou a ser a luz do seu mundo, mas nem mesmo a doce criança é capaz de aplacar todo aquele sentimento preso em seu peito, apesar de ser o motivo do homem continuar a lutar.

"A culpa é sua..."

Era? Ele acreditava que sim, se culpava dia após dia, só resta saber se há esperanças para um homem quebrado!

Prólogo

O amor... falo daquele sentimento único, o qual poucos seres humanos tiverem, de fato, a oportunidade de sentir. O sentimento que ultrapassa barreiras, vence o tempo, os preconceitos e até mesmo o orgulho. Esse é de fato o amor e se você, caro leitor, já sentiu algo assim, se considere alguém de sorte, alguém que viveu com plenitude...

Capítulo 1

Era tarde e, naquela noite fria, em meio à escuridão, a felicidade reinava, enquanto a neve caía lá fora, formando um espetáculo sem igual aos olhos de Lívia, que olhava pela janela, encantada com tamanha beleza. Um sonho se realizava naquele quarto de um jeito único. Uma felicidade e um amor que poucos seres humanos são capazes de sentir em toda uma vida. Ali, naquele quarto de hotel em uma pequena cidade da Argentina, se concretizava a certeza de um amor, de um casamento há muito esperado.

Aquelas quatro paredes passaram a ser testemunhas da união de duas almas, duas metades de uma laranja que tinham uma vida inteira para aproveitar todo o amor que transbordava até mesmo pelos poros de Lívia e Dean.

— Quando tivermos nossos filhos, voltaremos a esse lugar todos os

anos, amor — disse Livia abotoando o brinco de pérola na orelha direita, enquanto seu marido a olhava, embevecido.

Dean sorriu de lado, de um jeito só dele, e permaneceu sentado à espera de que a esposa terminasse de se arrumar para irem jantar. O homem alto, moreno, de cabelos lisos e barba bem aparada se levantou e, em poucos passos, estava atrás de Livia, que sorriu ao sentir as mãos masculinas acariciarem sua cintura. Viu pelo espelho quando ele encostou o maxilar na curva de seu pescoço e depositando um beijo suave na pele leitosa e macia, inspirando o cheiro doce e cítrico de rosas.

— E quantos serão? — perguntou, sem deixar de fazer carinho no pescoço feminino, descendo os lábios carnudos e vermelhos pelo ombro coberto por uma fina renda negra.

A mulher de cabelos negros incomuns, de corpo baixo e curvilíneo, se virou para o marido com um largo sorriso no rosto e enlaçou sua nuca com os braços, derretendo-se como sempre fazia quando estava naquele aconchego, sentindo o cheiro almiscarado encher suas narinas. Um cheiro que ela conhecia bem, tinha cinco anos que Dean usava o mesmo perfume, fruto de um presente de Natal de Livia, ainda quando eram enamorados. Desde então ele se negou a trocar e ela adorava esse fato em especial, pois, segundo ele, aquele foi o primeiro presente trocado entre ambos, o primeiro de muitos Natais que vieram e por isso era tão especial para ele. Uma pequena amostra de tamanho carinho e cuidado.

— Três, no mínimo! — Dean levantou a sobrancelha em uma indagação muda e Livia deu de ombros. — Ah, quero muito uma família grande como a sua, ser filha única não é algo bom e quero uma família imensa, uma mesa farta e muito barulho em casa.

Livia viu o marido virar o pescoço para trás e dar uma estrondosa gargalhada, levando-a a acompanhá-lo.

— Amor, você odeia barulho — disse, assim que recuperou o fôlego, vendo-a ajeitar a gravata azul na gola branca bem engomada.

— Sim, odeio, mas isso é com os filhos dos outros e os outros, os nossos não. E a primeira será uma menina, linda e pequenina, com os seus

olhos. Tenho certeza.

— Como tem tanta certeza de que será uma menina? — perguntou, risonho.

— Eu não sei. Simplesmente sei... estranho, não é? Mas sei que nossa Cecília será a primeira...

— Olhe isso, e já tem até nome? Ora, não sabia que, após o casamento, eu deixaria de fazer parte das decisões, não foi isso que me prometeram, me sinto enganado.

Dean levou um tapa no braço e riu, fingindo sentir dor.

— Não seja bobo, sabe que sempre amei esse nome.

— Sei e por isso concordo com você que o nome é perfeito, mas, por ora, vamos deixar que a vontade de Deus se cumpra. Ele saberá o que nos dará e quando dará. Por enquanto, querida esposa, só quero dizer que está perfeita nesse vestido e, se não descermos agora para jantar, talvez eu queira mudar nossos planos, tirar essa roupa e amar todo o seu corpo, cada pedacinho... — disse de forma maliciosa, roçando os lábios em sua orelha e fazendo-a se arrepiar.

— Hum... — Lívia gemeu, mordendo inconscientemente o lábio inferior com aquela promessa pecaminosa.

— Não faça isso, não gema assim...

Lívia riu diante do desejo evidente do marido e pigarreou tentando se controlar.

— OK, então vamos. Estou faminta após a maratona de sexo que tivemos e preciso me alimentar para mais uma rodada, certo, querido esposo?

Dean sorriu maliciosamente, mordendo de leve a ponta da orelha da esposa e afastando-se dela. Sabia que, se continuasse grudado ao corpo de Lívia, não sairiam tão cedo daquele quarto e a lua de mel seria inteiramente entre aquelas quatro paredes bem ornamentadas do quarto de hotel e aquela época era especial demais para não ser aproveitada de todas as formas, pois se tratava, nada mais nada menos, do mês mais querido por Lívia, no qual se

comemorava o seu tão esperado Natal, data que ela amava desde criança. Era especial porque a fazia se lembrar da avó, uma senhora gentil, que sempre fizera questão de celebrar a magia do Natal...

— Papai?

A voz doce se fez ouvir e Dean abriu os olhos depressa, voltando ao presente e vendo à sua frente a pequena menina de pouco mais de quatro anos, com olhos grandes e esverdeados iguais aos seus. Os cabelos curtos, negros como a noite, estavam soltos e a franja caía sobre a testa suada. Ela carregava no braço um pedaço de pano vermelho e desgastado, que insistia em acariciar, enquanto chupava o polegar. Dean levou as mãos aos olhos de forma apressada, deixando o encosto do sofá e limpando qualquer resquício de umidade. Ele estendeu a mão para a pequena, que o observava com atenção, torcendo o pano surrado em suas mãos.

— O que foi, luz da minha vida? A senhorita não deveria estar na cama? — perguntou, engolindo o bolo que as lembranças lhe trouxeram, pegando a menina e colocando-a sentada em sua perna, enquanto cheirava os cabelos fartos.

— Sim, e o senhor também, né? — Ele a olhou e a pequena teve a decência de perceber o próprio erro e baixar o olhar. — Já sei, é que eu sou criança, né?

— Exatamente e já deveria estar no décimo sono.

— Hum... mas papai...

— Não adianta, não vou contar o que o Papai Noel vai dar para você no Natal, Lia. Para falar a verdade, este ano o bom velhinho não quis me contar. Deve aprender a segurar toda essa ansiedade presa aqui e esperar até o Natal — disse, apontando na direção do pequeno coração e a menininha bufou, fazendo-o rir. O gesto o fez lembrar quando contrariava Livia e teve de segurar a emoção.

— E se eu te der um tantão assim de beijos? Muito, muito, muito, o senhor me conta?

Ela não tinha jeito, sabia bem como persuadir o pai, mas dessa vez não iria adiantar — como tinha acontecido em todos os outros Natais.

— Desse tamanho e já tentando subornar o pai? — disse, levantando-se e levando a menina em seus braços. Ela riu, faceira, fazendo duas covinhas lindas se abrirem nas bochechas rechonchudas. — Mas tenho uma proposta melhor: que tal irmos agora para a cozinha tomar um leite morno e depois dormirmos? Amanhã bem cedo tem aula, ou já se esqueceu?

— Mas, papai, eu não estou com sono.

Dean sorriu, colocando a menina em seus ombros, abrindo a geladeira, pegando o leite e preparando-o em seguida.

— Eu também não e é por isso que vamos tomar um bom leite morno, pois, como a vovó diz: leite morno cura tudo — disseram em uníssono, enquanto a menina se agarrava com ambas as mãos nos cabelos curtos do pai.

Dean retirou a pequena chaleira do fogo e em seguida encheu o copo estampado com a Elza, entregando-o à menina e servindo-se em seguida. Cecília tomava a bebida atenta ao pai, que fazia o mesmo, vendo a menina balançar as pernas gorduchas dentro de um pijama cheio de estrelas e luas. A garotinha não conseguia ficar quieta, era imperativa como a mãe, não puxando em nada a calma do pai.

— E então, vamos para cama?

— Eu ainda não estou com sono, papai — respondeu, emburrada, não segurando um bocejo e o pai riu, pegando a menina e levando-a em direção ao quarto. — Vai me deixar dormir com o senhor? — disse rapidamente e um pequeno sorriso de satisfação se abriu nos lábios vermelhos e em formato de coração. Ela adorava o aconchego que o pai lhe dava.

— Sim, vamos contar juntos as ovelhinhas.

— Eu nunca termino...

— Essa é a ideia, minha luz.

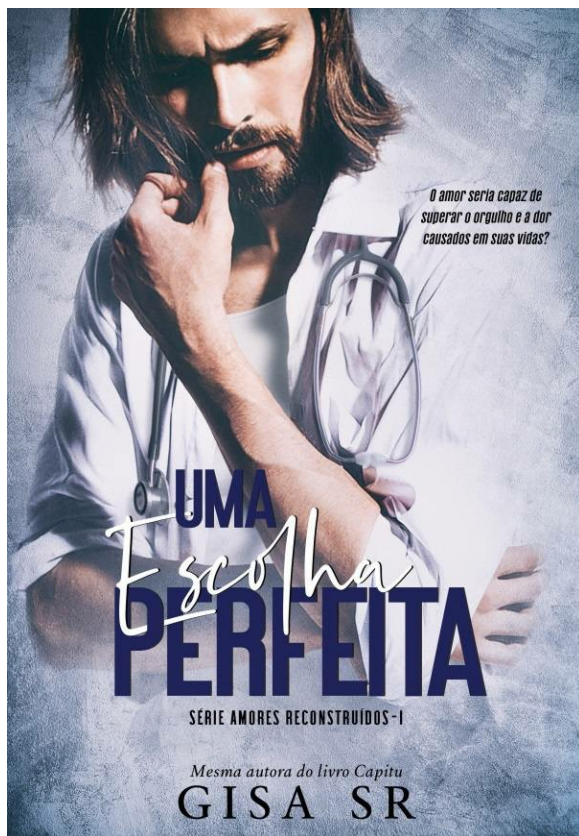
Dean adentrou o quarto de visitas, onde vinha dormindo nos últimos tempos, e colocou Cecília na cama, que logo se embrenhou em meio às

cobertas do pai, esperando que ele se pusesse ao seu lado. O pequeno corpinho se aconchegou a ele e, juntos, contaram as ovelhinhas, até que não se ouvia mais a voz doce e infantil, restando apenas um leve ressonar.

Apesar de sentir paz ao ter sua filha em seus braços, o pobre homem ali deitado na grande cama se sentia oco, vazio e sem chão...

Pobre Dean, o destino fora cruel, vil e sem escrúpulos e o amor não tinha sido suficiente.

“ESCOLHA PERFEITA”



Sinopse:

Desejos, segredos e mentiras...

Um médico orgulhoso que não acredita no amor. Deixando as marcas do passado entrarem em sua alma, Augusto se vê desistindo de amar, expurgando qualquer lembrança dolorosa deixada por ela.

Já Cristine, uma mãe solteira que esconde segredos perigosos, decide seguir em frente a todo custo, tentando sempre não olhar para trás, cuidar de sua filha e manter uma única regra em mente: não se envolver.

Os destinos dos dois se cruzam, bagunçando suas vidas. E nesse impasse, Cristine quer só uma noite de prazer, se sentir mulher uma única vez, e Augusto é um meio delicioso para esse fim.

Ambos não contavam que o desejo iria evoluir e tomar conta deles, nem que uma menininha de olhos doces tocara o coração duro de um ogro buscando redenção.

Neste jogo de amor e mentiras, eles irão descobrir que o passado nunca se mantém onde deveria ficar, ele pode assombrar o futuro e apagar o presente, condenando o amor mais puro.

Capítulo 1

A vida é feita de escolhas, porém elas cobram um preço. E não importa qual é a sua opção. Mais cedo ou mais tarde, a vida cobrará a conta...

— Eu não tenho nada contra, Silvy, só acho que não consigo. Olhe bem para mim — falo para Silvy, minha tia postiça, como ela mesma faz questão de lembrar.

— Não seja boba, Cristine. Só preciso lhe passar algumas dicas, e essa

sua cara de virgem fará o resto. O serviço é fácil, sem falar que ele irá te pagar uma nota preta para tirar a sua virgindade, e você precisa de dinheiro.

— Silvy! — repreendo-a, sentindo a bile subir a garganta.

— Abra os olhos, Cris! Se olhe no espelho! Você possui uma beleza exótica e tem que se aproveitar disso.

— Eu ainda não sei...

E não sabia mesmo. Eu era apenas uma menina magricela de cabelos claros sem graça e rosto quadrado, sem nenhum atrativo a não ser os olhos.

— Pelo amor de Deus! Eu garanto que Maurício é um homem rico, lindo e cheiroso. E ele me prometeu que será gentil com você.

Bufo com a fala, como se isso importasse no fim das contas e ela continua:

— Eu sinto muito por isso Cris, sinto muito mesmo. Meu coração está apertado aqui, menina, mas essa é a saída mais rápida.

Apenas aceno, sabendo que ela tem razão...

Estamos no quarto de Silvy conversando, pois, depois de muito relutar, estou prestes a aceitar a coisa mais absurda que já cogitei fazer em minha vida.

— Eu sempre imaginei que seria diferente, sabe? — falo, como se estivesse desabafando comigo mesma, sentindo que estou perdendo algo especial. — Achei que seria com alguém que eu realmente amasse. Um namorado, algo assim!

— Ah, meu bem! Estes sonhos e quem você é neste momento não podem mais coexistir. Isso não faz mais parte de você. A vida te derrubou cedo demais, meu amor, e quando isto acontece, a gente não pode mais sonhar. Agora é a vida real, Cristine.

Sinto meus olhos encherem de lágrimas.

— Meu Deus! Há alguns dias, eu era só uma garota que tinha passado no vestibular de medicina... — Levanto-me, sentindo o desespero de dias

atrás tomar posse de mim outra vez.

— Você tá precisando de dinheiro, ou não? — Ela parece enfim se cansar de me convencer a achar uma saída.

— Sabe que preciso disso mais do que qualquer coisa no mundo...

— Sendo assim, meu bem, posso te garantir que não conseguirá isso, trabalhando meio período na biblioteca! A não ser que você tenha um plano para assaltar um banco ou pretenda ganhar na Megasena, essa é a melhor saída. Se depois não quiser mais, tudo bem, é só parar — Seus olhos estão em mim, apreensivos e pesarosos.

Respiro fundo, tentando aceitar o que estou prestes a dizer:

— Tudo bem, irei fazer!

Silvy arregala os olhos, estalando a língua em concordância.

— Ótimo! Não precisa se preocupar com nada, ele irá saber exatamente o que fazer. Você só precisa relaxar. Se você quiser desistir na hora, lembre-se de Cate!

— Certo — falo sem muita certeza, sentindo-me vazia.

— Agora temos que encontrar um nome de trabalho para você. Acredite: ter um nome de trabalho, ajuda muito! — fala e olha para cima, parecendo pensar em algo, e depois me fita.

— Melhora essa cara, garota. Sexo não é ruim! Ainda mais quando se recebe um cheque gordo no final. E o seu, meu bem, será obeso! Acredite em mim.

É ridículo, eu sei. Mas que escolha eu tenho? Acredite, nenhuma.

— Agatha?! — falo rápido.

— Como é? — Ela me olha sem entender.

Silvy já é uma senhora na casa dos 50 anos, baixa e de cabelos vermelhos escuros — pintados, é claro. Eu a considero uma segunda mãe, pois a conheço e convivi com ela desde que nasci. Apesar da idade, ela

aparenta ser mais jovem por ser vaidosa e sempre andar bem arrumada. Uma boa pessoa, apesar dos pesares.

— O nome, quero Agatha — falo de novo e, dessa vez, com mais certeza.

— Certo! É você quem decide. Maurício virá te pegar as oito e faz questão de passar a noite toda com você. Fique tranquila, isso não é um bicho de sete cabeças, menina. — Ela afaga meus cabelos e sorrir, gentil. — Ele fará praticamente tudo e dirá o que quer de você. Vai gostar dele, tenho certeza!

Dou um suspiro cansado, não querendo acreditar nisso e com medo de estar cometendo um erro.

— Silvy, e se eu não conseguir? O que farei?

— Vai conseguir. Acredite em si mesma!

Respiro fundo, tentando ter a mesma fé, que ela aparenta ter em mim.

— Certo...

Não estava certa do que estava prestes a fazer, mas não me julguem por favor. Preciso muito da grana e se esse é o preço, eu pago. Preciso fazer escolhas a partir de agora, e elas não são nada ortodoxas, mas é preciso.

Depois dessa conversa, Silvy me ajudou a me arrumar e às 19:50h, estou pronta — e muito nervosa por sinal. Sentia minhas pernas tremerem e duvidava que elas me obedeceriam quando fosse a hora.

Tentei pensar que isso seria passageiro e que logo me livraria de toda aquela droga. Claro que eu ainda não sabia o que a vida me reservava, mas, posso lhe adiantar que não foi bem o que planejei. Eu achava que a maior desgraça da minha vida já havia passado. Doce ilusão, o meu tormento estava apenas começando!

PRÓXIMOS LANÇAMENTOS:

UMA CHANCE PERFEITA

Sinopse:

Um amor... uma noite... um momento... uma lembrança... podem marcar um coração apaixonado para todo o sempre...

Alice não sabia disso até aquela noite na qual achou que, enfim, estava realizando seu sonho, encontrando o seu verdadeiro amor. Afinal era apaixonada por ele desde criança, mas algo acontece e tudo parece cair por terra no dia seguinte, desmoronando em sua cabeça depois de uma noite que lhe parecera mágica. E só aí ela percebe que tudo não passou de uma ilusão e só lhe resta um coração partido a ser curado

Uma mulher que deixou o amor e o passado por duas vezes, que decidiu seguir em frente apesar dos traumas vividos, deixando tudo onde deveria ficar, para trás. Mas o destino parece gostar de brincar com ela e, mais uma vez, Alice se vê frente a frente com seu passado, sua ilusão, seu amor de infância. O problema dessa equação é que sua ilusão tem nome, lindos olhos, um furinho lindo no queixo e parece decidido a entrar em sua vida novamente e agora de forma definitiva.

Pedro só quer uma chance, um pequeno momento para conquistá-la, mostrar para Alice como um homem de verdade deve tratar uma mulher, amar, venerar. Ele só terá de convencê-la a lhe dar uma nova chance, a confiar. Pedro só não imagina que o que está disposto a conseguir não será a primeira, mas sim sua segunda chance.

"Ela não está disposta a ceder, ele, não está disposto a desistir..."

Prólogo

Dizem que não existem segundas chances. Se não aconteceu em uma primeira, uma segunda vez só trará desgaste desnecessário. Mas e se uma das partes não souber que já perdeu sua primeira chance? E se ela não se lembrar? Isso conta? Lembre-se sempre... no amor e na guerra, tudo vale!

Corro pela sala sentindo o desespero me tomar, minhas pernas bambearem se enrolando no vestido longo. Entro no primeiro cômodo que encontro com rapidez, fechando a porta do banheiro em um baque surdo, com o medo arrepiando minha alma, um medo nunca sentido antes. Sinto como se o chão fugisse dos meus pés, como se estivesse perdendo tudo o que conheço e tudo ao redor parece desmoronar em minha cabeça. Sinto dor, meu corpo todo dói, principalmente, minha alma e tenho vontade de gritar, colocar a frustração e a humilhação para fora do meu peito, fugir. Gritar de desespero, fugir do medo e arrependimento.

Me odeio por me encontrar nessa posição, odeio a mulher que me tornei, um ser digno de pena, uma vítima. Essa não sou eu, não foi assim que planejei viver minha vida, não foi como sonhei que seria meu casamento.

— Alice! — Renato grita do outro lado da porta, esmurrando a madeira com força e eu me encolho ainda mais. — Abre essa porta porra! — rosna com a voz arrastada pela bebida, me causando ânsia. — Anda, Alice, abre essa porta e vamos conversar, abre logo, vai amor.

Conversar... não há nada o que falar, mais nada a dizer. Permaneço de joelhos no chão, enquanto lágrimas descem sem parar por meu rosto e me dou conta tarde demais de que eu nunca fui esse ser dependente. Levo minha mão ao rosto, sentindo a pele sob os meus dedos começar a inchar tampando a visão do olho esquerdo, assim como uma fisgada de dor e o gosto metálico de sangue preenchendo minha boca. Me sinto humilhada, pequena, um

grande pedaço de merda e não me reconheço mais. Há muito tempo não o faço.

Puxo a parte de cima do vestido, que ainda permanece aberta, e tampo meus seios expostos, tentando trazer algum tipo de dignidade, mas é em vão, a perdi quando me acomodei e acreditei em um casamento falido. Me sento no chão e abraço meus joelhos, sentindo de repente frio, meus ossos tremerem e meu corpo suar. Penso em minha família e nesse momento eu só queria meu irmão comigo, os braços de Augusto ao meu redor, fazendo o que sempre fizeram por uma vida: me protegerem.

Fico imóvel, enquanto ouço Renato ainda me chamar e bater na porta. Ignoro, tato o bolso do vestido em busca do celular e respiro aliviada ao senti-lo. Eu o trago para mim e faço a ligação, preparada para arcar com o que vier pela frente, com cada consequência.

— Oi, Porcelana... — Não seguro o choro ao ouvir a voz carinhosa do meu irmão, menos ainda me importo com o horário que estou ligando, soluços saindo livres por minha garganta. — Alice? Ali... você está chorando?

— Guto — mal consigo falar, minha voz é só um grasnado rasgado pela dor, não só física.

— Alice, o que está acontecendo? Fala comigo, por favor — ele pede completamente alarmado e desesperado.

— Ele... Renato... vem me buscar, Guto, por favor...

— Alice... Meu deus! O que aquele filho da puta fez? O que aconteceu, Alice? Preciso saber o que está acontecendo... — Não respondo, ficando cada vez mais letárgica, aérea. — Eu estou indo, Ali, já estou indo... — fala e sua voz vai ficando distante, fraca, quase inaudível.

Olho o celular em minhas mãos, sentindo o aparelho pesado demais e uma dor me invadir, me fazendo levar a mão até minha barriga e me dobrar ao meio. De repente já não sinto mais nada, não ouço nada e já não estou mais aqui... vejo apenas sangue...



BIOGRAFIA

Gisele Sousa Rocha, paraense, nascida na cidade de Rondon-PÁ em 30.07.1993, solteira, sem filhos. Com um grande amor por sua família, acredita que esse é o seu principal alicerce.

Seu pseudônimo nasceu do apelido pelo qual o avô a chama, sempre com muito carinho, e por quem tem imensa admiração e amor. Ele é o responsável por forjar parte do seu caráter e tem esse homem íntegro como seu maior exemplo.

Costuma dizer que a escrita a completa, a faz viajar por lugares inimagináveis e, com ela, pretende espalhar amor, paixão, fé e emoções a quem puder alcançar...



**PARA CONHECER MAIS TRABALHOS DA
AUTORA
SIGA-A NAS REDES SOCIAIS:**

Facebook:

Perfil: Autora Gisa SR

<https://www.facebook.com/gisa.r.costa>

Página: Autora Gisa SR

<https://www.facebook.com/GisaRochaCosta/>

Grupo: Romances da Gisa

<https://www.facebook.com/groups/351169755509586/?ref=share>

Intagram: Autora Gisa SR

<https://instagram.com/autoragisar.costa?igshid=j8vtg6fvlyp1>

Wattpad: @GisaSRocha

<https://my.w.tt/KxyNx9gut2>